

J. HERCULANO PIRES



ARI

RI

GO

*Vida,
mediunidade
e martírio*

Paideia

ARIGÓ: VIDA, MEDIUNIDADE E MARTÍRIO

José Herculano Pires

Publicação original: 1963

Editora Edicel

Edição digitalizada:

© fevereiro, 2020 – Brasil

Distribuição gratuita

Portal Luz Espírita

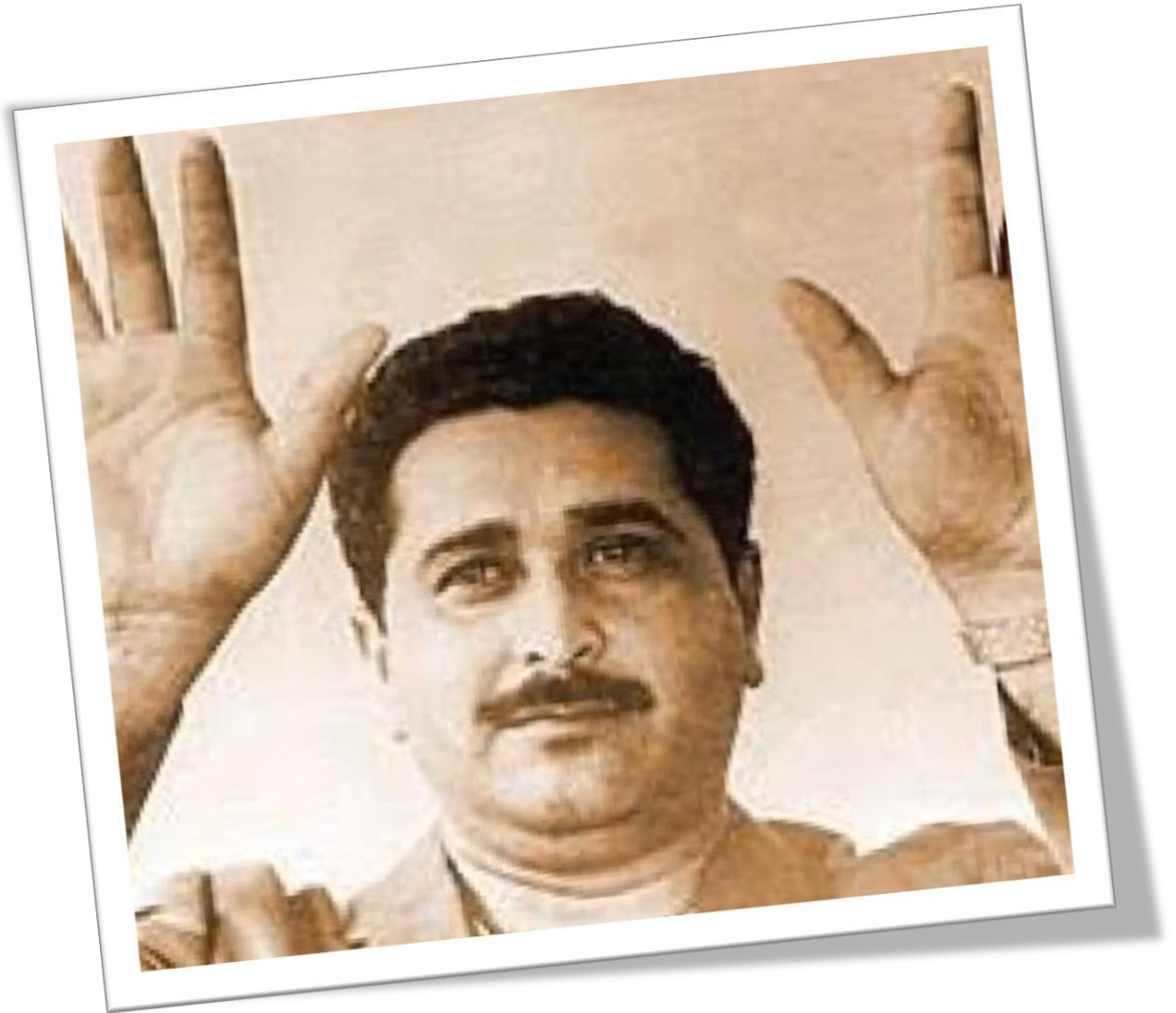
Autores Espíritas Clássicos



JOSÉ HERCULANO PIRES

ARIGÓ

VIDA, MEDIUNDADE E MARTÍRIO



José Pedro de Freitas
(Zé Arigó)

Apresentação da obra

Para se entender a mediunidade é preciso vê-la com isenção de ânimo, isto é, sem preconceitos. Mas, também, sem medos. Como Herculano Pires apresenta neste livro, onde estudou o fenômeno mediúnico que por muitos anos fizeram movimentar a imprensa brasileira e a mundial e que se convergiram para Congonhas do Campo, em Minas Gerais, onde nasceu e viveu o médium **José Arigó**, responsável pela mediunidade curadora.

Sumário

Arigó: um desafio – pág. 7

Primeira Parte: **O impacto Arigó** – pág. 13

I - A vida de Arigó – pág. 14

II - A mediunidade de Arigó – pág. 26

III - O martírio de Arigó – pág. 38

Segunda Parte: **Arigó e o paranormal** – pág. 48

I - Do Aleijadinho ao Arigó – pág. 49

II - Da benzedura à cirurgia – pág. 54

III - O homem e o meio – pág. 60

IV - Perfil social de Arigó – pág. 68

V - Situação social de Arigó – pág. 76

VI - Mitologia de Arigó – pág. 82

VII - Arigó perante a Ciência – pág. 87

VIII - Exames à ponta de faca – pág. 94

IX - Reconhecimento do paranormal – pág. 102

Terceira parte: **Depoimentos médicos** – pág. 110

I - Relato de um especialista – pág. 111

II - Um professor de cirurgia – pág. 117

III - Cura de um caso de câncer – pág. 121

IV - Cicatrização Imediata – pág. 126

V - Telediagnose e cura à distância – pág. 131

VI - Arigó: indivíduo metergético – pág. 137

VII - Telecinesia cirúrgica – pág. 143

VIII - Balanço do caso Arigó – pág. 148

a) Balanço dos fenômenos – pág. 152

b) Balanço das operações – pág. 153

c) Casos de cura – pág. 154

d) Observações finais – pág. 155

Bibliografia sumária – pág. 157

Arigó: um desafio

É preciso deixar bem claro para o leitor, seja ele espírita, católico, protestante, livre-pensador, materialista ou de qualquer outra posição ideológica, que o caso Arigó não é religioso. Tem, naturalmente, o seu aspecto religioso, mas o seu ponto central, o seu interesse fundamental é o desafio que ele lança aos meios científicos. Não se pode resolver o problema Arigó no quadro dos conflitos religiosos, onde, aliás, ele já se situou espontaneamente como espírita. Não se pode resolvê-lo também no quadro das disputas filosóficas. Mas no quadro das investigações científicas ele pode e deve ser resolvido. Vários motivos se opõem a essa solução entre nós: os preconceitos culturais que afastam os homens de ciência das investigações dessa natureza; os preconceitos religiosos que criam barreiras ao interesse de alguns cientistas mais arejados, ameaçando-os surdamente com perigosas consequências sociais; a mentalidade estreita que preside às atividades de nossas incipientes organizações científicas e, naquelas em que há maior arejamento, a pobreza, a falta de recursos financeiros e técnicos para um empreendimento de vulto, como seria o exame aprofundado do caso Arigó.

Por essas mesmas razões, outro grande desafio permanece até hoje em suspenso: o caso Chico Xavier. Desde 1932, quando foi publicado o *Parnaso de Além Túmulo*, Francisco Cândido Xavier vem desenvolvendo uma atordoante atividade psicográfica. Romances, contos, poesias, ensaios, volumes de interesse histórico, filosófico, científico e religioso, atingindo mais de cem livros foram por ele psicografados, lançados por várias editoras, traduzidos para diversas línguas e vendidos em edições sucessivas. O máximo que se fez, até agora, foi acusar o médium de

pasticheiro ou ignorá-lo. A prova máxima de indiferença temos neste fato quando o professor A. da Silva Mello quis combater todas as formas de espiritualidade existentes no país, lançando-se também contra as ocorrências mediúnicas, publicou o vasto volume de *Mistérios e Realidades Deste e do Outro Mundo*, em que Chico Xavier não foi sequer mencionado.

A posição dos nossos homens de ciência é muito cômoda. Alegam que Pierre Janet explicou a existência da escrita-automática e que a chamada psicologia profunda revelou a ação do inconsciente nessas produções escritas. A verdade é bem outra. Pierre Janet teve o mérito de iniciar a investigação da escrita-automática, mas nem ele, nem a psicologia profunda chegou a uma solução do problema. Chico Xavier é um desafio, precisamente, a esse ponto morto da investigação científica.

E é só. Quando um sabichão, como dizia Charles Richet, é interpelado a respeito do caso num programa de televisão ou num auditório de debates culturais, responde sempre a mesma coisa, a mesma autossuficiência de outros sabichões de trinta anos atrás, como se a ciência tivesse parado no mundo, semelhante ao sol bíblico que parou no céu por ordem de Josué: "É escrita-automática, pastiche inconsciente".

Não se sabe de nenhuma organização científica do Brasil que houvesse tomado uma atitude científica em face do caso Chico Xavier. Não é pois de admirar que o mesmo esteja ocorrendo com o caso Arigó. Mas a verdade é que Arigó se apresenta muito mais agressivo. Não escreveu a série de "romances romanos" do Chico — suficiente, por si só, para levantar uma querela histórico literária em qualquer meio cultural menos acomodaticio — mas empunhou a faca, o canivete, a tesoura e se pôs a realizar intervenções cirúrgicas arrepiantes, sem anestesia nem assepsia e sem causar dores nem infecções. Apesar dessa agressividade, dessa forma insólita de provocação, só teve uma resposta dos nossos meios culturais: uma querela jurídica nos tribunais e a condenação à cadeia, por uma sentença tão iníqua que o Próprio Supremo Tribunal Federal teve de anulá-la, fazendo-o por unanimidade. As manifestações de interesse do exterior foram sufocadas facilmente: cientistas norte-americanos consultaram o Itamarati sobre a possibilidade de virem examinar Arigó ou de o médium viajar para os Estados Unidos, mas Arigó estava entre as grades. Parapsicólogos argentinos vieram a Congonhas, enviaram protesto ao

nosso Governo para forma de tratamento dispensado ao sensitivo, mas tudo ficou na mesma. Um renomado cientista norte-americano abalou-se a descer no Rio, voar para São Paulo e seguir até Congonhas: foi operado por Arigó, a operação foi filmada, exibida em meios científicos, e só provocou entre nós sorrisos de suspeição e alegações idiotas, como esta que nos foi feita numa Faculdade de Medicina: "Trata-se de uma operação banal".

Sim senhores: "uma operação banal"! Arigó tomou o canivete de um caipira, sujo de fumo e outras misérias, e sem anestesia nem assepsia cortou o braço do cientista e apertou o lipoma, fazendo-o saltar como caroço de ameixa. Não houve dor, nem infecção posterior. O cientista fez declarações a respeito, que foram gravadas, e posteriormente, em reunião científica nos Estados Unidos, relatou o fato em minúcias, encarecendo a necessidade de investigação séria do caso Arigó. Um psiquiatra famoso, diretor do Hospital Roosevelt, de New York, tomando conhecimento desse e de outros fatos, emitiu grave parecer a respeito e reafirmou o desejo dos médicos americanos de estudarem o caso. Mas quem se importou com isso? Para a ciência brasileira, para as nossas academias de Medicina, para as nossas Universidades, para as nossas associações médicas, o caso Arigó está resolvido. Foi encaminhado à Justiça e era tudo o que se tinha a fazer. O rotulo de curandeiro é o seu epitáfio.

A documentação médica apresentada neste volume demonstra que, felizmente, o nosso meio médico não é assim tão opaco como oficialmente faz questão de parecer. Há alguns loucos, alguns lunáticos, alguns retrógrados que, por conta própria, se atrevem a ir a Congonhas, observar os fatos; registrar ocorrências espantosas, e depois não se pejam de declarar em público o que viram. São livres atiradores, vozes isoladas, certamente sem significação. Seus diplomas deviam ser anulados, seus registros profissionais cancelados. Porque esses exemplos são perigosos. Podem levar a nossa ciência, esta ciência brasileira tão autossuficiente que chega a torcer o nariz diante das experiências de Rhine e Soal, de Vassíliev e Carington, aos descaminhos da superstição espiritualista. Imagine-se o que aconteceria se amanhã ou depois o academicismo professor Silva Mello, que se confessa exemplar do homem tropical superior (réplica brasileira ao racismo nazista) se visse obrigado a renunciar à superioridade intelectual do seu ateísmo e do seu materialismo congênito!

Preferível, mil vozes, o espiritualismo brejeiro do padre Quevedo ou de frei Albino Garibaldi, apoiados nas sólidas bases científicas do ilusionismo e na argumentação romântica dos sofismas. Desse alegre espiritualismo nada se tem a temer: a grave ciência acadêmica pode continuar incólume através de todos os desafios.

A verdade, porém, é que os desafios não cedem, não recuam, não desaparecem. Continuam ali, em Uberaba e Congonhas, com ramificações teimosas pelo resto do país. E por mais que se queira reduzi-los ao silêncio ou ao ridículo, eles nem se calam nem se desmoralizam. Tomemos o caso Arigó para exemplo: nem processos, nem calúnias divulgadas com ares de coisa séria, pela imprensa, pelo rádio e pela televisão, nem mesmo a prisão do médium conseguiram abafar o caso ou diminuir o interesse público a respeito. E podemos afirmar ainda mais: todos os esforços feitos para a redução do fenômeno às suas mais simples expressões, com as tentativas de explicação hipnótica e quejanda, não foram suficientes para diminuir-lhe a importância e a grandeza. Arigó, mesmo reduzido a charlatão, continuaria inexplicável. Porque aonde já se viu um charlatão que não recua diante dos maiores especialistas no campo de suas próprias especialidades? Tratar-se-ia, pelo menos, de um charlatão genial. Tanto mais que um charlatão sem aparatos, sem ajudantes ou comparsas, de mangas curtas, camisa aberta ao peito, manipulando suas charlatanices em plena luz e bem perto do nariz de todos os investigadores.

A segunda e a terceira partes deste livro, aumentadas neste volume, constituíram o lançamento da Livraria Francisco Alves em 1963, intitulado: *Arigó, um caso de fenomenologia paranormal*. Foram ambas traduzidas nos Estados Unidos pelo sr. S. J. Haddad, a pedido do dr. William Belk, presidente da Belk Foundation Research. A primeira parte é nova, escrita especialmente para a segunda edição da obra. Entendemos conveniente acentuar os aspectos da vida, da mediunidade e do martírio de Arigó para que os leitores tenham uma visão mais completa do caso e para que este livro possa pesar um pouco mais na consciência dos nossos meios culturais. Relegar um caso como o de Arigó exclusivamente ao âmbito de um movimento religioso, e por outro lado insistir em arquivá-lo no documentário jurídico-criminal, é cometer a frio um monstruoso crime contra o progresso das Ciências. Que este livro, pelo menos, marque a fogo

esse crime em nossa bibliografia.

Há mais de vinte anos Arigó permanece em Congonhas, entre as estátuas bíblicas do Aleijadinho, como um desafio sem resposta. Nossos meios científicos esperam o momento em que ele também se transforme em estátua. Um Arigó talhado em pedra-sabão será tão inofensivo quanto o profeta Daniel com o leão domesticado a lambê-lhe as mãos, no adro do mosteiro de São Bom Jesus de Matozinhos. Mas a dinâmica da mediunidade não é facilmente abafada pela indiferença. Ela continua a explodir e o seu desafio já vai aos poucos se estendendo por outras áreas do território nacional, como veremos neste livro. Arigó não é apenas um desafio: é também um sinal dos tempos.

Uma palavra final sobre o Instituto Paulista de Parapsicologia, instituição que já devia ter tomado posição no caso Arigó. Como um dos diretores dessa entidade, cabe-me explicar que ela não tem contado, até hoje, com os recursos necessários para enfrentar essa urgente e melindrosa tarefa. Faltam-lhe recursos financeiros e técnicos. Não se pode fazer ciência apenas com boa-vontade. Quando o IPP conseguir os meios necessários para a sua completa organização, equipando-se à altura, poderá enfrentar os desafios acima referidos.

As últimas visitas que fiz a Congonhas comprovaram-me a continuidade dos trabalhos mediúnicos de Arigó e o interesse mundial em torno do caso. Os cientistas norte-americanos da equipe do Dr. Andrija Puhariche continuam a visitar Congonhas — vindo um ou dois de cada vez e ali permanecendo uma semana ou mais para continuarem suas pesquisas. Uma equipe de quinze elementos da televisão de Tóquio (Nipon Television Network Corporation) acompanhando o professor e escritor Toshiya Nakaoka, de Chiba — duas vezes operado pelo médium — fez ampla reportagem sobre as atividades de Arigó e combinou a vinda a Congonhas de uma equipe de cientistas japoneses para investigar o caso.

Outro fato notável: o dr. M. G. Kappemberger, de Lugano-Masagno, Suíça, diretor de um laboratório internacional — operado pelo médium — solicitou licença para voltar com uma equipe de pesquisadores. Arigó, como sempre, concordou e facilitou a hospedagem da equipe, que deverá chegar ao Brasil nos meses próximos.

Observei Arigó durante quinze dias de permanência em Congonhas.

Anotei, nos períodos da manhã (das 7 às 11 horas) e da tarde (das 16 às 18 horas) todas as ocorrências significativas que pude testemunhar. Num período anterior de cinco dias submeti-me a uma experiência pessoal, sendo operado pelo Dr. Fritz por um processo de cirurgia simpática raramente praticada em Congonhas. Trata-se de um tipo de operação a que aludi no capítulo segundo, *Da Benzedura à Cirurgia*, da Parte II deste volume, referindo-me à médium Bernarda Torrubio.

Todos esses elementos serão utilizados em novo trabalho que lançarei em breve. Não posso fazê-lo neste volume, que já atingiu a sua forma definitiva, tornando-se básico para o conhecimento do caso Arigó. Sua estrutura deve ser mantida nas futuras edições, conservando a pureza das primeiras verificações e interpretações do caso.

PRIMEIRA PARTE

O Impacto Arigó

I

A vida de Arigó

José Pedro de Freitas, vulgo **Arigó**, é um homem simples. Nasceu, cresceu, viveu e sofre em Congonhas do Campo (hoje apenas Congonhas), próximo a Belo Horizonte, em Minas Gerais. Sua vida não apresenta lances de heroísmo nem realizações sociais, políticas ou intelectuais que o pudessem destacar entre os seus concidadãos. Homem comum, vive o dia-a-dia da cidade em que todos o conheceram desde a mais tenra idade, pois pertence a uma família tradicional. Mas José Pedro de Freitas é médium. E trouxe para a atual existência uma das mais árduas missões que uma criatura humana pode enfrentar na terra: a de provar a natureza espiritual do homem, que a Ciência e a Filosofia procuram negar por todos os meios possíveis e impossíveis, enquanto as religiões se esforçam para conservá-la oculta nos véus arcaicos dos seus mistérios. Bastaria isso para que a sua vida humilde se transformasse em martírio, como realmente se transformou.

A mediunidade, faculdade humana de ligação com o mundo espiritual, é considerada pelo Espiritismo como uma das constantes da condição do homem, desde todos os tempos. Num livro intitulado ***O Espírito e o Tempo*** propondo-nos a fazer uma introdução histórica ao Espiritismo, tentamos esboçar um ensaio de antropologia mediúnica. Investigamos nesse livro o processo de desenvolvimento da faculdade mediúnica através do tempo, desde as fases primitivas da vida humana na Terra, demonstrando a sua importância para a compreensão do processo cultural em cuja crista nos encontramos no momento. Vemos então a maneira por que essa faculdade se desenvolve em dois planos: no individual e no coletivo. No plano individual temos a eclosão da individualidade profética que marca um momento de transição da vida terrena para a fase das grandes civilizações.

O médium propriamente dito é a individualidade que se destaca da mediunidade generalizada, definindo-se como um missionário a serviço da evolução humana. Esse o caso de Arigó, em nosso tempo.

A tese espírita da mediunidade, largamente ridicularizada pelos sabichões do passado e do presente, está hoje cientificamente confirmada. A investigação das chamadas funções psi pela Parapsicologia (reencarnação científica da Metapsíquica de Richet) demonstrou, através de rigorosas experiências de laboratório, a absoluta validade da tese espírita nos seus dois aspectos: o coletivo e o individual. A Parapsicologia reconhece a generalidade das funções psi e ao mesmo tempo a sua especificidade nas manifestações individuais, através de sensitivos ou *sujets* paranormais que numerosos parapsicólogos não temem chamar acertadamente de **médiuns**. Graças a isso, pela primeira vez na História podemos tratar da vida, da mediunidade e do martírio de um médium, encarando-os ao mesmo tempo na perspectiva espírita e na científica, dentro dos próprios quadros da ciência acadêmica.

A vida do médium Arigó se apresenta, assim, como a primeira a se projetar, ao mesmo tempo, no plano do interesse espiritual e no plano do interesse científico, da mesma maneira: como a de um homem dotado de faculdades paranormais. Todos os médiuns anteriores só foram encarados assim pelo Espiritismo. No plano científico foram estudados como anormais e no plano religioso foram considerados endemoninhados ou santos, o que vale dizer que eram dotados de dons sobrenaturais. A posição espírita saiu vitoriosa. É hoje a única reconhecida pela Ciência. Isso nos permite tratar da vida de Arigó, neste livro, nas duas perspectivas, sem que possamos ser acoimados de sectaristas, a não ser pelos que, sendo realmente sectaristas, não podem encarar com isenção de ânimo os problemas desta natureza.

Desde criança Arigó revelou sua mediunidade, embora, como é natural, não fosse compreendido. Quantas vezes sofreu castigos injustos dos próprios pais, acusações infundadas dos próprios irmãos sem que pudesse defender-se. Posto desde cedo na faina do campo, revelou-se submisso e trabalhador, mas dotado de uma sensibilidade exagerada que o distanciava dos outros meninos. Contou nos que, na fazenda do pai, quando mandado a vigiar o mato, em que mulheres pobres furtavam lenha,

ajudava-as a escapar com seus feixes ao ombro. Enquanto os irmãos furavam os depósitos de farinha ou de fubá para fazerem vendas furtivas, ele os furava para distribuir auxílio aos necessitados. Tivemos ocasião de participar de agradável palestra a respeito desses fatos na casa de Arigó. O assunto não fora provocado por nós, mas pelos próprios irmãos do médium, que riam ao se lembrarem de vários episódios. O repórter José Franco, de Belo Horizonte, o cel. Genésio Nitrini e os comerciantes Vicente Zanoni (pai e filho), de São Paulo, testemunharam essas conversas. Arigó contou-nos ainda, confirmando o que o Espírito do Dr. Fritz já nos havia dito, que, ao procurar animais no campo ouvia vozes que o mandavam seguir nesta ou naquela direção. Não querendo aceitar essas interferências em seu trabalho, seguia em rumo contrário, mas depois tinha de voltar para a direção indicada, que era sempre a certa. Fritz nos disse que Arigó se mostrava "um cabeça-dura" e que muito trabalho lhe deu para controlar a sua mediunidade.

Quando moço, começando a integrar-se na sociedade, viu-se em dificuldades com os hábitos da juventude. "Eu estava numa roda de esquina, conversando — contou-nos ele, sempre confirmado por testemunhas, companheiros do tempo — e de repente começavam a contar anedotas pesados ou a falar de assuntos maliciosos e era a conta: a voz me dizia para sair dali". Nessa fase a cabeça-dura de Arigó já havia melhorado e ele obedecia a voz. Quando ia a Belo Horizonte a serviço, e quando lá esteve trabalhando por algum tempo, foi várias vezes atraído para aventuras amorosas, como acontece, a todos os jovens. Mas a voz estava alerta e se ele se recusava a obedecê-la, sofria duras consequências.

— "Uma vez — contou-nos — subi num dos últimos andares de um prédio, a serviço, num sábado. Estava com a cabeça virada, pensando numas malandragens que combinara para a noite. Já no fim do expediente senti necessidade de ir ao mictório. Quando quis sair, não consegui. A porta estava fechada e não havia maçaneta no trinco, por dentro. O pessoal do andar já havia descido. O prédio se fechara. Fiquei ali até segunda-feira de manhã. Sábado e domingo preso num cubículo, com sede e fome. Quando saí e me encontrei sozinho no quarto, a voz me perguntou se me havia divertido muito. Nunca mais quis saber de me meter em bagunças".

Com estórias dessa espécie Arigó ao mesmo tempo nos revela a

constância da sua mediunidade e desculpa as suas virtudes. "Eu não podia fazer coisas malfeitas — assegura — porque os Espíritos não me deixavam em paz". Na verdade, se o deixassem, ele se arrependeria mais tarde. Porque é evidente que a sua evolução espiritual o predisponha ao cumprimento de uma missão mediúnica. Mas o meio exerce influência inegável no Espírito reencarnado. Vidas como a de Santo Agostinho e a de Francisco de Assis nos mostram a que descaminhos iniciais um missionário pode ser levado, por força do ambiente. Às vezes esses descaminhos favorecem a integração social do Espírito em sua nova existência, para que ele passa melhor desincumbir-se de seus trabalhos. De outras vezes, de acordo com a natureza da missão, como no caso Arigó, esses descaminhos podem ser perigosos e então as forças espirituais intervêm. Estes são problemas espíritas que a Parassociologia estudará amanhã, como a Parapsicologia estada hoje os de sua alçada.

Depois de casado Arigó sentiu que as suas faculdades começavam a aguçar-se de maneira assustadora. Sua esposa e prima, d. Aríete, contou-nos as dificuldades que teve de enfrentar com o marido. Acordava às vezes assustado, vendo vultos no quarto. Fritz lhe causava pavor, Quando o percebia, com seu corpo volumoso e sua "cara de alemão", como ele diz, "um carão avermelhado", e além do mais com enorme calva, gritava e fugia. Certa noite saltou pela janela e saiu correndo pelas ruas, alucinado, em trajes menores. Como geralmente acontece no desenvolvimento de mediunidades complexas, Arigó sofreu durante anos essas provas difíceis, mas enfrentou-as com a naturalidade de quem traz no íntimo, no mais profundo da memória inconsciente, aquilo que poderíamos chamar a criptoconsciência do seu destino, da sua missão.

Católico, de família tradicionalmente católica, Arigó nunca atribuiu os fatos estranhos que ocorriam com ele a influências espíritas. Frequentava a Igreja, praticava a religião em que fora criado e confiava em Deus. Contou-nos, aprovado pelos familiares, numa reunião em sua casa, que os hábitos da casa paterna eram rigorosamente pautados pelos princípios religiosos. E acrescentou este episódio pitoresco, mas comum nas antigas zonas sertanejas: "À noite, no tempo da colheita, meu pai nos reunia para rezar e debulhar milho. Ficávamos em roda do monte de espigas e era só "Padre nosso", "Ave-Maria", até à hora de dormir, rezando e debulhando milho". O

céu e a terra se fundiam nesses serões familiares da roça em que César e Deus eram servidos ao mesmo tempo. O espírito ingênuo dos roceiros não podia atinar com as distinções sutis do Evangelho, ou talvez as interpretasse de maneira mais certa, pois fundindo prece e trabalho dava a César o que lhe pertencia e a Deus o que só a Ele podia ser dado.

Mais tarde Arigó iria fazer a distinção de maneira mais rigorosa. Começou a exercer a sua mediunidade curados sem jamais pedira menor recompensa nem aceitar o menor presente pelas curas obtidas. "Isso é com Deus", dizia ele. Para viver, trabalhava. A esposa, "esta santa", como ele se refere a d. Aríete, ajudava-o a sustentar a casa. Pobres, numa terra de imensas riquezas, pertenciam a uma família abastada e continuavam na pobreza. Só muito depois que a fama de Arigó correu pelo Brasil e expandiu-se pelo exterior o médium conseguiu, graças à ajuda dos familiares ricos, deixar a casinha humilde em que vivia e passar para uma residência melhor. Então, as más línguas começaram a cortar: "Vejam só, que palacete! De onde ele tirou tanto dinheiro?". Arigó nos disse, de olhos úmidos: "Quando eu estava na lona essa gente dizia: maldita doutrina, que faz um homem viver nessa miséria! Agora que Deus me permitiu melhorar, diz: "É isso, está vivendo da religião". Mas baixou os olhos e acrescentou: "Tem de ser assim, pois quem usa, cuida".

Todas as acusações de exploração da mediunidade feitas a Arigó são caluniosas. Quantos privaram com ele até agora, quantos o conhecem, como o conhecemos, e sabem das suas lutas, podem atestar a admirável lisura do médium no exercício de suas funções mediúnicos. As referências a negócios escusos feitos por meio de terceiros, como a aceitação de porcentagens de laboratórios nos receituários ou a sua participação no comércio hoteleiro dos irmãos são frutos da malícia, da maldade humana tão comum em casos como este. O próprio Fritz nos disse: "Arigó não vende doutrina e foi por isso que o escolhi. Levei quinze anos preparando este médium e não o faria se não estivesse seguro de que ele é honesto". Os espíritas compreendem que não poderia ser de outra maneira. Todos os médiuns exploradores acabam sofrendo a sanção inevitável: perdem a mediunidade ou a assistência dos guias, caindo nas mãos de Espíritos inferiores. Com Arigó nada disso aconteceu. Ele continua a agir com a mesma pureza e o mesmo desinteresse de sempre e por isso continua a ser

o mesmo médium admirável, assistido pela falange de Espíritos que lhe permitem realizar curas surpreendentes.

Arigó faz questão de desmentir a versão de que Fritz lhe aparecera primeiramente como um mendigo, marcando encontro com ele no portão do cemitério. Segundo nos explicou, essa versão se refere a passagens da vida do próprio Fritz na Europa. Suas relações com o Espírito que dirige os seus trabalhos mediúnicos foram sempre de ordem espiritual. Houve materializações do Espírito, às vezes de maneira espontânea, provocando sustos nas pessoas presentes, mas isso depois que a sua mediunidade de cura já se tornara famosa. O problema da identificação da existência real de Fritz, na Europa continua em suspenso. Mas Arigó e Fritz afirmam que os elementos necessários ainda aparecerão. Arigó afirmou-nos que um sobrinho de Fritz, residente em Santa Catarina, esteve numa das reuniões mediúnicos, mas depois disso teria viajado para a Alemanha. Do ponto de vista espírita é esse um problema secundário. Mas como interessa para a legitimação do caso mediúnico, é possível que seja realmente esclarecido. Pouco importa a identidade real de Fritz, pois o que importa são os fenômenos mediúnicos produzidos através do médium.

Episódio importante da vida de Arigó é o da sua condenação pela Justiça do Estado de Minas Gerais, não pela condenação em si, mas pelo comportamento do médium. Da primeira condenação, em 1958, ele ficou livre facilmente por ter sido indultado pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira... Nesse tempo Arigó ainda não sabia o que era um indulto e ficou muito satisfeito com a decisão do Presidente da República. Mas já na segunda condenação, a 18 de novembro de 1964, Arigó tomou conhecimento do significado do indulto e quando lhe propuseram uma campanha nesse sentido ele a recusou, declarando firmemente: "Não quero ser perdoado de crime que não pratiquei. Quero que a Justiça reconheça a minha inocência. Não sou criminoso". A tese do novo indulto permaneceu insistente, no espírito de muitos amigos de Arigó, mas o médium não arredou pé da sua posição corajosa.

Logo que o seu advogado, o professor Jair Leonardo Lopes, livre-docente de direito penal da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, contratado pela família do médium, comunicou-lhe a sentença do Juiz da Comarca de Congonhas, dr. Márcio Aristeu Monteiro de Barros,

condenando-o a um ano e quatro meses de detenção, Arigó prontificou-se a procurar o Magistrado e entregar-se à prisão. Do sítio de sua tia, em que se encontrava, seguiu diretamente para a presença da autoridade, em mangas de camisa, sem passar pela sua própria casa. Como o Juiz não dispusesse de viatura para conduzir o réu-sem-vítimas à prisão, o próprio Arigó ofereceu o veículo em que viera do sítio para ir à cadeia da vizinha cidade de Conselheiro Lafaiete, onde ficou detido. Verdadeira caravana de automóveis o acompanhou até lá. Era geral o ambiente de consternação em Congonhas. Os irmãos de Arigó, em sinal de pesar, prometeram deixar crescer a barba até que ele fosse libertado, o que realmente fizeram. De maneira que, na libertação posterior do médium, jornais e revistas publicaram curiosas fotografias em que indivíduos barbudos abraçavam Arigó, felizes pela sua volta a Congonhas.

A cadeia de Conselheiro Lafaiete (antiga Queluz), cidade maior que Congonhas e importante entroncamento ferroviário, é o que de mais odioso se possa imaginar. Os infelizes que se recolhem àquele presídio perdem os mínimos direitos à condição humana. São trancafiados num xadrez exíguo e imundo e submetidos a regime animalesco. As autoridades, felizmente, compreenderam que não podiam tratar o médium Arigó como um criminoso vulgar. Deram-lhe algumas regalias, como cama, local à parte, direito de tomar banhos quentes e assim por diante. Mas Arigó condeu-se da situação dos demais presos e declarava para todos os que, em número de milhares de pessoas o visitavam na prisão: "É uma pena o que fazem com esses meus colegas, gente boa, que precisa ser melhor tratada para se corrigir". Passou a conversar diariamente com os colegas, a interessar-se por todos eles, a distribuir com todos os presentes frutas e doces que recebia, a pedir para eles a assistência de advogados e o amparo de autoridades que o visitavam. Conseguiu também, com auxílio dos seus parentes e amigos de Congonhas, que a imunda cadeia passasse por uma limpeza e pintura. Pediu que enviassem colchões aos presos e lutou para melhorar as instalações da prisão, com instalação de chuveiro e enceramento constante do piso.

Tudo isso, na verdade, era pouco. Mas era o que ele podia fazer. Verificou, depois, que ocorriam espancamentos e outras humilhações na prisão. Denunciou-os e conseguiu a abertura de inquéritos. Certa vez,

diante dos fatos absurdos que presenciou, foi tomado de forte comoção e sofreu um enfarte que obrigou a sua remoção para um hospital. Seu sofrimento era intenso. Mas todos os que o visitavam saíam consolados com as suas palavras. "Tudo o que Deus faz é bom — dizia ele constantemente. Se Deus me permitiu vir para cá era porque eu tinha alguma coisa a fazer. E estou contente. Isto é um paraíso onde posso descansar, livre da trabalhadeira que tenho lá fora e de todos os que querem mandar em mim. Aqui estou livre!" Essas palavras iludiram a muitas pessoas que comodistamente chegaram à conclusão de que Arigó estava melhor na prisão do que em Congonhas. Era uma boa desculpa para não se importarem com o caso e não precisarem lutar pela libertação do médium. Outras diziam: "Médium é assim mesmo, tem de pagar algumas faltas do passado." Arigó não as desmentia. Aceitava resignado a prisão e chegou a marcar, na parede da cela, a data do final da sentença iníqua como a única em que seria libertado.

Conselheiro Lafaiete transformou-se num verdadeiro centro de romaria. Caravanas de todo o Brasil dirigiam-se àquela cidade para visitar Arigó na cadeia. Personalidades ilustres, civis e militares, fizeram questão de levar-lhe a sua solidariedade. E os doentes desenganados pela ciência humana continuaram a afluir a Congonhas e de lá se dirigiam a Lafaiete, à procura da mediunidade proibida.

Infelizmente as grandes instituições doutrinárias do Espiritismo não foram capazes de mobilizar seus recursos em defesa do médium, que nada mais era do que a defesa da própria mediunidade. De braços cruzados limitavam-se a alguns protestos e pedidos de ajuda a este ou àquele poder. Somente o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo tomou a si a empreitada de lutar por todos os meios possíveis, em favor da causa, dando o máximo amparo ao médium. Enviou numerosas delegações a Congonhas e posteriormente a Lafaiete, oferecendo ao médium assistência jurídica e amparo moral. Heitor Giuliani e Genésio Nitrini, diretores do Clube, merecem menção especial pelo que fizeram. Graças à intervenção do jornalista Aristides Lobo, o advogado criminalista Leonardo Frankenthal, um dos mais famosos da capital paulista, ofereceu os seus préstimos gratuitamente ao Clube para a defesa de Arigó. Todos os esforços foram feitos para que Frankenthal figurasse na defesa ao lado do advogado do

médium, que entretanto não concordou em trabalhar com o colega paulistano. Aceitou, porém, a colaboração do Clube e modificou as linhas da defesa, revelando o maior interesse pela causa cuja importância compreendia perfeitamente. Seu magnífico trabalho, editado em opúsculo em Belo Horizonte: *Em Defesa de Arigó: Estudo jurídico-penal sobre o curandeirismo* é uma prova desse interesse. Posteriormente, a Liga Espírita do Estado de S. Paulo e a União Espírita Mineira mobilizaram-se em favor de Arigó.

Reportagens publicadas por jornais e revistas registraram os episódios comoventes da permanência de Arigó na prisão. Na sua edição de 6 de fevereiro de 1965 a revista *Fatos e Fotos*, de Brasília, inseriu magnífica reportagem de Fernando Pinto, com fotos de Domingos Cavalcanti, intitulada: "Arigó: o milagre continua". O título era uma réplica ao da reportagem de *O Cruzeiro*, que afirmava ironicamente, com fotografia de Arigó entre as grades: "O feitiço vira contra o feiticeiro". Na reportagem de *Fatos e Fotos* via-se Arigó brincando de roda com as crianças de Conselheiro Lafaiete, que o visitavam em bandos, todas as tardes, na prisão. Tivemos ocasião de presenciar essas visitas comoventes. Eram crianças de Conselheiro, de Congonhas e da redondeza que se sentiam atraídas pela fama do médium e se faziam suas amigas. Arigó as recebia carinhosamente. Pela primeira vez na história da triste cadeia de Conselheiro Lafaiete ela foi visitada pela inocência das crianças em bandos alegres. E ao lado das crianças não faltaram religiosos, sacerdotes e freiras, pastores, criaturas de vários credos que se irmanavam com o médium no seu sofrimento. Para todas elas Arigó era um coração aberto.

Uma declaração de Arigó que o repórter Fernando Pinto registrou demonstra a pureza e a resignação cristãs do médium: "O Juiz que me condenou não fez mais do que cumprir o seu dever, pois todos nós temos uma missão na Terra. A minha é curar". Outras revistas e jornais registraram essas palavras por todo o país. E todos sabem, em Congonhas, que Arigó, depois de ouvir a sentença do Juiz — que o condenava sem provas nos autos — beijou a mão do magistrado e pediu-lhe perdão pelo trabalho que lhe havia dado, acrescentando: "Mas o senhor sabe que eu tenho também de cumprir o meu dever." Essas frases devem ficar gravadas na História do Espiritismo como um exemplo de firmeza missionária e de

prática da caridade moral. Devem ficar gravadas também na História Moral do Brasil como um exemplo para as gerações. Arigó, na sua rusticidade de homem do campo, elevou-se a uma altura de verdadeiro padrão moral ao enfrentar dessa maneira a decisão iníqua da justiça humana, procurando até mesmo evitar que o seu algoz se sentisse mal diante da condenação proferida. São poucos os exemplos como esse em todo o mundo.

O Tribunal de Alçada de Minas Gerais confirmou a sentença do Juiz, apesar de todas as razões da defesa brilhantemente formulada pelo advogado Jair Leonardo Lopes, apoiado por importantes pareceres de grandes juristas do Rio, de Belo Horizonte e de São Paulo. Mas no Supremo Tribunal Federal o advogado obteve a anulação da sentença, vendo reconhecida a sua tese de nulidade jurídica da mesma por unanimidade. Arigó foi solto e os autos voltaram ao Juiz de Congonhas para proferir nova sentença. Em liberdade provisória, à espera do novo pronunciamento da Justiça, Arigó foi recebido em Congonhas com verdadeira festa popular. E continuou no cumprimento da sua missão.

Voltou ao Centro Espírita Jesus Nazareno para atender novamente o povo. Multidões de doentes retornaram a Congonhas de todas as partes do país. Arigó não teve mais sossego. Dia e noite, fora da prisão, voltava a ser o prisioneiro do dever. Um dever moral e espiritual que a lei não reconhece e a justiça humana condena. "Como posso deixar de atender a essa gente — perguntava o médium — se sei que vem todos de longe, angustiados, e confiam em mim. Não sou eu que curo, só Deus pode curar. Mas eu tenho de atender, nem que me prendam de novo".

Em Conselheiro Lafiete, na prisão, conversando conosco teve certa vez uma expressão que bem mostra a sua firmeza espiritual: "Se as coisas continuarem assim, vou pedir ao meu povo que mande construir em Congonhas uma cadeia especial para mim. Podem pôr na fachada o nome: *Cadeia Arigó*. Assim fica mais fácil. Pois o que eu hei de fazer, minha gente, se a minha missão é essa? Se a deles é me prender, que me prendam na minha terra para que eu possa ficar perto da mulher e dos filhos". Como se vê, a convicção de que está em função de poderes espirituais superiores, aos quais deve obedecer acima de tudo, dirige a conduta do médium. Ele sabe o que faz e conhece as consequências dos seus atos, mas está pronto a aceitá-las enquanto os homens não puderem compreender o intrincado

problema. O que não pode fazer é acovardar-se e fugir.

No momento em que sai esta edição Arigó está em Congonhas, no seio da família, amparado pelo carinho do povo que o conhece e o estima desde criança. De segunda a sexta-feira atende ao povo que o procura no Centro Espírita Jesus Nazareno. Não é um curandeiro nem um falso médico. Muito menos um embusteiro, um charlatão. É um médium. E como médium não atende na sua casa, mas no Centro Espírita. Cumpre a missão que Deus lhe deu entre os homens. Bem sabe que os lobos da incompreensão e as hienas do sectarismo religioso rondam o seu trabalho. Mas confia e espera sem abandonar a luta. "Cada um faz o que deve", diz ele. E acrescenta sempre: "Tudo o que Deus faz é bom".

Embora exista a precognição, hoje cientificamente provada, ainda não desenvolvemos bastante as nossas funções psi para enxergar no futuro com segurança. Não podemos dizer o que acontecerá amanhã. Mas aconteça o que acontecer, a verdade é que Arigó teve, até o momento, uma vida admirável que lhe dá um lugar de honra entre os mártires da mediunidade no mundo inteiro. Justamente por isso acreditamos que o seu futuro não desmentirá o passado e o presente. Confiamos em Arigó. Este homem simples e rude, este campônio ingênuo, capaz de dar tantas lições de desprendimento, abnegação, fraternidade e grandeza moral aos seus mais ilustres adversários e aos seus mais ferozes perseguidores, possui uma alma lapidada pela evolução espiritual, que não vergará facilmente ante as misérias terrenas.

Arigó tornou-se espírita, não pelo estudo das obras doutrinárias nem pela influência de qualquer doutrinador, mas pela própria vivência da doutrina. Ele aprendeu vivendo e sofrendo os problemas da mediunidade na sua própria carne. Ao contrário do que pensam as pessoas mal informadas sobre questões doutrinárias, Arigó não é um mestre de Espiritismo nem um condutor de multidões. É apenas um médium. Os parapsicólogos reconhecem nele um *sujet* paranormal. Para o Espiritismo e para a mais nova das ciências humanas, que é a Parapsicologia, Arigó deve ser objeto de estudos e não de processos e prisões.

Esperemos que o desenvolvimento científico da nossa terra e o conseqüente esclarecimento do problema do paranormal criem ambiente favorável no Brasil à compreensão do caso Arigó. Quando isso acontecer, o

médium de Congonhas terá cumprido a sua missão, que é a de sacrificar-se, como está fazendo, para que uma nova consciência espiritual se desenvolva no mundo. Então compreenderemos que a vida de um homem simples e bom foi inteiramente sacrificada em benefício do futuro.

Nestes últimos tempos surgiu no caminho de Arigó a mais séria das ameaças: o enriquecimento e o prestígio. Afastado do emprego humilde pela prisão, foi amparado pelo pai e os irmãos, tornou-se fazendeiro e vem prosperando rapidamente. Seu prestígio cresceu em toda a região. Não há perigo maior para um médium do que essa conjugação de forças mundanas.

Os interesseiros e os políticos lhe fazem o cerco, excitando-lhe a ambição e a vaidade. Mas Arigó já aprendeu muito na sua vida de pobreza. E o regime de trabalho exaustivo a que se submete lhe servirá de defesa. É o que esperamos, confiando no seu passado e na sua simplicidade de homem do campo.



A mediunidade de Arigó

Eclosão da mediunidade de Arigó não provocou espanto apenas entre o povo e as pessoas que desconhecem o Espiritismo. Os próprios espíritas foram surpreendidos por esse extraordinário surto de manifestações mediúnicas. Por outro lado, no campo das Ciências, médicos, psicólogos e parapsicólogos sinceros, capazes de encarar os problemas com que se defrontam sem os embaraços do preconceito, também ficaram aturdidos diante do complexo de manifestações paranormais verificadas com Arigó. O médico e parapsicólogo norte americano Andrija Puharich, operado de um lipoma no braço quando foi observar Arigó em Congonhas, disse ao jornalista Jorge Rizzini, em declaração gravada por este que a Parapsicologia, nos Estados Unidos e na Europa, é insuficiente para explicar o caso. O psiquiatra Robert Laidlaw, diretor do Hospital Roosevelt de New York, e que também visitou o Brasil, declarou que o caso Arigó exige investigações aprofundadas que poderão levar as pesquisas científicas a novos rumos. Parapsicólogos argentinos, entre os quais José Fernandez, entenderam que os quadros da explicação parapsicológica são ainda insuficientes para o esclarecimento do caso Arigó.

Tivemos a oportunidade de tentar uma explicação parapsicológica desse caso em conferência que pronunciamos, com debates, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Essa mesma tentativa se repete neste livro. Mas é evidente que não vamos além daquilo que as investigações permitem induzir. Entendemos que essas investigações já podem proporcionar aos pesquisadores uma compreensão global do caso Arigó, dentro dos limites da concepção puramente parapsicológica. As dificuldades fundamentais para uma explicação científica do caso (nas perspectivas da concepção científica dominante) são precisamente aquelas

que só encontram solução na teoria da mediunidade. Como essa teoria é ainda rejeitada *a priori* e portanto de maneira anticientífica pelo mundo das Ciências, apresentamos neste livro as duas direções conceptuais, procurando mostrar que a mediunidade de Arigó pode ser compreendida até mesmo com inteira abstração dos princípios espíritas.

Esse nos parece o ponto crucial do problema colocado pelas manifestações paranormais de Congonhas do Campo. Se quisermos situar o caso Arigó apenas no campo espírita estaremos sujeitos a prejudicar as suas importantíssimas implicações científicas. Se encararmos o caso apenas no campo das Ciências estaremos fechando os olhos aos seus aspectos mais positivos e promissores. É por isso que resolvemos, além das tentativas de explicação parapsicológica, acrescentar a este livro uma tentativa de análise espírita do caso, particularmente no tocante aos seus aspectos mediúnicos. Arigó se apresenta como uma confirmação viva da afirmação de Kardec, segundo a qual o Espiritismo e a Ciência devem conjugar-se para que o homem adquira o conhecimento verdadeiro sobre a realidade que o cerca. Em Arigó o médium se destaca tão claramente o *objet* paranormal, revelando a existência de dois campos diferentes de pesquisas, que já não é possível suprimir um em benefício do outro. Temos de estudar esses dois aspectos do caso Arigó e a sua conjugação num só indivíduo.

Do ponto de vista espírita o caso Arigó não apresenta, nesse terreno, nenhuma novidade. O médium é um Espírito encarnado que tem, animicamente, poderes semelhantes aos dos Espíritos desencarnados que se comunicam e agem por seu intermédio. A possibilidade do animismo, como sobejamente demonstraram em magistrais estudos Ernesto Bozzano e Alexandre Aksakoff, longe de excluir, reforça a tese espírita, a própria Parapsicologia já está chegando a essa mesma conclusão. O professor Rhine, inicialmente aturdido com as dificuldades para se conseguir a prova científica da supervivência humana, está agora empenhado na investigação dos fenômenos teta, o novo campo de manifestações paranormais que parece conduzi-lo diretamente àquela prova. E outros não são esses fenômenos do que os já investigados há muito, pelos spiritistas e que forneceram ao Espiritismo as bases científicas da supervivência.

São precisamente as condições anímicas do médium que permitem as

manifestações espíriticas. Pelo que sabemos até agora, as comunicações entre o mundo espiritual e o material só se dão através da alma, encarada esta, segundo a definição magistral de Kardec, na verdadeira acepção da palavra: como o Espírito que anima o corpo, o Espírito encarnado. Psicologicamente podemos traduzir isso da seguinte maneira: o psiquismo autônomo só pode manifestar-se em nosso mundo através de uma entidade psicossomática, ou seja, através do psiquismo de uma criatura humana. Ou ainda, melhor dito: através do psiquismo das criaturas humanas, pois a mediunidade generalizada, a que já nos referimos, permite as manifestações espontâneas que às vezes parecem inteiramente independentes da presença de um determinado médium. Essa exigência do homem, do instrumento humano para que os fenômenos mediúnicos se verifiquem foi de tal maneira comprovada pelas pesquisas parapsicológicas que deu motivo às confusões teóricas dos profs. Wathely Carington e Robert Amadou, entre outros, no tocante às variedades da fenomenologia da percepção extrassensorial. O professor Gardner Murphy chegou mesmo a notar que todos esses fenômenos estão sempre ligados a pessoas, o que lhe pareceu demonstrar que não há propriamente percepção extrassensorial direta, mas apenas relações de mente a mente. Como se vê, a todo o momento tropeçamos com a comprovação de teorias espíritas pela pesquisa parapsicológica.

No caso Arigó só a teoria espírita pode abrir possibilidades de explicação racional para certos efeitos que animicamente são inexplicáveis; A mediunidade de Arigó, por seu aspecto dramático, aparece neste meio século como um verdadeiro impacto da suprarrealidade espiritual na realidade psicossomática em que vivemos. Por isso provocou o aturdimento geral a que acima nos referimos. Espíritas e não-espíritas, parapsicólogos e psiquiatras viram-se todos colocados diante de uma situação nova que requer explicações novas. No campo espírita a perplexidade é menor porque a teoria espírita da mediunidade oferece as condições necessárias para a compreensão e a conseqüente explicação dos novos fatos. No campo científico propriamente dito a perplexidade é maior, correspondendo a um verdadeiro desafio a todas as teorias até agora formuladas para a explicação dos casos paranormais.

Os motivos de perplexidade no campo espírita podem ser resumidos

nos seguintes pontos: 1) Arigó não praticava as conhecidas operações espirituais em ambiente de sessão mediúnica, mas verdadeiras operações cirúrgicas, utilizando-se de bisturis ou de substitutos grosseiros, como facas, canivetes, tesouras; 2) Não pedia concentração dos enfermos nem dos presentes, não preparava ambiente e cortava de maneira brusca, sangrando e fazendo o sangue parar quando lhe convinha; 3) Arigó usava um crucifixo e costumava fazer o *Nome do Padre*, de acordo com o ritual católico 4) Tratava os doentes, em geral, com rispidez, muito distante das normas habituais das relações evangélicas seguidas no meio espírita; 5) Arigó receitava listas imensas de remédios perigosos, como antibióticos violentos em doses maciças, que os médicos condenavam, e dizia com estranha certeza se o doente iria curar-se ou não; 6) Às vezes dizia claramente ao enfermo: "O seu caso não tem cura; é karma; vou receitar só para ajudar", o que parecia falta de caridade; 7) Em meio de uma operação, Arigó deixava os instrumentos na ferida (como facas penduradas nos olhos, às vezes duas num mesmo olho) e lançava desafios aos médicos presentes, aos adversários, vangloriando-se em estranho exibicionismo ou atacando com palavras violentas os seus detratores; 8) Arigó não procurava o amparo de instituições espíritas nem os conselhos de orientadores, parecendo dotado (ele e o Espírito do Dr. Fritz) de inaceitável autossuficiência, com desprezo por tudo quanto se havia feito até então no trabalho mediúnico. Tudo isso parecia indicar um caso de mistificação ou de perturbação por Espíritos arrogantes, mas os resultados positivos das operações e das receitas desmentiam essa hipótese.

Por essa lista de motivos já se pode imaginar o escândalo que a mediunidade de Arigó provocou no meio espírita. Muitos perguntavam: "Se o Dr. Fritz pode operar espiritualmente, por que fazer operações com bisturi ou faca? E por que dar essas receitas quilométricas? Ou por que não receitar apenas água-fluida ou homeopatia?" Outros iam mais longe e chegaram mesmo a classificar Arigó de charlatão, *a priori*. Até hoje muitos espíritas ainda se recusam a aceitar plenamente o caso Arigó. Neste livro os leitores verão o depoimento de ilustre médico espírita que, apesar de haver comprovado as operações de Arigó, reprova-lhe o receituário. Tudo isso faz lembrar os casos históricos de quebra dos formalismos e das normas habituais no meio religioso e no meio científico: o apóstolo Paulo

rejeitando o batismo na igreja primitiva; o próprio Jesus curando no sábado e desrespeitando as regras de pureza exterior do judaísmo; Pasteur, que não era médico, ensinando a assepsia; Galileu jogando seus pesos da Torre de Pisa e assim por diante. Os homens em geral se esquecem de que a vida é muito mais vasta e mais rica do que a supomos. No caso Arigó os espíritas que não mantiveram sua mente aberta à realidade, procurando reduzi-la apenas ao seu esquema particular de regras doutrinárias, foram surpreendidos pela eclosão de novos aspectos da manifestação mediúnica.

Arigó revolucionou o conceito de mediunidade e de prática mediúnica. Não há dúvida que lhe faltava — aliás, o que mais tarde se verificou, a ele e ao Dr. Fritz — o conhecimento doutrinário. Assim, na proporção em que ele e o Espírito foram se integrando no conhecimento que lhes faltava, as regras fundamentais da prática mediúnica foram se restabelecendo. Hoje Arigó trabalha num Centro Espírita. Mas nunca deixou de agir com a espontaneidade dos primeiros tempos. Realiza operações sem nenhuma preparação de ambiente, a plena luz e em qualquer lugar, à vista de crentes e descrentes, num verdadeiro desafio aos regadores e numa extraordinária demonstração de confiança na sua mediunidade. Isso tem as suas desvantagens, mas as vantagens são maiores. Arigó é uma prova da naturalidade do fenômeno espírita, da espontaneidade da manifestação mediúnica.

Outra dificuldade apresentada é a da classificação da sua mediunidade esse caso explosivo não se enquadrava e não se enquadra nas classificações habituais. Parecia desafiar ***O Livro dos Médiuns***. O tempo se incumbiu de esclarecer a questão mostrando que Arigó apresenta um verdadeiro complexo mediúnico, em que estão presentes quase todos os tipos da classificação mediúnica doutrinária. Aliás, para os espíritas estudiosos esse fato não é subversivo. Muitas mediunidades múltiplas estão relacionadas na bibliografia espírita. O que há de extraordinário em Arigó é, antes de tudo, o que poderíamos chamar a sua potencialidade mediúnica. Suas faculdades são de tal maneira intensas que superam de muito o comum das manifestações. Presenciamos o fenômeno de incorporação do Espírito do Dr. Fritz. O médium é tomado violentamente, transforma-se noutra pessoa, com modificação da expressão fisionômica,

do olhar, da gesticulação, do andar, da linguagem. Conversa em duas línguas ao mesmo tempo: em português e alemão. Trocou ideias demoradamente conosco a respeito de problemas pessoais do médium. Referiu-se a fatos que se passavam em Belo Horizonte (estávamos em Conselheiro Lafaiete) dos quais o médium não tinha conhecimento e nós também não tínhamos, mas interessavam à situação processual em que se encontrava envolvido. Nem sempre os experimentadores têm a oportunidade de observar uma manifestação tão perfeita, cuja legitimidade se evidenciava por todos os seus aspectos. Dois amigos participaram dessa bela experiência: o cel. Genésio Nitrini e o comerciante Heitor Giuliani, ambos de São Paulo.

Mas a mediunidade de Arigó se manifesta numa variedade imensa de graus. Adiante os leitores verão que nos referimos ao receituário intuitivo, em que não há incorporação. Na casa do médium, em Congonhas do Campo, num domingo em que almoçamos com ele — a casa estava cheia de parentes e amigos, e a mesa do almoço mais parecia a de um banquete comemorativo — tivemos a oportunidade de vê-lo, durante quase todo o tempo, numa situação de semienvolvimento. Arigó estava, como se costuma dizer, no ar, semi-integrado no ambiente e semiligado ao mundo espiritual. Esperávamos a qualquer momento uma manifestação que não houve. Quando nos despedimos ele nos abraçou, ao mesmo tempo, por ele e pelo Dr. Fritz, falando num meio-sotaque alemão. Os amigos de São Paulo, cel. Nitrini, já acima citado, e Vicente Zanoni e filho, testemunharam esse fato, participaram dele.

Essas variações de graus da manifestação mediúnica aturdem os que não estão familiarizados com o problema. Alguns levantam suspeitas: "Estive com Arigó mas ele receitou por ele mesmo, não estava incorporado". Isso nunca se verifica. Arigó é incapaz de receitar por ele mesmo. Tem o mais profundo respeito pelo seu guia espiritual. Só receita quando influenciado por ele, obedecendo às suas ordens. No caso de operações a incorporação é evidente, como acentuou o Dr. Laidlaw, de New York, num documento que publicamos adiante. Sua técnica operatória, que não segue as normas cirúrgicas habituais, é realizada com estranha segurança e admirável perícia. A anestesia do paciente é completa, sem que nada no ambiente demonstre a existência de fatores ou condições

anestésicas. A assepsia também se realiza de maneira invisível, mas com precisão rigorosa. O fato espírita se impõe maciçamente, com evidência esmagadora. Fritz, eufórico, descobre os médicos que anonimamente entraram no recinto e faz questão de que venham assistir de perto o seu trabalho. Convida-os a participar das operações. Discute com eles os problemas do momento. Muitas vezes, antes de operar, força-os a diagnosticar e concorda ou discorda dos diagnósticos.

O caso mediúnico de Arigó se define como de incorporação mediúnica. Mas a incorporação é apenas o pivô de uma constelação de efeitos que se desencadeiam: a ação anestésica e a ação asséptica se realizam através da expansão de energias psicossomáticas do médium, sob a influência de entidades espirituais (os agentes-espirituais de que falava Geley); os efeitos-físicos (retenção do fluxo sanguíneo, desligamento de aderências internas, como no caso do lipoma do Dr. Puharich) e o aporte ou a materialização de objetos e líquidos (como o caso do algodão seco que o médium ergue no ar e volta embebido de líquidos estranhos, de efeito curador, caso ocorrido com Chico Xavier, o famoso médium de Uberaba, a quem Arigó atenuou as dores oculares por esse processo). Além desses efeitos materiais, verificam-se ainda os efeitos intelectuais da xenoglossia ou mediunidade poliglota, de percepção à distância com telediagnose. Também as curas à distância têm se verificado, o que mostra a possibilidade da telecinesia, fenômeno de ação à distância estudado amplamente pela Metapsíquica mas ainda em fase de investigação rudimentar pela Parapsicologia. As operações simpatéticas, sem ação física do médium, sem cortes cirúrgicos, tornam-se possíveis diante disso.

Abstraído-se a tese espírita, como explicar todo esse extraordinário complexo de manifestações paranormais? Temos de submeter tudo à onipotência presumível da mente de Arigó. Essa mente prodigiosa de um homem inculto, sem nenhum desenvolvimento intelectual, teria de ser o maravilhoso agente de todas essas atividades misteriosas: E como explicar-se a indicação certa de remédios modernos para os casos mais diversos, com a aplicação até mesmo de doses maciças de preparados altamente tóxicos que não exercem nenhum efeito negativo nos pacientes? Como explicar-se a habilidade de médico experiente, ao cobrir com uma receita todo o quadro clínico do paciente numa conjugação de drogas diversas que

muitos médicos de tarimba receiam fazer (caso ocorrido, à distância com receita dada para ilustre dama paulista, escritora renomada, esposa de médico não-espírita e também conhecido intelectual)? O conhecimento médico revelado por Arigó em transe (o que vale dizer pelo Dr. Fritz incorporado no médium) o seu conhecimento de línguas diversas e do mercado farmacêutico não só do Brasil mas também do exterior, como poderiam ser explicados parapsicologicamente?

Existem hipóteses parapsicológicas bastante curiosas que podem socorrer-nos nesse terreno. Delas nos utilizamos na sequência deste livro com o fito exclusivo de mostrar que a Parapsicologia já abre perspectivas para o exame do problema. A percepção extrassensorial permitiria à prodigiosamente de Arigó captar as indicações de diagnose de médicos à distância e também a indicação de receituário. Arigó seria uma espécie de aspirador mental a sugar por toda parte os segredos da clínica médica. O mesmo teria de fazer com a técnica cirúrgica, pois não basta cortar aqui e ali um doente, é preciso pelo menos conhecer anatomia e fisiologia, o que Arigó não conhece. Por outro lado não nos consta que se possa falar uma língua estranha por telepatia, e menos ainda que se possam discutir dessa maneira problemas médicos nessa língua com especialistas. As hipóteses puramente mentalistas para a explicação do caso Arigó são aceitáveis apenas como recurso metodológico de investigação. Muitas delas, como acentua o professor Rhine, parecem extremamente fantasiosas.

Ao contrário disso a teoria espírita da mediunidade se mostra de uma clareza e de uma naturalidade indiscutíveis. Um médico nos respondeu, certa vez: "Mas a premissa é falsa". Perguntamos-lhe: "Por quê?" E ele se contentou em murmurar: "Porque não posso admiti-la". Curiosa natureza humana! Em nome da Ciência um homem se coloca na posição mística da crença individual. A premissa espírita, segundo ele, era inadmissível porque implicava a existência dos Espíritos. Mas a premissa parapsicológica que implica a existência do espírito da médium — pois a mente dotada de tão amplos e variados poderes não pode limitar-se à fisiologia cerebral — podia ser admitida sem ferir a dignidade materialista das ciências médicas. Outro médico materialista esforçou-se longamente, num programa de televisão, para explicar Arigó de acordo com as suas teorias. Digno de admiração pela coragem que teve de enfrentar o monstro

em vez de fugir. A tangente da negativa está sempre à disposição dos que não sabem o que fazer nesses momentos. Mas esse médico não a procurou. Estava, talvez, demasiado confiante nas suas explicações científicas. E isso nos mostrou como o impacto Arigó atingiu outras áreas além da espírita, da parapsicológica e da psiquiátrica.

Podemos aceitar as explicações materialistas para certos aspectos da fenomenologia em causa, numa atitude de respeito aos que não podem admitir a hipótese espírita. Suponhamos o caso em que Arigó faz a diagnose e receita, confirmando o que os médicos anteriormente consultados já haviam feito. Há numerosos casos dessa ordem. Às vezes o doente traz as radiografias e o receituário na pasta. Arigó podia, pela percepção extrassensorial, captar o diagnóstico e o receituário. A explicação parapsicológica mais radical seria essa. Mas, quando acontece o contrário? São muitos os casos de desmentido do diagnóstico médico e inversão do receituário. Há também numerosos casos de comprovação médica posterior do diagnóstico de Arigó e confirmação do seu receituário. Este livro apresenta numerosos casos. Além disso, jamais se comprovou, nas experiências parapsicológicas, essa precisão nos casos de percepção extrassensorial. A falta dessa precisão constitui mesmo um dos mais sérios problemas da aplicação prática das funções psi. Seria, pois, ir longe demais no campo das hipóteses admitir que todos os casos ocorridos com Arigó fossem susceptíveis de tais explicações.

Sabemos que os médiuns podem agir por si mesmos, em muitos casos. Podem perceber, por exemplo, um perigo iminente ou pressentir um acontecimento feliz. Todas nós temos essas faculdades, como o Espiritismo sempre afirmou e como a Parapsicologia sustenta atualmente através dos resultados da investigação científica. Mas todos os que lidam com a mediunidade sabem dividir entre as possibilidades limitadas do médium e as possibilidades muito maiores da sua assistência espiritual. Os Espíritos se utilizam precisamente das faculdades mediúnicas para chegarem aos resultados desejados. Operam sobre a mente, sobre o psiquismo do médium, ampliando-lhe as possibilidades. O médium é um instrumento tanto mais apto quanto mais bem dotado, no tocante às suas faculdades. Basta uma boa sequência de experiências e observações, realizadas com sinceridade, sem espírito preconcebido, para que um experimentador

aprenda a dividir entre o que o médium pode fazer por si mesmo e o de que ele é capaz quando a serviço das entidades espirituais.

No caso Arigó a possibilidade de confusão entre animismo e espiritismo é mínima. Atribuir ao própria médium as suas operações, os seus receituários, as suas curas à distância, é demonstrar a mais completa ignorância do problema. Além disso, não há, no trabalho de Arigó, nada que possa ser atribuído à fraude. O médium é de temperamento extrovertido; não tem segredos e não faz mistérios; não usa aparatos de nenhuma espécie; não executa suas ações à distância mas no meio do povo, arrodado por interessados, doentes e curiosos; não atende os doentes em sala fechada, mas às escâncaras, em pleno dia, de janelas e portas abertas, e à noite com lâmpadas bem acesas, chegando mesmo a exigir que alguém segure sempre uma lâmpada sobre o campo operatório; não se veste de maneira complicada, mas com as roupas simples de homem do trabalho, camisa de mangas curtas, braços e mãos inteiramente livres. Nas poucas vezes que visitou São Paulo operou em salas de casas residenciais, às vezes de surpresa, no meio dos presentes e auxiliado por eles.

No que dissemos acima sobre a mediunidade de incorporação, como pivô do complexo mediúnico de Arigó, devemos acrescentar uma observação, referente aos casos de materialização. Há um momento em que a incorporação deixa de funcionar como pivô. Um momento raro, só de quando em quando verificado, em circunstâncias especiais, mas que não pode ser posto de lado na apreciação da mediunidade de Arigó. É o momento em que o Dr. Fritz se materializa. Não se trata de materializações parciais ou de transportes de líquidos. Trata-se do fato dramático, tantas vezes demonstrado nas grandes experiências da Metapsíquica mas teimosamente rejeitado pelos negativistas: o fato da materialização total de um indivíduo humano, como se verificou com a própria mãe de Cesare Lombroso, na sua presença, através da mediunidade maravilhosa, exaltada e difamada de Eusápia Paladino. Fritz tem se materializado em algumas oportunidades, atestadas pelos íntimos de Arigó, pelas pessoas que partilham mais de perto dos seus exaustivos trabalhos.

Nesses momentos Arigó cai em transe mediúnico, perde a consciência do que se passa em seu redor. Aliás, a perda de consciência se verifica também nas incorporações para operações. Esse fenômeno, comum aos

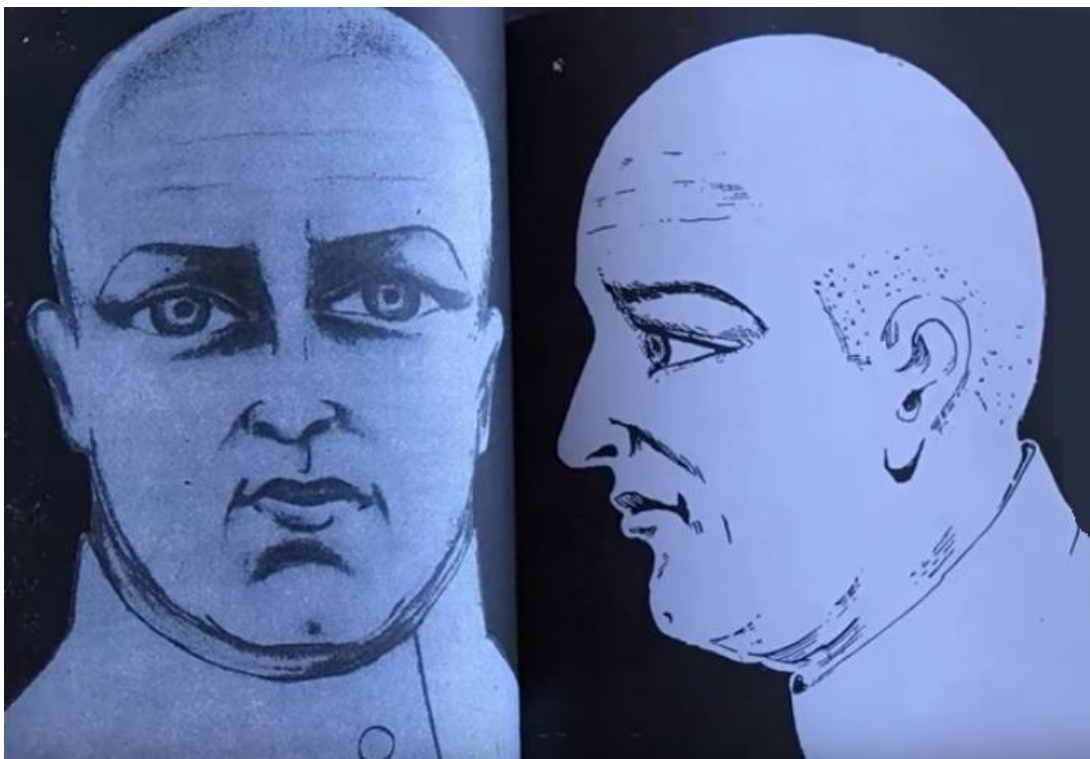
dois estados de transe: o de incorporação e o de materialização, mostra que esses dois estados são autônomos. Quando se dá a materialização, Fritz não está nem poderia estar incorporado. Ele age sobre o médium, auxiliado pela sua equipe de trabalho espiritual, provocando a emanção do ectoplasma e o desdobramento do médium. A seguir, servindo-se da afinidade psíquica com o duplo mediúnico, estabelece as ligações vibratórias necessárias e reveste-se da matéria ectoplásmica. Torna-se então visível e palpável. Objetiva-se.

O caso da operação do senador Lúcio Bittencourt num hotel de Belo Horizonte dá-nos bem a medida desse processo. Arigó aparece no quarto do Senador, de maneira estranha, aproxima-se do leito e o opera, mas no momento da operação já não é Arigó: é Fritz. O próprio médium, ao ouvir o relato do Senador, duvidou de suas faculdades mentais. Porque absolutamente não se lembra de nada que acontece nesses momentos. Richet, Crookes, Notzing, Aksakoff, Geley, todos observaram este processo. É o que geralmente se chama de superincorporação. O médium nunca é passivo, a não ser aparentemente. Seu espírito está sempre em ação, pois que é ele o intermediário, o instrumento indispensável de todos os fenômenos. Na incorporação ou na materialização o médium trabalha espiritualmente, ajudando a manifestação por seu intermédio. É ele o dono do corpo, que nunca abandona e nem pode abandonar. Espírito e corpo formam uma unidade indissolúvel no processo da encarnação.

Relatando-nos, por exemplo — a nós e ao cel. Nitrini, em Congonhas — um caso de vidência em que Fritz lhe apareceu, Arigó nos descreveu o início de um processo de materialização, na fase em que ele ainda conseguira, certamente auxiliado pelo Espírito, conservar a consciência. Mas o próprio Arigó estava certo de que se tratava de vidência, pois não entendia do assunto e não podia compreender o que se passara com ele. Disse-nos que Fritz apareceu à sua frente, no quarto, e quase o sufocava, pois do corpo do Espírito desprendia-se uma fumaça densa que vinha para as suas narinas (do médium). Fato semelhante já fora descrito por Emmanuel Swedenborg, o grande vidente sueco. Nem este, nem Arigó — sendo Swedenborg um sábio e Arigó um homem do campo — compreenderam que a fumaça a que aludiam era simplesmente o ectoplasma, que não vinha do fantasma para as suas narinas, mas, ao

contrário, saía das narinas para formar o fantasma. A sufocação nada mais era que o efeito da saída do ectoplasma e dos primeiros sintomas de perda de consciência para a realização completa da materialização, que exige participação ativa do médium fora da sua consciência normal.

Bem sabemos que todas estas coisas parecem absurdas para aqueles que só cuidam das coisas materiais, ou cuidam das espirituais em termos de pura abstração. Mas os fatos aí estão na realidade das ocorrências espontâneas, que são numerosas, e das experimentações científicas cujos relatos criteriosos e minuciosos enchem bibliotecas inteiras. Alegar que sábios como Richet, Crookes, Ochorowski, Zöllner, Wundt, Weber e Fechner e assim por diante, foram todos iludidos, é levar a audácia e a autossuficiência às raias da cabotinice. Os fatos continuam a desafiar os sabichões, como dizia Richet, e entre esses desafios aí está diante de todos e ao alcance de todos — a mediunidade de Arigó.



Representação gráfica do Espírito Dr. Fritz, recebida pelo médium Pedrinho Machado pela orientação do Espírito Klaus, contida em *Zé Arigó, a oitava maravilha*, Reinaldo Comenale.



O martírio de Arigó

A sensibilidade mediúnica constitui, em si mesma, um martírio. Mas então, perguntam algumas pessoas — e muitas nos fizeram a pergunta — por que há tanta gente que deseja a mediunidade e por que os médiuns não abdicam da sua faculdade? A resposta é dupla, como a pergunta: os que desejam a mediunidade não sabem o que ela é; os médiuns que não desertam são os que o sabem, pois há também os que desertam. Mas ainda, há os que fogem das reuniões, recusam-se a fazer preces, a concentrar-se, fazem o possível e o impossível para não servirem de intermediários entre os dois mundos. Arigó não teve essa oportunidade e pelo que hoje sabemos da sua personalidade e da sua conduta, mesmo que a tivesse jamais fugiria ao seu dever mediúnico. Basta ver o que ele tem suportado e como tem reagido.

Assediado pelos Espíritos desde criança, como já vimos, Arigó, entretanto, só depois de adulto foi saber o que era mediunidade. Primeiro tornou-se médium, para depois sabê-lo. Sua situação, por isso mesmo, foi sempre de desajuste social. É o que estudamos no capítulo situação social do Arigó, na segunda parte deste volume. Quando criança não se ajustava aos prazeres comuns da maioria. Adolescente, evitava as brincadeiras impróprias e as estripulias da idade. Jovem, sentia dever abster-se das chamadas satisfações da juventude. Já vimos que nem mesmo podia partilhar das rodas em que se contavam anedotas picantes, porque a voz estava pronta a chamá-lo às ordens. Homem, pôs-se a defender os injustiçados, pois não podia ver o sofrimento alheio, e foi objeto de acusações políticas, de ameaças e desemprego. Casado e com filhos teve de viver na pobreza, em meio à riqueza da terra e da família.

Até aqui estamos no terreno natural do martirologio dos médiuns,

sejam eles missionários católicos, protestantes, espíritas, budistas ou muçulmanos. A História está repleta dessas vidas dolorosas e heroicas, marcadas pela mediunidade. Sócrates combatido e perseguido, ouvindo a voz, vai morrer na prisão pela cicuta; Joana d'Arc, a camponesa humilde, que lembra muito Arigó em sua fase de inocência campestre, ouve as suas vozes e vai morrer na fogueira; Francisco de Assis vê-se arrancando da família, abominado pelo pai para seguir a via estreita da pobreza e morrer no abandono; Amália Domingos Soler, a grande médium espanhola, é atirada à mendicância, sofre por toda uma vida de sacrifícios inauditos e depois de morta continua caluniada e espezinhada; Eusápia Paladino, a extraordinária médium italiana, essa pequena mulher analfabeta, como Lombroso a chamou, sacode a cultura europeia, desperta os sábios para a realidade maior, deixa no mundo a Biblioteca Paladiniana — a maior bibliografia científica já escrita sobre um caso mediúnico — mas vê-se até o fim da vida e depois de morta acusada de charlatanice e mistificação, caluniada e vilipendiada. Mas o que queremos? O próprio Cristo que o Mundo transformou em Deus, não teve de morrer na cruz?

O desenvolvimento de uma mediunidade complexa como a de Arigó, segundo já observamos, constitui em si mesmo um processo martirizante. Os primeiros contatos com os Espíritos são penosos. Muito médiuns passam por um período prévio de completa perturbação mental e psíquica, por não se ajustarem rapidamente às novas formas de relações com que se defrontam: as relações espirituais, ou como hoje se quer, paranormais. Num mundo como o nosso, em que predominam a ignorância, o egoísmo, o mal em todas as suas formas, a população espiritual não é nem pode ser elevada. O médium, com seus sentidos espirituais abertos além do plano sensorial, está exposto a situações terrivelmente desagradáveis. Se encontramos na Terra, em nossa vida comum, situações, e pessoas que nos fazem sofrer por sua natureza inferior que dizer dos médiuns que têm de enfrentar ainda as situações e os Espíritos do outro plano? Só quem não viu, quem nunca pôde ver um caso de obsessão, não é capaz de avaliar a intensidade do que chamamos martírio psíquico.

Certa noite, em Congonhas, encontramos o Centro Espírita Jesus Nazareno repleto. O povo transbordava do recinto para a rua, cercando o prédio. Arigó já havia atendido de manhã, das 6 às 12 horas, uma

verdadeira multidão. Tivera de seguir depois para o trabalho, lá ficando até às 18 horas. Quando, pouco depois dessa hora, entrou de novo no recinto, vinha extremamente nervoso. Sofria. Uma verdadeira pressão psíquica o esmagava. Agentes policiais; enviados de organizações sectárias, instrumentos de adversários locais e de fora; pretensos pesquisadores que desejavam pegá-lo em fraude e desmascará-lo; toda essa caterva estava representada no meio do povo sofredor, dos doentes que haviam percorrido léguas e léguas à procura de socorro. O médium sentia as dificuldades do ambiente, mas recusava-se a abandoná-lo. Era precisa atender aos sofredores. Via-se a angústia na sua fisionomia contraída, no seu olhar cansado, nos seus gestos bruscos, como que eletrizados. Dois jornalistas embriagados o assediavam, cheirando a álcool. Um professor universitário queria fotografar-se ao seu lado, como seu amigo íntimo, para depois atacá-la em pseudoestudo da sua mediunidade. O fingimento, a astúcia, o golpe premeditado, a artimanha friamente arquitetada, toda uma teia de misérias o enleava.

Heroico, Arigó só via os que realmente necessitavam. Entrou para a saleta de consultas e de lá voltou incorporado pelo Dr. Fritz, que passou uma tremenda descompostura no auditório. Nem ele nem o Espírito fugiram. Firmes no cumprimento do dever espiritual, passaram a atender o povo. A certa altura, vi-o suspender as consultas e ir à janela, gritando para a rua: "Esses embusteiros não conseguem nada; quem cura é Jesus!".

A sensibilidade mediúcnica requer amparo, defesa, ajuda fraterna para que não seja dolorosamente ferida. Arigó não tinha nada disso. Era um médium exposto a ciladas, aos golpes da ignorância e da maldade. Graças à proteção espiritual podia enfrentar tudo, como enfrentou. Mas quem pode avaliar os prejuízos neuropsíquicos que sofreu? Pois bem: até quase às 22 horas Arigó atendeu o povo. Despachou alguns malandros, escorraçou outros e a outros atendeu com estranha compaixão. A um deles declarou: "Você não tem nada e veio aqui eu sei por quê. Mas você está enganado. Vou dar uma receita e trate de tomar. Depois volte aqui". Receitou, mas não permitiu que lhe dessem o original. Era o enviado de um médico, inimigo do médium, que estava procurando elementos de prova para o processo que lhe movia. Só quem conhece os problemas da mediunidade pode avaliar o que então se passava. Mas depois das 22 horas, deixando os seus

companheiros em oração, na reunião habitual do Centro, Arigó ainda partiu para o sítio a fim de atender aos casos mais graves que não podia atender em meio da multidão. E nas horas destinadas ao repouso, em sua casa, tinha ainda de atender os telefonemas que vinham de fora, das cidades mais longínquas. Disse-lhe certa vez que não atendesse o telefone. E ele me respondeu; "Como?! E a minha consciência? É gente que está com as maiores aflições e não pode vir aqui. Se não atender, nem posso cochilar".

Como pode um médium, sem o necessário repouso físico e espiritual, enfrentar uma tarefa tão intensa? E jornais e revistas a publicarem estudos científicos a seu respeito, acusando-o de charlatão, de vigarista, de intermediário de laboratórios. Sacerdotes a atacá-lo procurando levantar a própria família contra ele ou a propor-lhe acordos desonrosos. Não, não precisaria ser médium para viver num verdadeiro inferno, nessas condições. Mas, sendo um médium, o sofrimento é muito maior, torna-se um contínuo martírio. E adicione-se a isso tudo o aparecimento dos chamados donos de Arigó, de pessoas interessadas em tê-lo sob controle, a explorar-lhe desta ou daquela forma a fama e os dons mediúnicos. Em São Paulo, em vésperas de eleições, apareceram faixas de propaganda e folhetos de candidatos em nome do médium. Em vão ele protestava. Quem podia deter a sanha dos exploradores? E a turba dos achacadores vulgares que infestam os locais onde se exerce a mediunidade curadora, para tirar proveito de todas as formas? Eles chegam a tomar ares de assistentes, ajudantes do médium, pedindo dinheiro para fazer que as pessoas sejam atendidas mais depressa. Arigó os denunciava constantemente, mas muitas pessoas diziam que tudo era combinado. A maldade humana é como um ácido que tudo corrói.

Numa tarde de domingo, em dezembro de 1965, Arigó nos perguntou, em sua casa, em Congonhas do Campo, pegando-nos pelo braço e levando-nos para a sala de jantar: "Por que tenho de ser eu o único a pagar o pato? Há tantos médiuns curando por este Brasil sem fim e tantos curandeiros soltos por aí, explorando o povo, e só eu é que tenho de tomar processo e cadeia?" Era um momento de desabafo. Arigó tinha os olhos marejados de lágrimas. Apontou para a janela: "Veja lá fora como está. É gente que chega de toda parte. Cancerosos tem em penca. Tudo desenganado pelos médicos. O que eu vou fazer? Não tenho culpa se eles têm fé em mim. Mas

não sou eu que curo. Só Deus pode curar. Os Espíritos se servem de mim porque eu tenho mediunidade. E por isso me perseguem, não me deixam em paz? Não, isso não está certo!" Claro que não estava. Sentimos a intensidade do martírio do médium. Um homem simples, do povo, nascido numa cidadezinha tranquila, querendo viver a sua vida e não podendo. Mulher, filhos, parentes, amigos, todos necessitados da sua companhia, e uma sociedade médica, juntamente com uma organização clerical, a atormentá-lo dia e noite. Arigó não era aquele que os homens despreocupados viam na Cadeia de Conselheiro Lafaiete. Não era o homem conformado, dizendo simplesmente. "Tudo o que Deus faz é bom". Ali estava revoltado, querendo uma explicação.

— "Você não é um médium comum — tentamos explicar-lhe — a sua mediunidade é excepcional. A sua missão é maior do que você pensa. Acreditamos, Arigó, que você está se sacrificando para mudar não somente a nossa mentalidade, mas também para mudar as leis. A mediunidade precisa ser reconhecida nos seus direitos sagrados. Principalmente no Brasil, que é um vasto país mediúnic. Mas nada se faz sem sacrifícios no mundo em que vivemos. Alguém tem de ser sacrificado. Você está sem paz, sem garantia. A Justiça mantém a espada suspensa sobre a sua cabeça inocente, de homem bom, trabalhador e sincero. A Polícia o espreita como se você fosse um ladrão ou um bandoleiro perigoso. Mas você cumpre a sua missão. E graças a isso os direitos da mediunidade ainda serão reconhecidos pelas nossas leis".

Arigó ouvia pensativo, os olhos enublados, voltados para longe, murmurando de quando em quando: "Os ladrões estão soltos, os criminosos também". Continuava a ouvir e resmungava: "Aqui mesmo, em Congonhas, tem um curandeiro que cobra de todo mundo e só dá raizadas, mas com ele ninguém se importa". Logo, porém, soltou o nosso braço e exclamou: "Amanhã é aquela barbaridade. Tem umas duas mil pessoas me esperando. E hoje à noite os telefonemas não param. Mas o que eu vou fazer? Não posso deixar esse povo desiludido! Deixou-nos na sala e enveredou para a cozinha, gritando pelos filhos. Quando voltou, já era outro homem. Apesar disso, o cansaço pesava sobre ele. Porque Arigó não tem descanso. As preocupações o atormentam. Pensa na família, nas suas responsabilidades pessoais, nas caravanas de doentes que o procuram sem

cessar e na ameaça permanente dos processos que lhe movem. "Eu sei que não vou ficar nunca em paz — declarou-nos logo após — mas Deus sabe o que faz. Depois desse processo vem outro. Eles não me deixam. E eu não posso deixar de atender os que me procuram". Fez uma pausa e perguntou: "Como vai ser?" Não lhe demos resposta. Pois o que responder? Arigó já está, a esta altura, consciente dos seus deveres espirituais, da sua responsabilidade moral e mediúnica. Só lhe resta uma coisa: enfrentar a situação. Nesses momentos de desabafo é melhor deixá-lo explodir.

Allan Kardec acentua, no cap. 23 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que a época de lutas e perseguições sangrentas já passou, referindo-se ao período de propagação do Cristianismo. E acrescenta que as lutas e perseguições atuais, suportadas pelo Espiritismo, são todas de ordem moral. Os mártires cristãos morriam no circo romano, nas corridas de bigas ou esquartejados e lapidados nas praças. Os mártires espíritas são torturados moralmente até a exaustão. Não obstante, há momentos em que as velhas torturas ressurgem, como aconteceu e ainda agora acontece com os espíritas na Espanha e em Portugal. A evolução não se realiza de um salto. É lenta e sujeita a retrocessos eventuais. Mas de qualquer maneira os tempos mudaram e as conquistas já feitas são irreversíveis. Os médiuns atuais têm de suportar as novas formas de tortura que não são praticadas apenas pelos homens, na Terra, mas também pelas entidades espirituais inferiores que se lançam constantemente contra eles. Arigó conhece esses bombardeios psíquicos, tendo nos relatado a maneira por que Espíritos trevosos o procuravam, nas noites solitárias da cadeia de Conselheiro Lafaiete, para mais o perturbarem no isolamento e na amargura.

Um dos aspectos mais curiosos do caso Arigó e que dá bem o exemplo dos modernos processos de tortura é o que podemos chamar de ambivalência dos depoimentos. Uma criatura beneficiada pelo médium corre em seu favor, ansiosa para declarar em juízo que foi curada por ele, dá uma declaração à imprensa, maravilhado. O lipoma, embora não fosse perigoso, estava colocado numa posição anatomicamente difícil, tanto que nos Estados Unidos os especialistas não haviam querido extirpá-lo. Arigó realizou a operação em poucos segundos. O fato foi pesar na sensível balança da Justiça, contra Arigó. Nada vale contra o dogma. Há o dogma do curandeirismo e está acabado. Por isso o advogado de Arigó viu-se

obrigado a apelar para a negativa. O único recurso que lhe restava era a mentira, o que basta para mostrar a natureza moral da justiça terrena.

Na própria sentença condenatória o Juiz declarou esta maravilha: "Cerca de dois milhões de enfermos já foram atendidos por Arigó, nestes últimos doze anos" Essa foi uma das razões, um dos fundamentos da condenação! O jornalista Moacir Jorge chamou Arigó de réu sem vítimas, pois desses dois milhões de clientes nem um só recorreu à Justiça para processá-lo. Nem um só reclamou contra qualquer prejuízo. Todos foram beneficiados. Nenhum médico, dos mais famosos, se encontra nessa situação privilegiada, no mundo inteiro. E precisamente por isso Arigó deve ser condenado, trancafiado no xadrez. É um criminoso. O padre Oscar Gonzales Quevedo SJ, discutindo com o autor deste livro numa estação de televisão, em São Paulo, declarou que as faculdades paranormais de Arigó eram verídicas, mas acrescentou: "Entretanto, ele deve ser condenado e preso, porque está violando a lei e porque tem prejudicado muita gente". Os prejudicados não apareceram até agora. E não é fácil "prepará-los". Porque os beneficiados por Arigó não se sentem moralmente dispostos a acusá-lo, e os que o acusam jamais o fazem com provas, tanto que jamais recorreram à justiça. No segundo processo contra o médium o único depoimento violentamente contrário a ele é assinado por um doente mental, por sinal confesso. Esse depoimento não podia ser aceito. Mas foi. Arigó sabe de todas essas coisas, de todas essas contradições que mais o atormentam. Na sua simplicidade de homem do campo não entende as complicações processuais. Irrita-se contra as injustiças que lhe ferem as fibras mais íntimas do coração generoso. Parece-lhe que há uma conjura universal contra a sua mediunidade, contra o dom de curar que Deus lhe deu e que os homens necessitados reconhecem mas os adversários gratuitos só sabem condenar.

No memorial e aditamento apresentados à defesa de Arigó, no Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, e posteriormente julgado pelo Tribunal de Alçada, o professor Jair Leonardo Lopes, advogado do médium, e que não é espírita, ressalta o seguinte: Por último, no processo, em nenhuma oportunidade são atribuídas ao apelante práticas fraudulentas. Bem por isso a própria sentença condenatória, em nenhuma passagem, pôde qualificá-lo de farsante ou empulhador. Veja-se a

importância e a gravidade desse trecho da defesa. E o advogado prossegue: Diante de tudo isso não há como assemelhar-se o comportamento do apelante ao do curandeiro, mormente quando se sabe que há indivíduos dotados de faculdades excepcionais, que produzem fenômenos como os do apelante. Os espíritas explicam tais fenômenos pela mediunidade, mas os parapsicólogos, inclusive católicos, atribuem os fenômenos às faculdades psi. E poderia ainda o apelante ser, apenas, um indivíduo que, pela experiência já adquirida, torna-se um daqueles entendidos ou iniciados na arte de curar, aos quais se refere Nelson Hungria. (*Comentários ao Código Penal*, vol. IX, pág. 150).

De acordo com o jurista e ex-ministro citado, Nelson Hungria, e com o desembargador Dario Lins, o Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais havia confirmado a absolvição de um réu acusado de curandeirismo, e que, segundo parecer da Procuradoria Geral do Estado, era apenas um entendido em medicina. Daí a referência do advogado de Arigó à sua possível experiência, após doze anos de prática mediúnica atendendo cerca de dois milhões de enfermos, como dizia a própria sentença condenatória. Nada disso surtiu efeito no caso Arigó. O médium naturalmente se exasperava diante dessa muralha de aço da incompreensão humana, que se erguia para ele, e somente para ele. Nada mais justo e compreensível do que a tortura que o afligia, na prisão ou fora da prisão, ao lembrar-se da permanente ameaça que pairava sobre a sua liberdade de homem honesto, trabalhador e caridoso, pai de família pobre, que tinha e tem de cuidar do futuro da prole.

Espetáculo dos mais tocantes era ver o médium, na cadeia, cercado de seus familiares. Sua mulher, d. Arlete, geralmente acompanhada dos filhos; seu velho pai, Antonio de Freitas Sobrinho, magro e espigado, tão diferente do filho; e outros parentes e amigos que levavam ao preso o conforto da sua solidariedade, mas também recebiam dele palavras de estímulo e conforto. Numa das ocasiões em que surpreendemos esse encontro afetuoso, e depois que seu pai se retirou, Arigó nos disse: "Preciso sair daqui, porque essa gente está sofrendo por minha causa." Abaixou a cabeça em breve silêncio e a seguir nos encarou de olhos brilhantes: "Preciso mais por causa de minha mãe, coitada, que está velhinha e nunca esperou me ver nestas condições." Esse é outro aspecto do martírio de Arigó, que bem

poucos conhecem. Saber que a família, tradicionalmente católica, incapaz de compreender o que ele mesmo não compreende muito bem, que é o seu próprio sacrifício, padece com a sua prisão. Como pode sua velha mãe entender o que se passa? Ela só sabe que o filho está preso, na cadeia, e que isso é uma tristeza, quase uma desonra, não fosse a solidariedade de tanta gente boa, de Congonhas e de fora, de todo o Brasil e até do Exterior, que protesta contra a medida injusta. Seu pai, um dia, nos disse: "É, só vejo um jeito, que seria criarem logo cadeiras de Parapsicologia no Brasil."

O martírio de Arigó é um protesto vergonhoso contra a iniquidade, o atraso, a incompreensão, a desumanidade de uma estrutura sociopolítica voltada apenas para os interesses mesquinhos de indivíduos, grupos e castas. Os nossos problemas sociais são resolvidos assim: no morticínio de Canudos, aquela furna em sua "cercadura de montanhas", como escreveu Euclides; ou na imundície das cadeias citadinas ou sertanejas, como a de Lafaiete, também coincidentemente cercada pelas montanhas de minérios que enriquecem os privilegiados. O misticismo de Canudos reflete-se, quase setenta anos depois, na cidadezinha carismática de Congonhas do Campo. Mas já não estamos mais no sertão. O cordão de serras não tem mais o poder de isolar o reduto místico. Os profetas do Aleijadinho não são ícones perdidos, mas obras de arte e atração turística. Por isso não é preciso cercar e dinamitar o reduto. Basta o processo, a denúncia, a mobilização de um código obsoleto, a sentença e a cadeia.

Arigó na cadeia é uma denúncia. A triste denúncia de uma justiça atrasada, de uma religião arcaica, de uma ciência impotente. Um médium perseguido, condenado e preso pelo crime de servir de instrumento a forças espirituais que curam. E contra esse médium, os médicos e os padres, as duas corporações que trazem mais fundo em sua alma e em sua consciência, gravadas pelo juramento de Hipócrates e pela palavra de Cristo, a ordenação do ministério humano. Leis que não distinguem a verdade do falso; anátemas que não separam culpados de inocentes; princípios científicos que não se estendem além dos interesses profissionais. Um homem simples é empolgado pelo poder misterioso que arrancou da humildade a Donzela de Orleans para fazê-la heroína de França. Esse homem não marcha à frente de guerreiros, mas abre os seus braços para receber e curar os condenados à morte; sacrifica a sua paz, a

sua comodidade, a sua alegria de pai de família para socorrer os que sofrem; durante doze anos atende, segundo a própria palavra do Juiz, a dois milhões de doentes. E a Religião, a Ciência, a Justiça levantam-se contra ele e, se não o queimam em Rouen, é porque podem condená-lo a uma fogueira permanente: a do martírio sem tréguas.

Maior é essa denúncia quando sabemos que, à maneira de Arigó, milhares de médiuns, por todo o Brasil, estão sujeitos ao mesmo suplício. A mediunidade se transforma num estigma, como nos tempos medievais. Nenhum interesse pelo seu estudo, pela descoberta das forças misteriosas que agem de maneira tão evidente, perante camponeses ingênuos e cientistas atônitos, assombrando ao mesmo tempo os roceiros de Congonhas e os parapsicólogos da Argentina, da Europa e da América do Norte. Nada mais interessa, desde que há um código obsoleto e um dogma profissional, ambos cômodos e úteis, capazes de manter a paz da rotina afastando os importunos. A atitude é tipicamente medieval: os médiuns, essas bruxas redivivas, que sejam lançados à água e à fogueira, afogados no papelório dos processos e custodiados na imundície material e moral das cadeias. A Religião e a Medicina o exigem. E o Direito o concede.

Só uma chave pode haver para este capítulo. Uma chave rústica, não de ouro mas de cipó, ou talvez do bronze sem brilho da couraça dos vaqueiros, aquela mesma que encerra o protesto de Euclides: "... que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa — esta página sem brilhos... "

SEGUNDA PARTE

Arigó e o paranormal

I

Do Aleijadinho ao Arigó

Congonhas do Campo, a duas horas de automóvel de Belo Horizonte por estrada asfaltada, é uma cidadezinha carismática. Na sua humildade e sobretudo na sua rusticidade, pousada entre montanhas de minérios, conserva um dos mais ricos monumentos de religião e arte do Brasil: o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, erguido na segunda metade do século XVIII, com o famoso adro em que se veem as doze estátuas dos Profetas do Aleijadinho esculpidas em pedra-sabão. Impressiona poderosamente a visão daquelas estátuas que guardam a individualização de cada figura bíblica, plasmada pelo gênio obscuro de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Através dos séculos a estatuaria de Mestre Antônio Francisco exerceu inimaginável influência nas populações rurais da região, atraindo-as para a Igreja que se tornou verdadeiro centro de misticismo e taumaturgia. Nas festas de São Bom Jesus a cidadezinha é invadida por multidões de doentes e aleijados que acorrem ao Santuário como os mendigos e leprosos do tempo de Jesus afluíam ao lago de Betsaida. E os milagres se multiplicam de ano para ano, consagrando cada vez mais o carisma, a graça divina que assinala Congonhas. Há uma curiosa sintonização entre os reinos extremos do mineral e do hominal. Como no ciclo do ouro, o homem procura ainda hoje a sua salvação física e espiritual nas figuras de pedra, e estas respondem ao anseio humano revelando aos devotos a magia das formas que o Aleijadinho e seus auxiliares fixaram no minério. Os extremos se encontram.

Essa dialética da fé, que surge espontânea da alma ingênua do povo, resulta no clima de misticismo e de religiosidade fanática que domina a

região. A tradição esmaga as gerações que desfilam contemplativas e apáticas ante o poder misterioso dos Profetas, em cujo olhar vazio — os globos minerais parecem mortos ou extáticos na expressão viva do rosto — a eternidade se reflete implacável. Poderíamos dizer que o gênio artístico-religioso do Aleijadinho magnetiza a alma do povo através dos séculos, com o estranho vazio daquelas órbitas de pedra. Mas esse magnetismo, pela sua própria natureza contraditória, no jogo permanente e invariável entre o eterno e o efêmero, no contraste da pedra fria com o sangue a ferver na carne sertaneja, é a fonte natural de que brotam o pecado e o perdão, o crime e a virtude, a miséria da doença e o esplendor do milagre.

Congonhas do Campo é humilde e grandiosa, estranha mistura de debilidade e força, de profano e sagrado, de vulgar e sublime, de transitório e eterno. Curioso como a alma humana conseguiu vencer, naquele reino mineral, a resistência da matéria bruta para nela fixar as suas aspirações de beleza e eternidade. Nada mais justo que, nesse meio de psiquismo telúrico, nesse ambiente de sublimação estática em que a pedra reflete na sua imobilidade o tumulto das paixões e a força do espírito, o homem rompesse finalmente os moldes impassíveis da contemplação para explodir na sua atividade psíquica, através da potência do paranormal.

Arigó é a réplica do Aleijadinho a sua própria obra. Com o sensitivo de Congonhas o artista dos Profetas se resgata a si mesmo. Mestre Antônio Francisco rompe as armaduras minerais em que encerrou o seu poder criador, para desencadeá-lo novamente no seio do povo. A taumaturgia dos Profetas, que emanava silenciosa do minério, subitamente se transfunde em atividade humana. É assim que podemos entender, no plano mais vasto da História, acima das aparências do contingente, a ligação entre o Aleijadinho e Arigó. Este afirma que a sua missão pertence àquele. Foi Mestre Antônio Francisco quem preparou a sua eclosão mediúnica. Fritz, o médico alemão que opera através de suas mãos, é um auxiliar do mestre. Fritz, por sua vez, diz o mesmo: "Se estou aqui, a culpa é do Aleijadinho."

Interpretando esse fato no plano do contingente e portanto da aparência, a ligação entre o Aleijadinho e Arigó comporta apenas duas explicações: a psiquiátrica, de ordem alucinatória, e a espírita, de ordem mediúnica. Mas no plano histórico a sequência cronológica estabelece a

continuidade, a tradição supera a fragmentação temporária e conseqüentemente o mistério da eternidade se transfunde na lógica da duração. O tempo que correu entre o Aleijadinho e Arigó aparece então como um *continuum*. As estátuas de pedra agiram nesse processo como catalisadoras. O tempo e as gerações constituem a massa de reação acelerada e no momento da transformação os Profetas mantêm a sua impassibilidade mineral, de olhos vazios fitos na eternidade.

Há problemas que não podemos equacionar de maneira simples ou corriqueira, sob pena de jamais chegarmos à solução. No caso Arigó há dois aspectos que funcionam em forma de polaridade. Num polo está o banal, como simples aparência: o caboclo mineiro empolgado por forças subliminares ou subscientes que o transformam em taumaturgo ou charlatão. No outro polo está o supranormal: a ação histórica prolongando na duração a cadeia de eventos temporais. O raciocínio simplista pode levar os observadores a uma das pontas do dilema do primeiro polo. A explicação do caso, que se torna impossível, será oferecida por um simples dar-de-ombros, equivalendo a uma destas afirmações: Arigó é um santo; ou Arigó é um mistificador. O raciocínio profundo levará fatalmente a uma conclusão única: Arigó é um *sujet* paranormal.

As duas afirmações simplórias pertencem ao passado. Hoje, com o desenvolvimento científico a que chegamos, é inadmissível explicar-se em termos teológicos ou em termos de impostura a série de fenômenos ocorridos com Arigó. Só a ignorância ou a má fé poderá fazê-lo. A conclusão lógica do paranormal impõe-se como evidência, e como tal apoiada nas investigações científicas da Metapsíquica, no passado, e da Parapsicologia, no presente. Mas também apoiada no próprio desenvolvimento das ciências físicas, que romperam neste século o domínio da aparência, para descobrirem, na intimidade da matéria, a realidade energética. O próprio conceito físico do *continuum* espaço-tempo constitui elemento fundamental da compreensão desse processo histórico, que dialeticamente se equaciona em termos de duração no plano do vitalismo bergsoniano.

Colocado assim o problema, podemos compreender a ligação Aleijadinho-Arigó sem necessidade de aceitarmos a natureza espiritual do caso de Congonhas. A cidadezinha carismática passa historicamente de um plano a outro, sem qualquer violência para a convicção ideológica de quem

quer que seja. As romarias a Congonhas do Campo, que marcaram no passado a força atrativa dos Profetas de pedra, hoje se desdobram. O poder dos Profetas se projetou na carne. Podemos dizer que a pedra, que antes fora carne, por ela modelada em sua própria forma, agora volta a ser carne. Todo um ciclo histórico se define com perfeita nitidez.

Mas isso não exclui a explicação espiritual, que se entrosa perfeitamente na explicação histórica. Para os que, como o autor, admitem a sobrevivência do homem após a morte, todo esse processo decorre da continuidade psíquica. Arigó teria, assim, uma relação direta com o Aleijadinho, que é também histórica mas se realiza no plano individual. Dessa relação decorreria todo o processo histórico impessoal que o observador não-espírita reconhece no plano existencial dos eventos.

A ação catalítica dos Profetas de pedra se resolveu na transformação social que Arigó inicia. Um médico do Rio de Janeiro, que publicou um livro com o pseudônimo de Cícero Valério, intitulado *Fenômenos Parapsicológicos e Espíritos*, declara à pág. 44 do mesmo: "Acompanhado de um colega, Dr. S. C., de sua irmã R.P.M. e seu cunhado E.P.M., inesperadamente, em um sábado, pusemo-nos em demanda da bucólica cidade mineira de Congonhas, em busca da obra genial do Aleijadinho e dos fenômenos extraordinários apresentados pelo grande médium José Pedro de Freitas, vulgarmente conhecido como Arigó". Como se vê, a romaria se divide: por um lado o interesse artístico ainda preso aos Profetas, mas por outro o interesse taumatúrgico que já se desloca para o sensitivo. Este é apenas um exemplo, pois a divisão se manifesta ainda noutra forma. Há os que continuam procurando a cidadezinha carismática por fidelidade ao Santuário, e há os que a procuram unicamente pelo interesse do sensitivo.

De uma maneira ou de outra a continuidade histórica se resolve em desdobramento, no processo dialético que nos leva ao conceito de duração. O Aleijadinho e Arigó se sintonizam acima do tempo, não como causa e efeito mas como a sincronização que Carl Jung teorizou para os eventos do plano extrafísico. Ainda uma vez o mesmo problema da polaridade: no polo da aparência Aleijadinho pode ser rejeitado como a causa do efeito Arigó mas, no polo do supranormal ambos se juntam e se conjugam, como sincronização, simultaneidade ou coincidência, no mesmo *continuum* do carisma de Congonhas do Campo.

Claro que os adversários gratuitos de Arigó — gratuitos porque ele não se opõe a ninguém — pensarão que estamos ensaiando a aplicação de teorias escatológicas a um caso banal. Mas aquilo que chamamos banalidade não é apenas um momento da escatologia? Por outro lado, o caso Arigó, como vamos demonstrar, é bem mais grave do que o supõem os que pensam negá-lo com argumentos fáceis.

Feita esta tentativa de mostrar a importância histórica do caso Arigó, para não perdermos a sua dimensão metafísica banalizando-o em nossa micropsiquia, passemos a tratá-lo no plano dos dados concretos. Mas não se iluda o leitor. A cada momento os próprios fatos se incumbirão de colocar-nos de novo em face do absurdo. Como já notamos acima, só temos a alternativa de considerar o caso no plano do contingente ou de considerá-lo no plano do supranormal. Mas devemos entender como supranormal não o sobrenatural, e sim aquilo que não é habitual. Arigó, em nossa opinião, não é um taumaturgo mas apenas um homem que revela extraordinária capacidade psi, ou seja, a posse simultânea de várias faculdades paranormais, que produzem os chamados fenômenos psi investigados pela Parapsicologia. É o que procuraremos demonstrar.

II

Da benzedura à cirurgia

Baixemos um pouco a nossa viseira para tentar situar o caso Arigó no panorama da fenomenologia paranormal da medicina popular brasileira. Não pode haver dúvida de que existe em nosso país uma sistemática de cura tipicamente paranormal, como o há nos demais países. Não se trata da chamada medicina caseira, feita de mezinhas e outras aplicações comuns. Trata-se de um complicado sistema de ação milagrosa que podemos dividir na seguinte classificação:

- 1) **Benedores**, que praticam gestos, orações ou palavras mágicas tanto para a cura de animais como de pessoas, obtendo resultados positivos. Os casos mais comuns são a cura de bicheiras de animais, de verrugas, micoses e até mesmo de hérnias, particularmente em crianças. O professor Joseph Banks Rhine, chamado o Pai da Parapsicologia, conta um caso de cura de verrugas numa vaca por esse processo, como indício da ação da mente sobre a matéria.
- 2) **Curandeiros**, que aplicam beberagens, em geral garrafadas de raízes, sementes e ervas diversas, ou mesmo a mistura de excrementos de animais ou de vísceras com aguardente, vinho e outras bebidas; utilizam-se de amuletos ou sementes de plantas, patuás, guizos de cascavel, pedaços de peles de animais etc. para obterem curas de diversos males. A ação desses objetos e das beberagens é quase sempre ativada por meio de palavras mágicas, de dias e horas favoráveis para serem usados e assim por diante, revelando a natureza supersticiosa do processo de cura.
- 3) **Rezadores**, que fazem reuniões de cura por meio de orações ou preferem orar sozinhos ao lado do enfermo, acompanhando as

orações com gestos ou uso de velas, queima de ervas ou apenas de atitudes e posturas especiais.

- 4) **Médium-passistas**, espíritas, que aplicam passes magnéticos ou espirituais nos doentes, às vezes acompanhados de sopros curadores.
- 5) **Médiuns-receitistas**, que em transe recebem intuições de receituário, diagnosticam moléstias e tanto indicam medicamentos caseiros como homeopáticos ou alopáticos.
- 6) **Médiuns-operadores**, que em sessões espíritas ou nas formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, com a presença do doente ou à distância, realizam operações espirituais sem intervenção cirúrgica visível, às vezes com extração de tecidos ou supostos tecidos orgânicos enfermos.

Temos nessas categorias todas as formas de curas paranormais, desde a simples benzedura do quebranto ou mau-olhado até as intervenções cirúrgicas à distância. O caso Arigó, porém, não se enquadra em nenhuma dessas classificações. O estranho médium de Congonhas do Campo faz intervenções concretas, pessoalmente, cortando com facas, tesouras ou bisturis, sem assepsia nem anestesia. Sua intervenção é o que se pode chamar de brutal. Mas a brutalidade está apenas na aparência, porque o doente não sofre nenhuma dor nem mal-estar e fica realmente curado, sem sequer sujeitar-se ao repouso habitual no leito.

No tocante ao receituário Arigó não emprega beberagens de espécie alguma nem remédios caseiros, ou homeopáticos e alopáticos de uso popular. Receita drogas recentes, muitas vezes ainda não lançadas no mercado ou não importadas, antibióticos violentos em doses maciças, que assustam os médicos. Seu receituário revela perfeita atualização médica. Geralmente as receitas são, extensas, mas porque a sua finalidade é curar de vez a doença para que o paciente não precise voltar à consulta.

Tanto no caso das operações quanto no das receitas, Arigó não realiza sessões espíritas nem age de olhos fechados. Verifica-se o seu estado paranormal pela modificação da expressão fisionômica, especialmente do olhar, que se torna distante, e pela modificação da pronúncia caipira para acentuado sotaque alemão. Há também a pronúncia de frases em alemão e às vezes a conversação nesse idioma, que o médium desconhece

inteiramente. Arigó trabalha em mangas de camisa, os braços nus e sempre em plena luz, operando em público e chamando os médicos presentes para assistirem de perto a operação.

A hemorragia é controlada verbalmente. O médium manda o sangue estancar e a ordem é imediatamente obedecida. Em certos casos, mormente nas intervenções de vulto dos primeiros anos de sua atividade, a cicatrização era produzida também de maneira imediata. Atualmente em casos raros, segundo o depoimento inclusive de médicos, isso ainda se verifica. Erguendo no ar uma mecha de algodão seco, Arigó pede líquido a entidades invisíveis e o algodão se embebe. As operações são realizadas com extrema rapidez. O leitor verificará isto no depoimento de um professor universitário de clínica-cirúrgica que daremos na sequência do livro.

Arigó não é, como se vê, nem benzedor nem curandeiro, nem rezador ou médium-passista. Suas características são as de um verdadeiro *sujeito* paranormal, um metérgico. Quando assistiu a um filme sobre as suas operações ficou de tal maneira apavorado que desmaiou. Tinha consciência de agir em casos de cura erva, mas não de operar com a violência e a audácia que o caracterizam. Apesar de toda essa estranheza devemos acentuar que o caso Arigó não é único no Brasil. Há outros que podemos considerar idênticos e outros que, embora da mesma espécie, apresentam curiosas variantes. Esse é um fato da mais alta importância, pois mostra o aparecimento de uma nova categoria, de um novo tipo de agente paranormal na medicina popular brasileira.

Os demais casos permanecem contidos em âmbito local, na maioria das vezes entre as pessoas da família ou do grupo social, que receiam os prejuízos advindos da divulgação. Um desses casos, de que temos conhecimento, assemelha-se perfeitamente ao de Arigó. Verifica-se no Rio de Janeiro, mas o grupo interessado o mantém sob o maior sigilo. Outro, também do Rio, teve repercussão em São Paulo em virtude da viagem da médium, uma senhora casada, para a cidade de Bauru, onde realizou várias operações. Há ainda o caso de um médium do Recife, divulgado por um relatório mimeografado do brigadeiro Adil de Oliveira. O médium age como Arigó e a entidade manifestante dá o nome de Dr. Kempler, dizendo ter falecido na Primeira Guerra Mundial e ser alemão, exatamente como o Dr.

Fritz.

Em Marília, na Alta Paulista, assistimos a várias intervenções de outro tipo e nos submetemos a uma com pleno resultado. O médium incorporava uma entidade que também se dizia médico alemão — isso bem antes da divulgação do caso Arigó — e dava o nome de Huxley, falando também com sotaque acentuado. Não fazia uso de instrumentos. O médium operava como se tivesse um bisturi nas mãos e o doente sentia o corte interno, mas absolutamente sem dor e sem sangue. Depois da operação o doente podia levantar-se e ir para casa, mas sentia geralmente um estado de prostração. Às vezes a entidade receitava o uso de dextrosol, açúcar de milho para levantar as forças do operado. A simples ingestão de meio copo d'água com uma colher de sopa de açúcar produzia efeitos rápidos. Com o mesmo médium recebemos instruções pós-operatórias em sessão de voz-direta, uma poderosa voz soando no espaço por meio de uma corneta de cartolina que era levitada. O fenômeno da voz-direta foi recentemente confirmado nas experiências parapsicológicas Dr. C. G. Soal, da Universidade de Londres, na Inglaterra.

Em Garça, também na Alta Paulista, verificamos pessoalmente um dos casos mais curiosos. A médium, dona Bernarda Torrúbio, esposa do sitiante José Torrúbio, fazia operações em sessões mediúnicas, mas de maneira especialíssima. Caindo em transe vomitava sobre a mesa os resíduos da operação, invisivelmente realizada no enfermo que se achava presente. Médicos da região, a convite do Doutor Urbano de Assis Xavier, de Marília, assistiram à intervenção num senhor de idade, tuberculoso desenganado, e colheram o material para análises de laboratório. Estranharam depois que a médium, mulher perfeitamente sadia, tivesse vomitado matéria orgânica infectada. O doente sarou. Um padeiro de Garça conservava em vidro de álcool os restos de uma operação que sofrera quando se achava em estado de coma e desenganado, com fratura na base do crânio. Ainda em Garça soubemos da existência de outra sensitiva que fazia operações semelhantes, mas não pudemos verificar o caso nem conhecer a sensitiva, que morava na zona rural.

Todos esses casos são citados para demonstrar que o de Arigó não é único. Verifica-se atualmente uma verdadeira eclosão dessa nova categoria de fenomenologia paranormal para efeitos de cura, em nosso país. No

momento em que a Parapsicologia se impõe nos principais centros universitários do mundo, tanto na área capitalista quanto na comunista, com investigações intensivas nos Estados Unidos e na URSS, esse fato devia merecer maior atenção de nossas instituições científicas e dos poderes governamentais. Diante do processo-crime movido contra Arigó pela Associação Médica de Minas Gerais, o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo telegrafou e oficiou ao senhor Presidente da República sugerindo a formulação de convites a parapsicólogos de renome internacional para virem estudar o caso de Congonhas. O presidente João Goulart respondeu que entregara a sugestão ao estudo do Ministério do Exterior. E nada mais se fez.

O caso Arigó não comporta dúvidas. Há doze anos que o médium (hoje mais de vinte) exerce as suas faculdades gratuitamente, não aceitando nenhuma espécie de recompensa e com grande sacrifício pessoal. As operações por ele realizadas foram fotografadas por centenas de pessoas, cinematografadas e inclusive filmadas para televisão e cinema. Os testemunhos oculares sobem a milhares, em envolvendo pessoas de todas as categorias sociais, desde o analfabeto ao professor universitário e aos médicos especialistas em cirurgia. Sacerdotes e médicos dividiram-se diante do impacto dos fatos. No clero, como na classe médica, há os que negam a legitimidade dos fenômenos e atacam ferozmente Arigó e há os que afirmam a legitimidade e defendem o médium.

Dessa maneira o caso Arigó se transformou num verdadeiro desafio à Religião e à Ciência. Pertencente a família tradicionalmente católica, Arigó rompeu com a sua religião para dizer-se espírita. No tocante à Ciência, o desafio se reveste de um sentido irônico, pois o apelido Arigó, dado ao sensitivo, significa roceiro simplório, puxador de enxada, geralmente analfabeto e ignorante. Podemos dizer que em Congonhas do Campo a Religião e a Ciência, parodiando o poema do mineiro Carlos Drummond de Andrade, toparam com um arigó no meio do caminho. Basta, entretanto, encararem os fatos com isenção de ânimo, para que ambas superem as aparentes dificuldades e largamente se beneficiem com o caso Arigó. Homem simples, pai de numerosa família, o sensitivo não quer e não pode entrar em luta com ninguém. Deseja apenas ser útil, pondo suas faculdades a serviço de todos.

A eclosão dessa nova categoria paranormal no Brasil é acompanhada de ocorrência semelhante nas Filipinas. O *Psychic News*, de Londres, em seu número da última semana de fevereiro de 1966, publica uma série de fotografias espantosas. O médium Tony Agpoa, de Cubao, arredores da cidade de Quezon, operou uma cancerosa do útero por processo semelhante ao de Arigó. O médium filipino não usa qualquer instrumento. Produz o corte pelo simples contato das mãos. As fotos, em número de doze, foram batidas pelo Dr. William Belk que esteve no Brasil e também registrou o caso Arigó, assistindo à operação do seu companheiro, Dr. Puharich, pelo médium de Congonhas.



Zé Arigó operando em 1967. Foto de Cláudia Andujar para a revista *Realidade*.
fonte: <https://www.swissinfo.ch/por/multimedia/claudia-andujar---galeria/41879924>



O homem e o meio

Não nos parece proveitoso tentar uma classificação tipológica de Arigó, segundo esta ou aquela escola de Psicologia. Simplesmente absurdo, por outro lado, seria tentarmos uma classificação psiquiátrica, como o fizeram através da imprensa um médico e um professor de Psicologia. Já no seu livro *Psicologia e Spiritismo* o professor Enrico Morselli, diretor da Clínica de Doenças Nervosas e Mentais da Universidade de Gênova, Itália, ao tratar da mediunidade de Eusápia Paladino lamentava que apenas Frederic Myers houvesse cuidado do problema, em seu livro *The Human Personality*, hoje praticamente esquecido. Acentuava Morselli a falta de elementos para o esclarecimento do assunto, mostrando que, de um lado, os psicólogos experimentais como Pierre Janet, e de outro os psiquiatras, forneciam poucos resultados seguros para uma interpretação. Apesar disso concluía optando pela classificação da mediunidade como "um fato anormal da personalidade fisiopsíquica humana". Essa posição, tipicamente psiquiátrica, permanece até hoje na Psicologia, não obstante também persista a falta de elementos apontada por Morselli, embora aparentemente suprida com as hipóteses e a terminologia psicanalíticas.

No próprio campo da Psicanálise as posições quanto ao problema da personalidade se diferenciaram com as dissidências de Alfred Adler e Carl Jung. O próprio Freud, como assinala Joseph Nuttin, admitiu que a Psicanálise "só fornecia uma contribuição fragmentária para o estudo do psiquismo". Para remediar essa situação, sem perder as fecundas contribuições psicanalíticas, Nuttin formulou a sua *Teoria dinâmica da personalidade normal*. Todo o problema, como se vê, gira em torno de um ponto obscuro: o da normalidade ou anormalidade da personalidade mediúnica. Hoje a Parapsicologia nos oferece novos e valiosos elementos

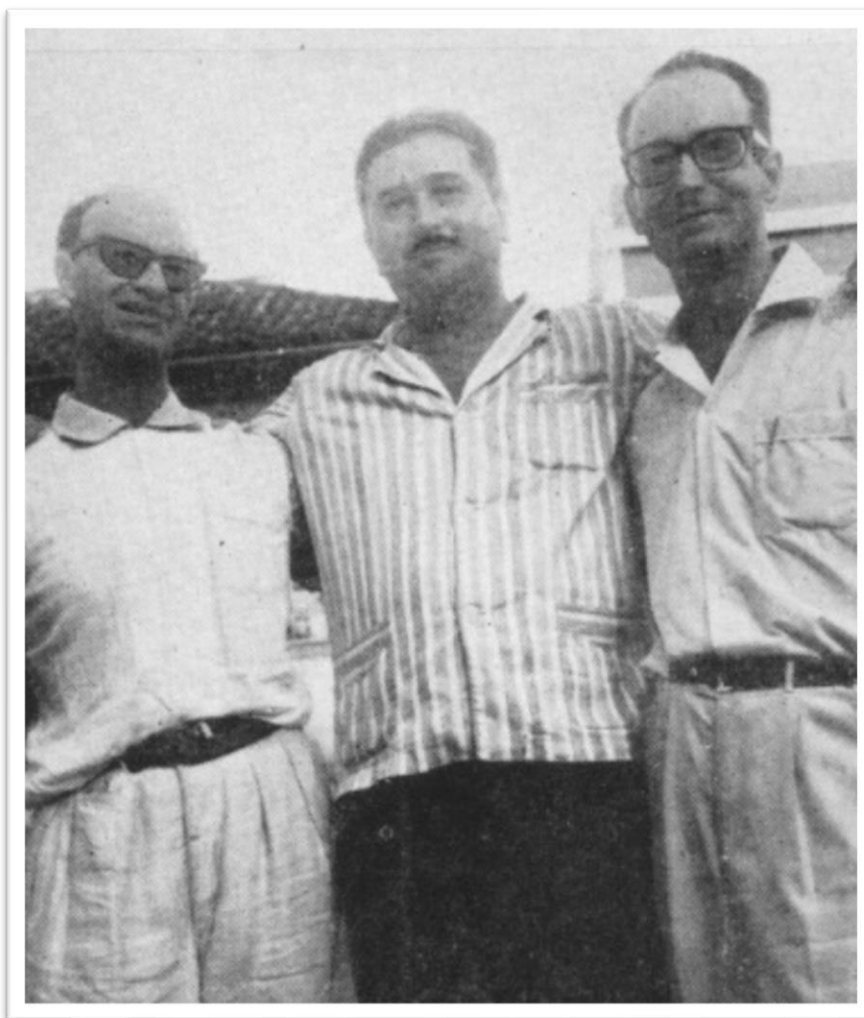
para o trato do assunto. Mesmo assim seria temerário tentar uma classificação tipológica de Arigó.

Nuttin põe em destaque o contraste das posições psicológicas, que procuram interpretar a personalidade a partir de campos extremos: as formas patológicas na psicologia profunda e as formas animais na psicologia superficial das escolas reflexiologista russa e condutista americana. Declara Nuttin: "O fato de ter sido a vida psíquica observada em suas formas de expressão patológica ou em suas formas animais, e interpretada a partir dessas observações, marcou profundamente a imagem da personalidade humana que a Psicologia contemporânea nos oferece". Daí o seu esforço na formulação de uma teoria da personalidade normal.

Interpretar Arigó como anormal e enquadrá-lo numa classificação qualquer é muito fácil. Mas estabelecer a ligação lógica entre os seus possíveis desequilíbrios e os efeitos concretos de sua atividade mediúnica é simplesmente. Daí a fuga a que o psicólogo ou psiquiatra se veem obrigados, para a negação absoluta da fenomenologia paranormal e o apelo à acusação fácil de fraude e charlatanice. Note-se que essas duas atitudes correspondem precisamente à dicotomia denunciada por Nuttin: a classificação patológica, colocando o problema num beco sem-saída, requer a explicação animal ou behaviorista da sagacidade e esperteza do médium. Com isso a diagnose dá um salto mortal da psicologia profunda para a psicologia superficial, por cima do abismo do psiismo normal.

Esse salto já não se justifica em nossos dias, a não ser pela falta de atualização do psicólogo ou do psiquiatra. Além da posição de Nuttin, que resulta do desenvolvimento da Psicologia moderna, as pesquisas da Parapsicologia lançam novas luzes sobre o problema. O livro de Jan Ehrenwald, *Telepatia e relações interpessoais*, traz como subtítulo: "Novas dimensões da análise profunda e oferecem novas perspectivas para o estudo da anormalidade psíquica em função das ocorrências telepáticas normais". E o professor Joseph Banks Rhine, da Duke University, contesta a natureza anormal dos fenômenos mediúnicos, mostrando que as experiências parapsicológicas se realizam melhor com sujeitos normais. Chega mesmo a declarar: "Não há dúvida de que, se houvesse alguma vinculação básica entre enfermidade mental e faculdade *psi*, os primeiros

psiquiatras teriam encontrado muito maior número de fenômenos que encontraram, e provavelmente a Parapsicologia não teria chegado a constituir-se num ramo de investigações independentes".



Francisco Candido Xavier, o conhecido médium de Pedro Leopoldo, e o médium Dr. Waldo Vieira de Uberaba, ao viajarem para os Estados Unidos e a Europa, em 1964, a serviço doutrinário, foram despedir-se de Arigó, em Conselheiro Lafaiete. Nessa ocasião foi feita esta fotografia histórica, que reúne os três grandes médiuns brasileiros.

Rhine acentua também que os estudos de Stuart, Schmeidler e Humphrey: "tendem, com certas reservas, a sugerir que, quanto melhor adaptados, maiores probabilidades mostram os indivíduos de obter desvios positivos quanto à média esperada por acaso nos testes de percepção extrassensorial." O problema das ligações do indivíduo com o meio e particularmente o da sua adaptação, que constitui hoje o *leitmotiv* de todas as correntes psicológicas, é recolocado pela investigação parapsicológica no plano do paranormal. Assim, como entende Rhine, a

Parapsicologia desbasta a selva obscura do sobrenatural, abrindo caminho para uma Psicologia Total que integrará os campos hoje em conflito.

Mas essa integração não se fará sem que as posições da psicologia profunda e da psicologia superficial sejam abaladas, com o reconhecimento da realidade *psi*, esse novo mundo da mente que, como diz Rhine: "só é novo para a ciência." E como *psi* implica uma polaridade ativa: os fenômenos subjetivos de percepção extrassensorial e os fenômenos objetivos de ação da mente sobre a matéria, ambos ligados ao meio-ambiente, ambos enquadrados na dualidade sujeito-objeto e na sua reciprocidade ativa, é evidente que a interpretação da personalidade só pode ser feita, agora e no futuro, em termos de relação mesológica. Mas lembrando uma sugestão de Gilberto Freyre, podemos dizer que *psi* abre a possibilidade de uma sociologia do sobrenatural, que nos termos atuais da investigação, equivaleria à elaboração de uma parassociologia.



Arigó por trás das grades, na Cadeia de Conselheiro Lafaiete, como se fosse, um criminoso.

“Réu sem crime” como o chamou o jornalista Moacyr Jorge, em breve as autoridades lhe deram lugar menos deprimente, não para ele, mas para cultura científica do Brasil.

Este flagrante medieval, irradiado pela televisão, publicado por jornais e revistas e exibido nos cinemas de todo país, provocou intensas emoções popular.

O homem Arigó, por isso mesmo, não pode ser visto senão em relação com o meio complexo em que se desenvolveu. A complexidade desse meio já foi lembrada no capítulo em que tentamos estabelecer as ligações históricas entre o Aleijadinho e Arigó. Congonhas do Campo não é apenas uma cidadezinha qualquer de Minas Gerais ou do Brasil, mas um contexto próprio, específico, que chamamos de carismático em virtude dos fatores extraordinários que agem no seu desenvolvimento, desde a fundação de uma simples capela em 1757, no local em que hoje se ergue o seu Santuário, até a espantosa intervenção do Aleijadinho, com suas consequências no correr do tempo, e ao aparecimento do caso Arigó.

Descartar esse contexto para interpretar Arigó como mais um tipo místico que aparece no país, descambando para o charlatanismo, é assumir uma atitude simplória e não científica. Explicá-lo pela Psiquiatria é simples absurdo, pois mesmo que fosse um psicopata seria um paranoico ou esquizofrênico dotado de capacidades paranormais que se manifestam de maneira objetiva, através de ações concretas inegáveis e de efeito duradouro. Atribuir as suas ações à astúcia e à habilidade é mais do que absurdo. Como pode um prestidigitador simular uma operação de útero ou mesmo uma operação de catarata, realizando-as na presença de especialistas, sem a menor utilização de um aparato teatral? E como explicar que fatos dessa natureza possam ser produzidos pela presença de misteriosos conteúdos sociais na consciência de um roceiro ou pela espantosa presença de reflexos condicionados no seu automatismo psíquico? Pois a verdade é que essas e outras hipóteses foram aventadas, publicadas e até mesmo debatidas em programas de televisão.

Relacionando o homem com o meio, porém ambos considerados no plano do contingente, do banal, do corriqueiro, puderam dois observadores falar em termos de frustração e compensação para classificar Arigó como paranoico. Mas para explicar as suas ações objetivas tiveram também de recorrer à acupuntura chinesa, ao kuatsu japonês e ao hipnotismo, técnicas, todas essas, inteiramente estranhas ao meio de Arigó e a ele inacessíveis, além de não existir a mais leve indicação de qualquer aplicação de tais técnicas pelo médium. Ignorado, no contexto de Congonhas, o elemento histórico paranormal — a superestrutura místico-cultural — e assim reduzido o contexto ao seu aspecto comum, os próprios

observadores tiveram a necessidade de acrescentar-lhe elementos estranhos para justificarem a sua interpretação.

A mesma dificuldade se depara na outra tentativa de explicação: Arigó, como todo homem, é um produto do meio, mas carrega consigo os conteúdos sociais de consciência que, misteriosamente aliados a reflexos condicionados, lhe permitiriam agir como sujeito metérgico. Os conteúdos de consciência são uma herança cultural e os reflexos condicionados exigem tempo de condicionamento. Tanto a herança cultural de Arigó quanto a sua possibilidade de condicionar reflexos não oferecem nenhuma probabilidade dessa estranha eclosão de uma capacidade de diagnosticar, receitar, fazer intervenções cirúrgicas e falar alemão ou com sotaque alemão. Mais difícil explicar as relações entre o meio de Congonhas e o homem Arigó, nesses termos, do que explicar a influência dos astros nas oscilações da Bolsa.

Mas há outras considerações não menos curiosas. Segundo estas, o meio explicaria o homem em termos de relações telúricas e cósmicas. Congonhas é uma zona de minérios. As radiações minerais, conjugadas com as influências ainda desconhecidas das radiações cósmicas, afetariam os seus nervos, modificando o seu psiquismo e transformando-o num indivíduo metérgico. Mas como explicar que essas influências, em vez de levarem Arigó a plantar batatas ou criar galinhas, como fazem tantos dos seus conterrâneos, o levaram a falar alemão, receitar e fazer intervenções cirúrgicas? E de que maneira essas influências telúricas e cósmicas podem dirigir as mãos do homem com habilidade e perícia na realização de intervenções cirúrgicas complexas e delicadas?

Como se vê, podemos dizer com Ernesto Bozzano, o grande metapsiquista italiano, que essas explicações são mais complicadas e mais fantásticas que as próprias teorias por elas rejeitadas. As relações entre o homem e o meio só podem ser avaliadas nos limites da realidade objetiva. Essa realidade é objetiva, não como um simples contexto socioeconômico, mas como um contexto cultural, e portanto psíquico. O meio em que Arigó se desenvolveu não é somente material e animal, não se compõe apenas de chão com minérios e de criaturas humanas em relações socioeconômicas. As estátuas do Aleijadinho são disso uma prova. Há todo um poderoso conteúdo espiritual em desenvolvimento, através do tempo, sobre o chão

de minérios de Congonhas do Campo. Esse conteúdo ou esse processo é que tem de ser considerado em qualquer análise do binômio homem-meio, no caso Arigó.

Encarado através da sociologia situacionista o homem Arigó apresenta uma situação comum de simples elemento de uma coletividade típica, com um status vulgar de operário e pai de família, membro da Igreja a que pertence a maioria. Seu modo de vida, seus hábitos, sua maneira de ser em nada o descaracterizam. Seu desenvolvimento cultural não excede o mínimo de conhecimentos que constitui o nível da maioria da população. Bem integrado no meio social, a ele se liga pelos laços tradicionais de família, pela obediência aos costumes, tendo sido mesmo uma criança e um jovem que cresceu normalmente, sem rebeldias nem complicações.

Como descobrir nesse indivíduo de status comum os germes da conduta posterior que o vai colocar na posição de figura excepcional, sem entretanto desligá-lo da situação natural a que continua apegado? Kurt Lewin, que deu a mais bela contribuição para a Psicologia Social, propôs o estudo da relação homem-meio em termos de sua teoria de campo. Realmente, no campo de Lewin encontramos a equação total que a Parapsicologia procura realizar através da experimentação objetiva: a personalidade (psicologia profunda) está sempre em relação com a situação (meio) e dessa comunhão resulta o comportamento (*behavior*, psicologia superficial). Os três elementos desse contexto formam o campo psicossocial que é determinado ou caracterizado pelo passado. Este influi na personalidade como um passado individual, mas influi também no campo como tradição, oferecendo os estímulos situacionais que desencadeiam as virtualidades pessoais.

Colocado o problema nestes termos torna-se mais fácil compreender a relação homem-meio no caso Arigó. O determinismo sugerido pelas interpretações que criticamos acima, determinismo que decorre das influências cegas do social e do cósmico, é substituído por uma interação determinismo-livre arbítrio. Arigó não aparece como uma espécie de *robot* social movido por conteúdos da consciência que se manifestam em reflexos condicionados, nem como um *robot* cósmico-telúrico movido pelas influências minerais e cósmicas, mas como uma personalidade condicionada pelo meio em que age e em que age por vontade própria.

Reportando agora ao primeiro capítulo, que talvez lhe tenha parecido mitológico, o leitor verá que partimos de uma premissa científica.

Resta esclarecer que a vontade própria, no caso Arigó, deve ser entendida como a ação de suas potencialidades subliminares, de suas virtualidades estimuladas pela situação. Essas virtualidades, ao passarem de potência a ato, constituiriam o seu modo de agir consciente, nos momentos de vivência paranormal. Não dispõem as ciências, no momento, de elementos que possam esclarecer esse fato misterioso em sua mecânica profunda. A explicação espiritual é a da ação de uma personalidade extrafísica (Dr. Fritz) sobre o psiquismo predisposto do médium (Arigó). Neste caso as relações mesológicas responderiam pela predisposição e as relações históricas, implícitas no contexto carismático de Congonhas do Campo, pela presença da personalidade extrafísica.

Essa presença, tão ferozmente rejeitada pelos cientistas positivos, vem-se impondo cada vez mais ao exame dos que não sofrem daquela alergia ao futuro de que fala o professor Remy Chauvin, diretor de laboratório do Instituto de Altos Estudos de Paris. Diante do avanço científico das últimas décadas o problema da existência de inteligências não-materiais ou não-encarnadas já não pode ser rejeitado com um simples muxôxo. As pesquisas psíquicas seriamente realizadas nos maiores centros universitários do mundo vêm demonstrando a possibilidade da existência da personalidade extrafísica e de sua ação sobre o mundo físico. O misoneísmo materialista vai caindo irremediavelmente no passado. O dogmatismo religioso é peça de museu.

IV

Perfil social de Arigó

Depois de tudo o que vimos no capítulo anterior, a única classificação possível de Arigó é a de *sujet* paranormal. Não diremos personalidade porque como personalidade trata-se de um homem normal, com as características comuns de um caboclo mineiro (caboclo no sentido de caipira) vivendo normalmente na sua cidadezinha natal, casado e com numerosos filhos, trabalhando para sustentar a família. Seu tipo físico é o de um caboclo moreno, de cabelos negros e olhos escuros, bigodes e sobrancelhas cerrados, frente larga, nariz reto, medindo mais ou menos um metro e oitenta centímetros de altura, tórax largo, pescoço grosso e curto. Está sempre de camisa esporte, aberta ao peito, de mangas curtas pelo meio do antebraço, os braços nus cobertos de pelos negros e fortes, barba cerrada.

A esse tipo físico, que corresponde em parte à categoria dos atléticos de Kretschmer, podemos juntar a classificação temperamental ciclotímica do mesmo autor. Trata-se de uma correlação somatopsíquica apenas deduzida de observações pessoais e dada a título de informação orientadora. Esta classificação entra na pauta das discordâncias entre os tipos somáticos e temperamentais verificadas por Kretschmer. De constituição sólida, aparência saudável, Arigó é extrovertido, sociável, espontâneo e nervoso. Nada revela do tipo esquizotímico de Kretschmer. É um homem prático que mal aprendeu a ler e escrever, pelo que provoca riso nos que o conhecem a afirmação de que possui biblioteca especializada em medicina e consulta literatura farmacêutica para receitar.

Feito assim ligeiramente o seu retrato somatopsíquico, podemos delinear o seu perfil social. José Pedro de Freitas, vulgo Arigó, nasceu a 18 de outubro de 1921 na Fazenda do Faria, em Congonhas do Campo, filho de

Antônio de Freitas Sobrinho e Maria André de Freitas. Família tradicional da região, pai e mãe naturais de Congonhas, católicos praticantes e de tradição. Esta condição, numa pequena cidade mineira que já classificamos como carismática, devia ser uma garantia de fidelidade à religião familiar, tanto mais que Arigó, pelo seu próprio temperamento e sua pouca disposição para as questões teóricas e metafísicas parecia indiferente ao problema. Praticou desde cedo a religião da família e nela se integrou.

A 18 de setembro de 1942, portanto um mês antes de completar 21 anos, casou-se com a jovem da mesma idade, Arlete Soares, sua prima, que passou a assinar Arlete Soares de Freitas. Desse casamento nasceram seis filhos, que são: José Tarcísio de Freitas, hoje (em 1966) com 21 anos; Haroldo, com 19; Ery, com 17; Sidney, com 15; Leôncio Antônio, com 13; e Leonardo José com apenas 7 anos. O casal está com 45 anos. Numerosa família que José Pedro de Freitas sustenta com o seu trabalho, dedicando-se amorosamente ao lar. Declarou-nos pessoalmente, e o confirmamos ouvindo diversas pessoas da cidade, que passou sua adolescência e juventude alheio aos desregramentos comuns da mocidade, sem vícios, mantendo-se casto até o matrimônio.

Esta condição, que poderia parecer estranha para os que estão habituados à liberdade excessiva que se concede aos rapazes em nosso país, em contraposição ao rigor com que são controladas as moças, nada tem de anormal. Revela, pelo contrário, uma pureza de caráter que condiz perfeitamente com a predisposição à fenomenologia paranormal. Bozzano acentua em *Popoli primitivi e manifestazioni supernormali* que essa condição de pureza é considerada, entre os povos primitivos, como indício de possibilidades medianímicas. O mesmo se verifica nas civilizações orientais e na Antiguidade clássica, como sabemos, no tocante à escolha dos candidatos a pitonisas e oráculos. Também o médium Francisco Cândido Xavier revelou desde cedo as mesmas disposições.

Quanto à formação cultural Arigó fez o curso primário no Grupo Escolar Barão de Congonhas. Entregue desde criança aos trabalhos rurais, foi trabalhador de enxada na Fazenda do Faria, onde nasceu. Uma de suas irmãs, lembrando a infância roceira, disse-nos que ela e Arigó só conheceram calçado depois dos doze anos. Lidou posteriormente com tropas e carros de boi, até 1942, quando se casou. Durante dois anos foi

proprietário de um pequeno bar em Congonhas, mas o problema do fiado o obrigou a desistir do comércio. Levou então seis anos, de 1944 a 1950, trabalhando na picareta para a extração de minérios da Siderúrgica Nacional. Passou depois a praticar na agência do IAPTC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Empresas de Transportes e Cargas) até ser nomeado para servidor da mesma, onde trabalha há catorze anos (isso em 1966). Do meio-dia às 18 horas trabalha na agência, onde tem inclusive a incumbência humilde de levantar a porta de aço e atender os beneficiários, encaminhando-os na obtenção dos documentos de que necessitam.

Além dessas atividades Arigó participou da vida política e social da sua cidade. Foi líder sindical, cabo eleitoral, candidato a prefeito, perdendo para o adversário que era um seu tio. A derrota foi por poucos votos e as informações que temos dizem que Arigó venceu na zona rural, perdendo na urbana. Este fato, comum e sem maior significação, foi interpretado psicologicamente como motivo fundamental para desencadear as faculdades paranormais do sensitivo. A interpretação, entretanto, foi capciosa: a frustração política teria levado Arigó a buscar compensações. O cientista se esqueceu de verificar que a paranormalidade de Arigó se manifestou na infância.

Como também havia sido responsável por uma secção de abastecimento dos mineiros, na zona rural, onde lidava com drogas farmacêuticas, teria encontrado nesse trabalho a sugestão do curandeirismo. Em matéria de explicação hipotética, sem nenhum indício de comprovação das possíveis influências, das crises produzidas no espírito do sensitivo por esses acontecimentos, é o que há de mais gratuito. Dessa maneira, através de suposições cômodas e imaginosas, podemos explicar gratuitamente as mais graves variações da conduta humana. Mas é evidente que ninguém poderia levar-nos a sério, a menos que desconhecendo inteiramente o que hoje se entende por interpretação psicológica e psiquiátrica.

Antes de se manifestar, o Dr. Fritz começou a dar intuições a Arigó sobre remédios para curar os pobres. Arigó conseguia amostras grátis através de amigos de Belo Horizonte que conheciam a sua mediunidade. Contou-nos d. Arlete que nos fins de semana Arigó ia à capital e voltava

com uma sacola de remédios. A primeira cura que realizou foi a de um ferroviário da Central do Brasil, idoso e de cor negra, que andava de muletas. Numa noite deixou as muletas e voltou ao trabalho, isso lá por 1956. Nesse tempo Arigó fazia preces em casa e eram seus companheiros o deputado Baeta Neves, o desembargador Pedro Brants, o sr. Rui Gervásio, o eng. Carlos Viana que deixou de ser materialista em face dos fenômenos que presenciou. Eram essas pessoas que ajudavam o médium a conseguir amostras de remédios para distribuir à pobreza de Congonhas, extremamente necessitada.

Conta d. Arlete (esposa de Arigó) que o sr. José Viana, pai de Carlos, foi mais tarde curado pelo Fritz, de um câncer. Na ocasião deste depoimento, a 24 de março de 1970, o sr. José Viana apareceu em Congonhas com alguns parentes e tivemos o prazer de conhecê-lo. Ia pedir novamente o auxílio do Fritz para o seu filho Carlos, que se encontrava à morte no Rio. Arigó chorou de emoção mas o Dr. Fritz não garantiu a cura do ex-companheiro do médium. No tempo dessas primeiras curas Arigó continuava católico praticante, fiel à tradição familiar. D. Arlete orava muito por ele.

O Espiritismo nunca lhe interessou, segundo declarou-nos, acrescentando mesmo que "fugia dele como o diabo da cruz." Católico praticante, confessava e comungava frequentemente e nada queria com qualquer outra religião, pois todas elas lhe pareciam heréticas. A eclosão das faculdades paranormais verificou-se de maneira súbita, quando Arigó se encontrava em Belo Horizonte, hospedado no Hotel Itatiaia, na companhia do senador Lucio Bittencourt, que sofria de câncer. Estavam em quartos separados. À noite, Arigó apareceu no quarto do Senador, transformou-se "num alemão enorme" e operou-o. O próprio Arigó não teve consciência do fato. Ao ouvi-lo, relatado pelo Senador, entendeu que tudo não passara de um sonho do amigo. Posteriormente, viajando para os Estados Unidos afim de submeter-se à operação de que necessitava, o Senador foi cientificado, na clínica norte-americana, de que já estava operado e nada mais havia a fazer.

O relato deste caso é complexo. Arigó o faz com pormenores. Mas adverte que, desde menino tinha visões estranhas e a mais frequente era a de uma espécie de nebulosa brilhante rodando no espaço. Ouvia, também,

vozes em língua estranha, que lhe parecia a alemã. Depois de casado os fenômenos continuaram e se intensificaram.

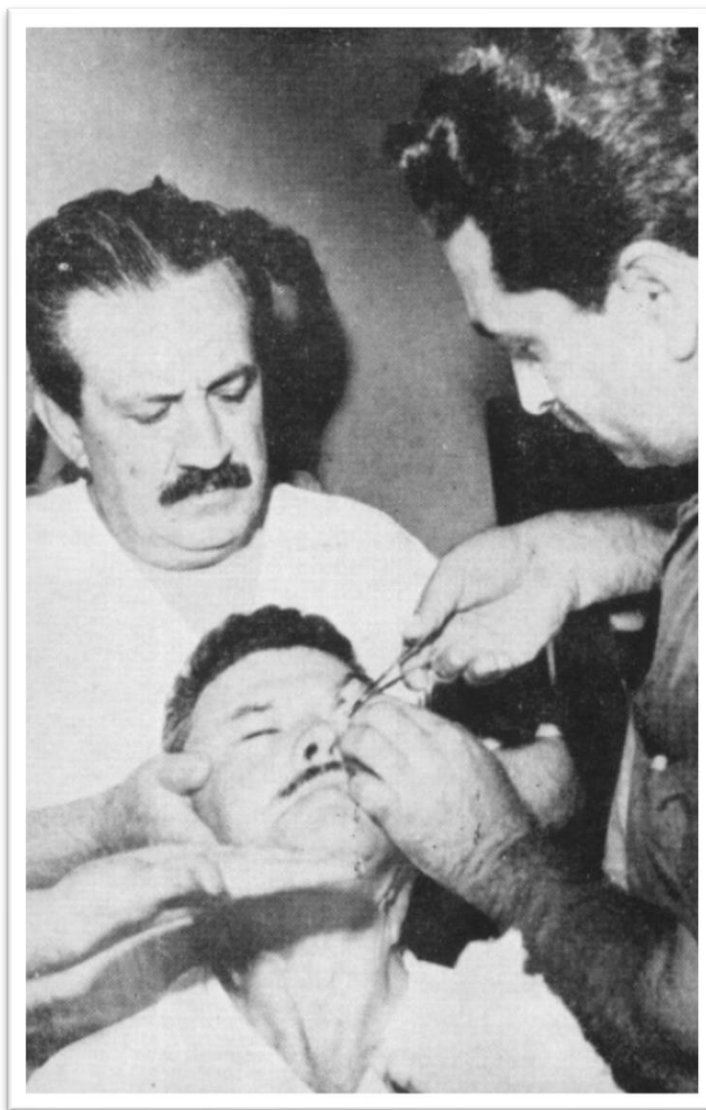
A primeira aparição do Dr. Adolf Fritz causou-lhe espanto. "Era um monstro — disse-nos ele — com uma barriga enorme a cara de alemão". A primeira vez que pegou uma faca para operar foi em Congonhas, ao visitar uma senhora idosa que agonizava. Operou-a inconscientemente, em estado de transe, à vista das pessoas presentes, extraíndo-lhe um tumor do ventre. Daí por diante, nada mais o deteve. Foi processado e condenado, em 1958, por exercício ilegal da medicina, mas o médico Juscelino Kubitschek de Oliveira, então presidente da República, indultou-o.

Durante cinco anos Arigó realizou suas operações e curas por receituário como católico. Há dez anos, levado pelas próprias controvérsias em torno de suas atividades e pela campanha que elementos do clero lhe moveram, Arigó resolveu tornar-se espírita. No tocante às curas e operações que realizou, quando ainda católico, as informações são quase fantásticas: dizem que chegou a operar sacerdotes, bispos, e até mesmo um alto dignatário do Vaticano, íntimo de S.S. o Papa Pio XII, que teria agraciado o médium com um crucifixo de ouro. Moacyr Jorge, repórter dos *Diários Associados*, que divulgou o caso Arigó em São Paulo há vários anos, publicou uma reportagem a respeito no *Diário de São Paulo*. O escritor Jorge. Rizzini, que realizou duas filmagens das operações de Arigó e tem feito numerosas conferências a respeito, no Brasil e no Exterior, também sustenta estes fatos em folhetos e no livro que publicou.

De qualquer maneira, o que nos interessa é a curiosa posição do médium, operando e receitando em estado de inconsciência durante o largo período de cinco anos, sem interessar-se pela questão mediúnica. Esta posição só pode explicar-se pelo temperamento de Arigó, extrovertido, desinteressado de indagações metafísicas, de problemas religiosos, e ao mesmo tempo pelo ambiente de Congonhas do Campo. O primeiro grupo espírita que ali surgiu foi em torno de Arigó. Esse grupo fundou o Centro Espírita Jesus Nazareno, onde o médium passou a realizar os seus trabalhos e recebe os romeiros que vão à sua procura, provenientes de todo o país.

As relações de Arigó com os consulentes são as mais curiosas. Atende-os com uma dedicação elevada ao sacrifício: das 6 horas às 10 e

meia os recebe no Centro; deixa-os para almoçar e seguir para o seu trabalho, na agência do IAPTC; às 18 horas, encerrado o expediente da autarquia, volta para o Centro e continua a atender o povo, geralmente até às 21 ou 22 horas (isso em 1966). Milhares de pessoas acorrem sem cessar, diariamente, à cidadezinha carismática. Linhas de ônibus foram criadas para levar os consulentes, linhas de autolotação, de peruas e até mesmo de aviões. Arigó se transformou no centro principal de atração de Congonhas. E tanto nas suas pregações quanto no trato pessoal com os consulentes não faz concessões, não procura agradar. É ríspido, às vezes agressivo. Não raro repreende-os com energia.



O “Crime” de Arigó. Este é um flagrante clássico. O Jornalista Orlando Criscuolo segura a cabeça do doente e o médium opera uma catarata, sem anestesia nem assepsia de qualquer espécie. Criscuolo pertencia a equipe de reportagem dos *Diários Associados* de São Paulo que presenciava operações de Arigó, em Congonhas. Curar, eis o crime de Arigó.

Na agência do IAPTC, sempre em mangas de camisa, com a maior naturalidade, mantém relações normais com os colegas e com o público. Mas não atende os doentes. As pessoas que passam pela rua em geral o cumprimentam ou dirigem-lhe gracejos, que ele responde alegremente. Apresentou-nos dois médicos da cidade que o apreciam e antigos moradores que o conhecem desde criança. Nessa intimidade afetiva das pequenas cidades vê-se que os velhos amigos do médium continuam a tratá-lo com naturalidade. Os atritos religiosos, os processos judiciais, a ameaça constante de ação policial, os ataques de elementos fanáticos, as referências desairosas e mesmo as calúnias publicadas na imprensa do Rio e São Paulo, nada disso modificou a situação de Arigó, nas suas relações com muitos dos seus velhos amigos. Certamente alguns desertaram, benzem-se à distância. Mas Arigó continua a ser o menino que cresceu em Congonhas, hoje pai de seis filhos, empenhado no tratamento de milhares de doentes que o procuram sem cessar.



Arigó na Turquia. A revista *Ruh vè madde*, de Istambul, publica uma reportagem sobre Arigó. Não tendo fotografia do médium, utiliza-se de um curioso desenho, em que o caboclo de Congonhas se transforma num turco. Moderno exemplo da adaptação racial dos taumaturgos. Dimitri Paraskevopulod, representante da revista em São Paulo está traduzindo este livro para o turco e o grego.

Este perfil social de Arigó pode ser confrontado com a realidade. Qualquer pessoa que se dirija a Congonhas do Campo encontrará o médium nas suas atividades religiosas — porque hoje, para ele, atender ao povo é praticar a sua nova religião — e também em suas atividades profissionais na agência autárquica em que trabalha (isso em 1966, pois após a prisão Arigó deixou o emprego). Essa espontaneidade do caso Arigó, que se mantém através de todo de todo o clamor que se levantou no Brasil e no estrangeiro, a seu respeito, é em si mesma um poderoso elemento probatório da naturalidade e da legitimidade de suas faculdades paranormais.

Arigó é o mesmo homem franco, sociável, comunicativo, de antes da eclosão mediúnica. Católico ou espírita — ainda hoje fazendo o *Nome do Padre* e repetindo orações da Igreja — o sensitivo de Congonhas é a mesma criatura simples, o mesmo caboclo autêntico das antigas lutas sindicais e campanhas políticas. Não obstante, já não se interessa mais por esses assuntos. Mesmo porque não dispõe de tempo para pensar em outra coisa além das suas obrigações profissionais e mediúnicas. Sua própria família se dilui na família maior dos consulentes, na multidão que o cerca pedindo socorro e cura. A diferença entre a situação de 1966 e a atual é que Arigó deixou o emprego e cuida hoje da sua fazenda.

V

Situação social de Arigó

Esboçado o perfil social de Arigó, que permite ao leitor ter uma ideia mais precisa da sua personalidade, procuremos tratar desse estranho emaranhado que é a sua situação social em Congonhas do Campo. José Pedro de Freitas vive numa espécie de intermúndio entre a riqueza e a pobreza. Reflete-se na sua vida, a própria situação de sua cidade natal, pousada entre montanhas de minério e vivendo humildemente a sua pobreza secular.

Os pais de Arigó, seus tios e irmãos gozam de boa situação financeira, exercendo algumas funções políticas de importância. Seu pai foi presidente da Câmara Municipal de Congonhas, e um seu tio, como já vimos, disputou com ele a Prefeitura e ganhou a eleição. Um de seus irmãos mantém a pensão que recebe os doentes. Homem de posses, muito parecido com o médium, fez declarações à imprensa quando acusado de explorara mediunidade do irmão. Disse então, em reportagem de Moacyr Jorge publicada no *Diário de S. Paulo*, que montou a pensão para que os doentes não ficassem abandonados nas ruas, mas não precisava dela. Acentuou que os doentes pobres nada pagavam, sendo justo que os outros, de posse, o fizessem. Acrescentou que só de extração de minérios em terras de sua propriedade tinha na ocasião rendas superiores a trezentos mil cruzeiros, o que era uma fortuna, e convidou seus acusadores a verificarem o fato nos Bancos, em sua companhia.

A questão da pensão tem sido muito explorada pelos adversários de Arigó. Na realidade, trata-se de uma pensão modesta, desprovida de qualquer comodidade. Os hóspedes se arrumam como podem, pagam diárias baratas e muitos realmente não pagam nada. O próprio Arigó, ao atender um doente, muitas vezes lhe diz: "Você não pode pagar pensão,

mas precisa ficar mais uns dias. Vá à pensão e diga que eu pago." Quem fala, nessas ocasiões, é o Dr. Fritz. A expressão "diga que eu pago" equivale a ficar de graça. Mas nem todas as pessoas compreendem isso. Pensando que é Arigó quem vai pagar ou que é na conta dele que as despesas serão lançadas, imaginam ligações financeiras do médium com a pensão. Por outro lado, tem havido pessoas que se aproveitam da aglomeração humana e praticam pequenas explorações. E há também os casos de incompreensão, de pessoas que se julgam exploradas quando têm de pagar a pensão e coisas semelhantes. Arigó adverte constantemente, nas suas pregações, que nada recebe, nada quer lucrar, que o seu trabalho é inteiramente gratuito. Mas isso não impede que se levantem suspeitas e calúnias a seu respeito. Na sua entrevista à imprensa o irmão de Arigó declarou que entregaria a pensão a quem desejasse mantê-la nas condições em que a vem mantendo, ou que a fecharia se alguém se dispusesse a abrir outra nas mesmas condições.

Durante dez anos, de 1952 a 1962, Antônio de Freitas Sobrinho, pai de Arigó, senhor de muitas terras e propriedades várias, exerceu a presidência da Câmara Municipal de Congonhas do Campo. Perdeu-a em 63, mas continua no exercício da vereança. O tio Prefeito, que venceu Arigó nas eleições de 54, exerceu o cargo apenas durante três meses, falecendo logo a seguir. Um irmão de Arigó possui restaurante em Belo Horizonte e outro, o caçula de uma turma de dez, fez curso de Direito na Faculdade da Universidade de Minas Gerais, na capital mineira. Isso depois de ter passado pelo seminário, pois que se destinava inicialmente à carreira eclesiástica. No Grupo Escolar Barão de Congonhas, em que Arigó estudou, leciona uma sua irmã.

A família Freitas é praticamente dona das terras ao redor de Congonhas. Família tradicional, com fundas raízes no solo de minérios da cidadezinha, contribuiu para as obras religiosas locais, inclusive para a construção do seminário ali existente. Uma tia de Arigó, d. Delfins, a única pessoa da família que o acompanhou ao se tornar espírita, é a proprietária do sítio em que o médium costuma passar os fins de semana para descansar um pouco da luta incessante dos dias comuns. Trata-se também de senhora abastada, de quem se diz que possui, além das propriedades em terras e imóveis, grandes depósitos bancários. Dispôs-se a financiar um

filme sobre a vida de Arigó que foi realizado por um cineasta independente, empregando nisso mais de vinte milhões de cruzeiros. O lucro devia ser invertido na construção de um hospital para os pobres. O filme foi feito, mas o lucro não apareceu.

Diante de tudo isso pergunta-se como e por que Arigó vive na pobreza. Seus vencimentos no IAPTC eram de apenas quarenta e cinco mil cruzeiros mensais (cruzeiros antigos). Sua esposa costurava em casa para os alfaiates da cidade, ganhando por peça para auxiliar o marido na manutenção da família. A única propriedade que o casal possui é uma faixa de sete alqueires de terras adquiridos aos poucos e com pagamento a prestações, no tempo em que Arigó possuía o seu bar em Congonhas, que era ao mesmo tempo bar e restaurante. A casa de Arigó lhe era cedida gratuitamente pelo pai. É evidente que o médium está na posição de herdeiro e se viver bastante poderá ainda tornar-se muito rico. Em 1963, porém, sua situação era essa: vivia do trabalho, com dificuldades. Atualmente os parentes o auxiliam, como acentuamos na primeira parte.

Explica-se, entretanto, a estranha situação social pelas condições especiais de Arigó. A aguda sensibilidade mediúnica ou as poderosas faculdades paranormais de que é dotado inibiram-no para as lutas da vida. Arigó nunca soube ganhar dinheiro. Quando montou o bar, tentando iniciar a carreira comercial, viu-se logo enleado em complicações com o problema do fiado. Só um dos seus devedores, naquele tempo, devia-lhe seiscentos mil cruzeiros, quantia que na ocasião era bastante vultosa. É caso conhecido em Congonhas. Tratava-se de um político que já faleceu. Arigó não sabia negar nem humilhar ninguém. Sua rispidez no trato com as pessoas decorre do nervosismo provocado pela situação mediúnica. Mesmo assim essa rispidez não tem por objetivo ferir ou humilhar. De temperamento afetivo, gostaria de oferecer a todos o calor humano do seu afeto, mas nem sempre o consegue. Na vida comercial jamais conseguiu o triunfo que coroou os esforços de quase todos os seus parentes, inclusive dos irmãos.

A situação de Arigó é um tema para o estudo das relações econômicas nas famílias patriarcais mineiras. Conta-se que o sensitivo, quando dispensado da Siderúrgica Nacional, acusado de comunista, em virtude de suas atividades sindicais, ficou longo tempo sem conseguir emprego, tendo

de vender passarinhos nas ruas para obter recursos. Percebe-se que há, no caso Arigó, também nesse terreno, alguma coisa de especial. O seu próprio apelido pode elucidar-nos a respeito. É que o sensitivo teve sempre acentuada preferência para a companhia dos arigós, desde sua vida escolar, e ao entrar para os serviços de extração de minérios colocou-se logo, com a franqueza que o caracteriza, ao lado das reivindicações dos trabalhadores. Ovelha negra da família, amargou o ostracismo na própria cidadezinha natal. Até hoje, Arigó é um problema, criando complicações para os parentes e amigos, embora sem o querer.

A situação social de Arigó pode parecer um desmentido à tese que sustentamos da sua normalidade. O normal em Arigó, poderiam replicar-nos, seria exatamente o seu entrosamento na família. Mas não se mede a normalidade de uma personalidade pela aceitação passiva das condições em que nasceu. Muito pelo contrário, um indivíduo anormal pode aceitar uma situação, adaptar-se a ela, sem entretanto integrar-se nela. A adaptação pode ser superficial, acomodatória e portanto aparente. Da mesma maneira a falta de adaptação pode decorrer de desajustes estruturais. Arigó mostra-se perfeitamente adaptado à vida de Congonhas do Campo e à própria família, no plano das relações afetivas, da forma de vida, mantendo seu lar com dedicação e esforço, cumprindo rigorosamente seus deveres profissionais. Mas no tocante às estruturas econômicas e culturais verificam-se atritos explicáveis, tanto nele quanto em qualquer outro temperamento menos propenso a chamada vida prática.

Enfrentamos aqui um problema de psicologia social em que o tema da personalidade novamente se coloca. Servindo-nos do conceito de "personalidade-básica", de Kardiner, podemos dizer que Arigó corresponde ao mesmo quanto à sociedade em que vive. As instituições primárias (família, costumes, normas, orientação espiritual) determinaram a sua perfeita integração no grupo social. Mas as instituições secundárias (religião, mitologia, valores, sedimentação ideológica) tiveram de sujeitar-se ao que o próprio Kardiner denominou de elaboração individual das variantes singulares. Com Linton podemos explicar melhor esta situação pelo conceito de personalidade-status. O apelido do sensitivo dá-nos a chave do problema. Arigó é uma palavra que define a maneira por que o sensitivo elaborou as variantes singulares das instituições secundárias,

descendo, por assim dizer, ao status subcultural dos arigós. A partir dali sua individualidade vai reelaborar a religião, refazer a escala de valores, modificar a sedimentação ideológica do sistema patriarcal-rural e, por fim, recriar a própria mitologia.

Classificar Arigó como anormal por esse motivo, seria desconhecer a complexidade dos processos de adaptação e particularmente a dinâmica da evolução social, que não prescinde das elaborações e reelaborações individuais. No caso de Arigó o problema da elaboração das variantes singulares revela toda a sua importância, como em todos os casos de individualidades que modificaram o seu meio social. Assim, a situação social de Arigó não é marginal, mas de perfeita integração no grupo social, onde, tendo adquirido a sua personalidade-status, desempenha, a partir da adolescência, os papéis que ora pertencem às instituições primárias, em pleno acordo com o grupo, ora às instituições secundárias, forçando o grupo a modificações estruturais ou sofrendo as consequências da sua inadaptação a certas formas de estrutura.

Na elaboração das variantes singulares, Arigó substituiu os valores econômico-financeiros pelos valores morais, preferindo lutar pela justiça-social, a ganhar dinheiro e amealhar fortuna; no tocante à religião suas faculdades paranormais o forçaram a romper com a tradição e abrir uma nova frente; ideologicamente procedeu a uma reformulação das constantes sociais, o que lhe valeu o anátema de comunista; e quanto aos mitos não só adotou outros deuses, como tornou-se a fonte de toda uma nova mitologia, como veremos.

Resta acrescentar algo ao citado caso do filme sobre a sua vida e a sua mediunidade, realizado pelo cineasta Virgílio Nascimento e exibido nos cinemas do país. Arigó concordou, depois de meses de resistência, em que Virgílio filmasse algumas operações porque, segundo afirma, o Dr. Fritz consentiu. Mas não o fez, como propalaram os seus detratores de sempre, para obter lucros. Alguns parentes seus, entre os quais a tia referida, inverteram e perderam capital na filmagem. O que Arigó queria, e ainda reclama, é que o produtor destinasse uma parte do lucro às obras assistenciais do Centro Espírita e mais particularmente às do hospital que será construído em Congonhas para atender à multidão de necessitados que o procuram. Declarou-nos que foi com essa condição que concordou na

realização do filme.

Esta situação social de Arigó foi modificada depois da sua prisão na cadeia de Lafaiete, como acentuamos no final do primeiro capítulo. Arigó já entrou na herança da família e converteu-se em fazendeiro abastado. É curiosa a sua integração quase total no grupo familiar, mas a verdade é que o grupo, por sua vez, modificou-se e se aproximou dele, aceitando a sua reelaboração das variantes singulares. Por outro lado, o próprio meio social de Congonhas modificou-se ao impacto Arigó, aceitando em parte as suas reelaborações. É este um processo em desenvolvimento e que deve ser estudado mais tarde.

M

Mitologia de Arigó

A partir das vozes do seu *daemon*, Arigó tornou-se passível da condenação do meio, como Sócrates e Joana d'Arc. Mas quando um homem começa a ouvir certas vozes não há como não as obedecer. O *daemon* ou demônio, ou Espírito que falava a Arigó, já sabemos que era alemão. Dizia-se médico, falecido na Guerra Mundial de 1914-18 e queria que Arigó lhe servisse de instrumento para realizar curas e fazer operações. Arigó nós afirma que nunca pensou em tornar-se sequer enfermeiro, quanto mais curandeiro ou médico. Mas o Dr. Adolf Fritz não se importou com isso. E como afinasse bem com o médium, logo se tornaram amigos. Arigó adotou, a partir desse instante, um novo deus para enriquecer a sua mitologia tradicional.

Com essa adoção Arigó se arriscava a tomar a cicuta. Porque Fritz era uma espécie de cabeça-de-ponte de toda uma invasão mitológica. Deus secundário, como o demiurgo platônico, não pretendia o demônio alemão derrubar os poderes constituídos. Seu único desejo era trabalhar, fazer o bem curando o próximo. Por isso conservou Deus no seu comando supremo, aceitou Jesus Cristo como chefe do seu trabalho, permitiu que todos os mitos tradicionais continuassem no Olimpo de Arigó. Mas quando os trabalhos foram se desenvolvendo, outros deuses apareceram: Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; Frei Fabiano de Cristo, o enfermeiro; Dr. Catarachi, médico japonês; Dr. Pierre, médico francês; Papudo, o comandante de um exército de seiscentos pigmeus africanos; mais alguns médicos, especialistas do Outro Mundo; e, por fim, Allan Kardec, que embora não esteja presente no Olimpo foi quem deu a demão final na nova mitologia de Arigó, fornecendo-lhe orientação e esclarecimento sobre os fenômenos e quanto aos rumos do trabalho a realizar. Kardec não aparece

aqui como integrante do grupo espiritual de Arigó, mas apenas como o codificador da nova doutrina aceita pelo médium.

Ao dar a este capítulo o título Mitologia do Arigó não atribuímos a natureza mitológica, no sentido comum, aos mitos antigos e novos do sensitivo. Interessa-nos, no plano da Psicologia Social, o sistema de entidades metafísicas e de fábulas e alegorias que o completam, exercendo função específica na orientação da conduta. Assim, embora considerando pessoalmente como verídica a existência espiritual do Dr. Fritz, nada nos impede de aceitar a sua posição mítica no caso Arigó, tornando mais fácil a compreensão, por todos, do problema em análise. Além disso é conveniente lembrar que toda percepção extrassensorial está intimamente ligada ao mito, que nela exerce uma função tão importante quanto variável. Poderíamos transportar para a análise parapsicológica o conceito sociológico de Huntersteiner sobre a fisiologia do mito.

Considerado, pois, no seu duplo aspecto: 1º) de realidade paranormal individual, ou entidade mitológica heterônoma, que se impõe por si mesma ao indivíduo, em forma individual; e, 2º) de alegoria ou símbolo, muitas vezes autônomo, elaborado pelo indivíduo, e que exprime realidades metafísicas em forma dramática; o mito constitui todo o sistema de crenças que orienta a conduta. A mitologia tradicional de Arigó era católica. A nova mitologia, que nasceu a partir da intervenção do Dr. Fritz na vida do sensitivo, é espírita. Esta mitologia é a que vai explicar os motivos e a maneira de agir do sensitivo no processo de suas manifestações paranormais. Para um espírita, como o autor, há dois elementos distintos mas interatuantes, porque complementares, nessa mitologia: o elemento real, heterônomo, representado pelo espírito comunicante e o elemento simbólico, elaboração alegórica da imaginação do sensitivo, que autonomamente interpreta ocorrências inexplicáveis em termos comuns. Este elemento simbólico pode ser também de natureza heterônoma, quando representa uma informação alegórica do espírito comunicante ao sensitivo. Para os não-espíritas todo o processo se explica, embora com numerosas lacunas e pontos obscuros, apenas através da elaboração alegórica.

Vejamos a explicação do sensitivo, que a dá em estado de transe, falando como Dr. Fritz. Sua primeira revelação pública foi feita pelo

escritor Jorge Rizzini num folheto intitulado *José Arigó*: revolução no campo da mediunidade. Segundo o Dr. Fritz, o ex-escultor Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, entendeu na vida espiritual, que era necessário desviar o povo da idolatria produzida pelas suas próprias estátuas em Congonhas. Organizou assim uma equipe de médicos espirituais que deveriam atender ao povo através da mediunidade, em nome do Cristo. Encarregado de preparar o instrumento mediúnico, o médico Adolf Fritz descobriu Arigó e o observou pacientemente durante quinze anos, estabelecendo com ele a sintonia necessária. Esta foi estabelecida de maneira tão perfeita que Fritz obteve pleno domínio do sensitivo para poder realizar suas intervenções cirúrgicas e ajudar os demais médicos da equipe do Aleijadinho a fazerem o mesmo.

Explica-se assim a mecânica das operações aparentemente milagrosas. Fritz é o elemento de ligação constante com o médium e por sua vez serve de médium (no simples sentido de intermediário) entre os outros médicos e Arigó. Não é Fritz quem realiza todas as operações, embora seja ele quem está presente em todas. Apoderando-se, com pleno consentimento de Arigó — através do processo hipnótico que permite a comunicação mediúnica — do aparelhamento sensório-motor do sensitivo, Fritz age como se estivesse encarnado. Nos momentos de diagnose e receituário, entretanto, a mecânica pode variar bastante: Arigó pode ser simplesmente envolvido pelas influências de Fritz, ouvindo-o ou recebendo suas intenções e pode também sofrer o processo de incorporação usado nas operações; como pode, sob ação da entidade à distância, agir como se fosse ele mesmo. Tudo depende da gravidade do caso ou das conveniências mediúnicas, tendo-se em vista a necessidade de preservar o médium de esgotamento ou mesmo as condições do momento, que podem ser propícias a uma ou outra forma de ação.

Resta saber o que ocorre no plano da assepsia e da anestesia, uma vez que o sensitivo não usa, aparentemente, nenhuma dessas precauções. Fritz informa que ambas estão a cargo de Frei Fabiano de Cristo, que se concentra e ora no ambiente, provocando a descida, de altas esferas, de um jorro de luz verde que impregna o ambiente e produz ao mesmo tempo a assepsia geral e a anestesia do paciente. Se a luz verde for em excesso produzirá anestesia geral. De maneira que deve haver um processo de

controle para que ela incida de forma conveniente esse processo não é explicado. Rizzini conta que, certa vez Fritz pediu mais luz e vários doentes caíram em estado de catalepsia.

Tratemos agora do Papudo e seu exército de seiscentos pigmeus africanos. Papudo é também pigmeu e Fritz o designa assim em virtude do papo que lhe engrossa o pescoço. Segundo as explicações do médico, a função de Papudo e seu exército é guardar o recinto impedindo a invasão do mesmo por "espíritos perturbadores", para o que cercam o Centro Espírita com vigorosas correntes magnéticas, e vigiar as pessoas que procuram Arigó, alertando Fritz quanto às possíveis intenções malfazejas de algumas. Esse policiamento tem por finalidade preservar o médium de qualquer agressão por parte de indivíduos fanáticos, mas não evitar pesquisas ou mesmo intervenções de elementos interessados em "desmascarar o médium", pois que estas intervenções, quando não agressivas, são naturalmente permitidas.

Esta mitologia foi ultimamente enriquecida com a notícia da chegada de um batalhão de guerreiros mesopotâmicos a Congonhas, ao que parece assírios, para ajudar a vigilância dos trabalhos mediúnicos de Arigó e ao mesmo tempo consolidar a obra iniciada. Esses guerreiros, que conservam as formas perispirituais de sua última encarnação e também a estrutura de suas legiões, estariam agora a serviço do "bom combate" a que alude o apóstolo Paulo. Destacados para o caso Arigó, são entidades que se empenham não somente na vigilância mas também na orientação das providências que deverão consolidar a nova obra do Aleijadinho, desta vez esculpida na carne e no espírito através da mediunidade.

Como se vê, é fácil distinguir os elementos da fabulação alegórica dos que constituem propriamente o objeto das investigações espíricas, metapsíquicas e parapsicológicas. O contexto dramático figurado pela presença e a atividade dos pigmeus africanos bem como dos guerreiros mesopotâmicos pode ser admitido, espiriticamente, como interpretação simbólica de um processo de defesa magnética do recinto em que se verificam as ocorrências mediúnicas. Do ponto de vista metapsíquico escapa a toda possibilidade de investigação, o mesmo se dando no tocante ao parapsicológico, de maneira ainda mais acentuada. Mas é evidente que a Psicologia Social pode admiti-lo em sentido puramente mitológico, como

uma forma arquetípica de racionalização.

Curioso notar-se a natureza cíclica do processo de relações paranormais, de que este episódio nos sugere um esquema. Se nos colocarmos na fase pré-espírita, na posição dos antigos ocultistas e videntes, toda a mitologia de Arigó poderá ser aceita sem restrições. No Espiritismo, com seus princípios racionalistas, surgem as primeiras reservas determinando a distinção entre o mecanismo da mediunidade e a fabulação. Na Metapsíquica, que se originou das experiências espíritas, as reservas aumentam mas a intensa investigação científica dos fenômenos de materialização, ideoplastia e infestação (casas assombradas) ainda permite uma abordagem cautelosa do assunto. Na Parapsicologia, que surgiu da experimentação metapsíquica, o rigor dos métodos científicos exclui qualquer possibilidade de exame do possível contexto. Mas na Psicologia Social, que antecedeu a Parapsicologia e se desenvolve no plano das investigações normais, sem nenhum interesse pelo paranormal, o contexto pode ser novamente admitido de maneira plena, com a simples exclusão do conceito de uma realidade social extrafísica.

Através de todos os seus aspectos, como se vê, o caso Arigó se apresenta rico de sugestões. Mesmo quando tratamos da sua mitologia, e embora pondo entre parênteses, ou inteiramente à margem os elementos da fabulação, não se podem desprezar as possibilidades interpretativas que ele nos oferece. O ciclo de abordagem metafísica que se abre com o Ocultismo fecha-se, de maneira científica, racional, no plano do estudo das motivações do comportamento coletivo, com a Psicologia Social. E podemos, indo mais longe, dizer que abre um novo ciclo ao passar para as indagações da Teoria do Conhecimento, onde a fisiologia do mito se impõe de maneira decisiva.

VI

Arigó perante a Ciência

Examinando em linhas gerais o caso Arigó, nas suas diversas implicações, pelo menos naquelas que nos parecem mais evidentes, e demonstrada teoricamente a sua natureza paranormal, resta-nos tentar colocá-lo perante a Ciência, no campo da observação e da interpretação dos fenômenos. Usando a expressão genérica Ciência, pensamos facilitar a compreensão do problema. Na verdade, porém, Arigó terá de ser colocado em face das Ciências, tanto as chamadas Ciências da Natureza, quanto e principalmente as Ciências do Homem. Não pretendemos realizar essa façanha, mas apenas sugerir as suas possibilidades.

As poucas tentativas nesse sentido, até agora, após vinte anos da ocorrência tumultuosa dos fenômenos de Congonhas do Campo, foram a do médico Ladeira Marques, da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, através do livro *Fenômenos Parapsicológicos e Espirituais*, que publicou sob o pseudônimo de Cícero Valério, e a dos profs. Ruy Mello, médico-psiquiatra, e Cesário Morey Hossri, então professor de psicologia da Universidade Católica de Campinas, numa série de sete artigos publicados pela *Folha de São Paulo*, em meados de 1962. Pecam ambas por tratarem apressadamente o assunto, de maneira limitada e parcial, sendo a última, a série de artigos, de um sectarismo insanável. Ambas as tentativas, portanto, a primeira bem intencionada, a segunda agressiva e até mesmo caluniosa, são como simples tateios.

Não estamos em posição muito melhor quanto aos tateios, mas podemos apresentar pelo menos uma série de depoimentos de médicos conceituados, inclusive psiquiatras materialistas e alguns especialistas que se deram ao trabalho de ir a Congonhas e assistir os fenômenos,

observando o médium e suas atividades in loco. Por outro lado procuramos oferecer aos leitores as indicações que nos parecem necessárias para a colocação científica do caso Arigó, ou seja, o seu enquadramento no único ramo das ciências atualmente em condições de dominar o quadro fenomenológico do sensitivo. Colocamos, assim, realmente, Arigó perante a Ciência, não com a pretensão de um exame exaustivo e decisivo do problema, mas apenas com a pretensão de ajustá-lo ao foco exato.

O médico Ladeira Marques antecedeu-nos nessa colocação, pelo que a nossa pretensão não é de alarmar e já tem em que se apoiar. Resta-nos ampliar o esforço daquele, cujo nome verdadeiro não estamos revelando porque a revelação já foi feita numerosas vezes pelo jornalista Moacyr Jorge, em suas reportagens do *Diário de S. Paulo*. Quanto aos articulistas de Campinas, os profs. Mello e Hossri, limitaram-se a partir da temerária premissa do diagnóstico de Arigó como paranoico, desfocalizando o problema para o campo das interpretações psiquiátricas apressadas, feitas grosso modo e com o pecado original da conclusão preconcebida.

Antes, porém, da publicação do livro e dos artigos citados, o Canal 4, da rede paulista de televisões Associadas, realizou algumas "mesas-redondas", que não obstante o caráter superficial dessas reuniões serviram para indicar posições e definir certos rumos na apreciação científica do problema. Assistimos no próprio estúdio à mesa de que participaram três psiquiatras: o professor João Bellini Burza, marxista, com longo curso de especialização realizado na URSS, e os drs. Pedro Dantas e Alberto Lyra, este último espiritualista, autor do livro *Mente ou Alma*, em que reuniu ensaios de Psicologia atual e de Parapsicologia, para contestar a interpretação fisiológica do psiquismo.

Nessa ocasião o médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho apresentou aos membros da mesa um caso assombroso: uma senhora curada de câncer por Arigó através de simples receituário, depois de haver sido operada várias vezes no Hospital Central do Câncer e encontrar-se desenganada. O caso será relatado no depoimento do referido médico, que incluímos neste volume. Todos os psiquiatras admitiram a realidade paranormal do caso Arigó, perante milhares de espectadores que acompanhavam o programa. Mais tarde tivemos ocasião de debater o problema com o médico Bellini Burza num programa do Canal 4. O

psiquiatra materialista esforçou-se por explicar o caso Arigó através de um contexto de teorias que chamou de nervismo, baseado nas teses fisiológicas do Pavlovismo. Tivemos assim uma interessante colocação científica do caso Arigó e ao mesmo tempo a demonstração da incapacidade absoluta das teorias materialistas para a explicação dos fenômenos mais complexos.

Explica o professor Joseph Banks Rhine em seu livro já citado que a maior dificuldade atual para a compreensão e o enquadramento científico dos casos paranormais decorre do preconceito materialista. "Para a maioria dos homens de ciência — escreve Rhine — lei natural tornou-se sinônimo de lei física. As formas de pensamento e de explicação materialistas prevaleceram em todos os campos de estudo da natureza, inclusive na Psicologia, ciência incipiente da natureza humana". A principal contribuição da Parapsicologia para a Ciência, segundo Rhine, é a prova científica da existência do extrafísico. Por outro lado somente a Parapsicologia investigou e provou a existência da psicocinesia, ou seja, a ação da mente sobre a matéria através de provas de laboratório. Só ela, portanto, apresenta condições para o exame do caso Arigó.

Acresce ainda que a Parapsicologia fez a distinção entre paranormal e anormal de maneira nítida, não permitindo as confusões ingênuas a que até hoje ainda são levados psicólogos e psiquiatras, diante da fenomenologia mediúnica. Já vimos a opinião de Rhine a respeito. Robert Amadou, na França, afirma em seu livro *La Parapsychologie*: "Os fatos paranormais não são fatos patológicos". Podemos acrescentar, como já dissemos anteriormente, que os fatos paranormais tanto podem ocorrer com personalidades patológicas ou hígdas. Dizer, pois, que Arigó é paranoico e com isso pretender explicar a sua fenomenologia é tão anticientífico quanto dizer que a Terra é plana e fixa. As experiências parapsicológicas em hospitais não indicam, segundo Rhine, nenhuma relação entre as funções *psi* e os estados patológicos. Já não se trata de relações funcionais apenas, mas de relações entre funções e o estado geral psicofisiológico.

Há todo um processo de desenvolvimento dos estudos nesse terreno, que nos leva do Mesmerismo do século dezoito ao Hipnotismo do século dezenove, à Psicologia profunda do início do nosso século, aos estudos telepáticos impulsionados por Stekel, e, por fim, à Parapsicologia, sem esquecermos naturalmente as grandes investigações da Metapsíquica de

Richet e da Ciência Psíquica inglesa, em que se destacam Frederic Myers e William Crookes. Insistir na diagnose psiquiátrica dos sensitivos que produzem fenômenos paranormais é simplesmente esquecer toda a evolução científica dos dois últimos séculos.

Não fossem, entretanto, os prejuízos culturais acentuados por Rhine, a colocação exata do problema no caso Arigó não seria tão difícil. Bastaria seguir-se um critério metodológico básico, dividindo-se os fenômenos subjetivos dos objetivos, como o fez Richet nos trabalhos metapsíquicos e como fazem os parapsicólogos atuais em suas investigações. É claro que esse critério rudimentar não pode ser definitivo. Serve, porém, no caso específico de que tratamos, para afastar a confusão reinante entre anormalidade psíquica e manifestação de funções *psi*.

Dentro desse critério simplista, mas eficaz no caso, não há possibilidade de erro. Porque em Arigó predominam os fatos concretos, os fenômenos objetivos. Ora, não é possível enquadrar-se na psiquiatria a prática eficaz de um ato cirúrgico, mesmo quando por pessoa não legalmente nem culturalmente habilitada. O mesmo acontece com a penetração e o manejo da faca nos olhos, quando Arigó se volta de costas para o paciente e continua a perigosa operação. O mesmo com a hemostasia, a assepsia e a anestesia. E o mesmo, ainda, com os casos de cicatrização instantânea, verificadas não somente com Arigó, mas através de outros sensitivos, ou ainda com a movimentação de instrumentos cirúrgicos nos atos operatórios, sem contato do médium. E por que não? Até mesmo no receituário exato, tantas vezes comprovado, como demonstraremos.

E tanto esse critério seria eficiente que, para enquadrar Arigó na Psiquiatria os interessados tiveram de praticar violenta ginástica, precipitando-se em cheio no absurdo a fim de negarem a evidência dos fatos concretos. Negar os fenômenos objetivos era uma necessidade para diagnosticar a paranoia do médium. E como negá-los senão através de explicações mirabolantes? Daí o recurso à sugestão, à hipnose, à acupuntura, à teoria da agressão como meio de despertar reações orgânicas, à teoria da assepsia posterior por meio de antibióticos e outros absurdos do mesmo gênero.

Os psiquiatras e psicólogos que conhecem Parapsicologia — não

apenas de referência — podem perfeitamente prescindir da hipótese espiritual e até mesmo prescindir de qualquer elemento de natureza espiritual para admitir e procurar explicar o caso Arigó. Assim procedeu, por exemplo, o professor João Bellini Burza, como já dissemos. Sem arredar pé da sua posição materialista, sem sequer sair do âmbito da fisiologia pavloviana, o professor Burza não precisou negar a evidência dos fatos. O mesmo já havia feito Enrico Morselli, na Itália, no século passado, quando reclamou a formulação de um "espiritismo sem Espíritos", uma vez que os fatos eram patentes mas a teoria não lhe parecia admissível. E o mesmo faria mais tarde, nos Estados Unidos, John B. Watson, no plano das ocorrências psicológicas normais, ao propor a tese da "psicologia sem alma".

Não é necessário admitir-se a presença do Espírito do Dr. Fritz, para aceitar os fenômenos. Não é necessário admitir-se, nem mesmo, a existência do Espírito de Arigó. A ciência examina os fatos em si, independentemente das opiniões a respeito. Por isso Lombroso já declarava, diante dos fatos espíritas, que era "escravo dos fatos." O que é necessário é apenas atualização científica, senso de responsabilidade, honestidade intelectual. Com esses ingredientes, a colocação científica do caso Arigó se torna fácil: é um caso de Parapsicologia e não de Psiquiatria.

A maneira mais fácil de nos livrarmos de um problema difícil é enquadrá-lo numa explicação teórica. Mas não é uma maneira científica. Nada existe de científico nessa fuga à realidade. A Ciência enfrenta o real e procura vencê-lo, dominá-lo, compreendê-lo e explicá-lo. Por isso, Ernst Cassirer afirma, em sua *Antropologia Filosófica*, que a era das grandes teorizações já passou, acentuando: "Cada teoria se converte num leito de Procusto em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar nos limites de um padrão preconcebido." Estamos na era do exame dos fatos empíricos para aferição das teorias, e não do contrário.

Nada mais cômodo do que dizer que Arigó é paranoico, espertalhão, explorador. Muito fácil explicar que ele receita grande quantidade de drogas para receber propinas de laboratórios, mesmo porque Arigó não dispõe de tempo nem de recursos para entregar à Justiça quem o afirma. Mais difícil, mas evidentemente mais científico, é procurar saber porque Arigó receita nessas condições e até que ponto o seu receituário vem

causando prejuízos ou dando resultados. Em vez de se admitir que o receituário de Arigó se aplica a todo o curso da moléstia, porque o doente não pode voltar à consulta constantemente e o sensitivo dispõe de recursos paranormais de diagnósticos e precognição — o que é difícil de admitir, sem conhecimento parapsicológico — é cômodo afirmar, sem nenhuma prova, sem a mínima verificação, que Arigó explora, mata e ameaça a saúde pública.

O professor Binet Sanglé, da Escola de Psicologia de Paris, publicou naquela capital, entre 1908 e 1915, quatro volumes de uma obra que se tornou célebre, diagnosticando a loucura de Jesus (*La Folie de Jesus, Chez Albin Michel*). Partia o autor da formulação determinista de Claude Bernard sobre as leis imutáveis dos fenômenos. Um episódio em quatro volumes que exemplifica a imagem do leito de Procusto de Cassirer e caracteriza a atitude científica de uma época. Essa época, porém, já vai longe. Duas conflagrações mundiais, a Física Nuclear e o desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas nos separam dela. E apesar disso, embora em proporções mais modestas e em qualidade muito inferior, o curioso episódio se repete entre nós.

No caso Arigó, como no caso de Jesus — sem nenhuma comparação entre ambos, mas comparando-se apenas as formas de julgamento — os fatos empíricos e os fatos históricos tiveram de acomodar-se no leito de Procusto das teorias psiquiátricas. Em nenhum dos dois, porém, a Psiquiatria tem o que fazer. Arigó é um *sujet* parapsicológico e como tal tem de ser tratado se quisermos explicá-lo cientificamente. Com isso não queremos negar as relações existentes entre Psiquiatria e Parapsicologia, mas queremos que elas permaneçam nos limites já assinalados por Rhine em seu livro acima citado. Arigó, como todos nós, terá os seus pontos de acesso à abordagem psiquiátrica. Mas quando tratamos dos fenômenos espantosos que o colocaram em evidência, não é esse aspecto que pode explicá-lo e sim o exame objetivo dos próprios fenômenos.

A personalidade de Arigó, o seu temperamento, a sua tipologia, a sua conduta podem explicar a maneira por que ele age na produção dos fenômenos, mas não podem explicar os fenômenos em si. Porque outros indivíduos, em condições tipológicas diversas, no mundo inteiro, também produzem os mesmos fenômenos. Quando tratamos destes, portanto,

temos de colocá-los nos quadros científicos da Parapsicologia. A que conclusões chegaríamos se quiséssemos também submeter os analistas de Arigó ao mesmo processo de enquadramento psiquiátrico?

VIII

Exames à ponta de faca

Um dos fatos mais curiosos que presenciamos com Arigó, geralmente divulgado pela imprensa e a televisão como de natureza operatória, é o que podemos chamar de exame à ponta de faca. Não se trata de operação no sentido de intervenção cirúrgica, nem da raspagem por ele efetuada para extração de pterígios. É simplesmente um exame. Mas estranho e violento. Arigó introduz a ponta de uma pequena faca de cozinha, afiada e aguda como uma agulha, entre o globo ocular e a pálpebra do paciente e maneja o instrumento em todas as direções. Depois o retira e examina atentamente. Disse-nos, falando como Dr. Fritz, que pelos resíduos encontrados na lâmina pode avaliar a sanidade ocular do paciente e verificar a espécie de moléstia, infecciosa ou não, de que seja portador.

Estivéramos conversando com Arigó na agência do IAPTC. Contar-nos detalhadamente o caso do senador Lúcio Bittencourt, do seu primeiro contato com o Dr. Fritz, das suas lutas para viver e também para atender os doentes que o procuravam. Às 18 horas deixou o serviço na agência e quinze minutos depois entrava no Centro Espírita. Verdadeira multidão o aguardava. Atravessou a sala, subiu a um estrado de madeira e iniciou uma pregação violenta. Advertiu que na noite anterior vários desordeiros haviam penetrado no Centro e perturbado os trabalhos. Disse que alguns dos presentes, antes de chegarem ali, haviam bebericado nos bares. Fazia sacrifícios para atender a todos, mas não aceitava cuidar de trapaceiros e irresponsáveis. Os que não precisavam de nada que fossem embora, voltassem para os bares: "Vão encher os cornos de cerveja!"

Nenhum desejo de agradar, de atrair clientes. Referiu-se aos ricos automóveis de passeio que vira na rua: "Os bonitões vêm aqui para quê? De que precisam? Querem ver milagres? Eu não sou milagreiro!" Lembrava a

violência de João Batista nas margens do Jordão. A violência profética da Bíblia explodindo ao vivo em Congonhas do Campo. Os profetas de pedra do Aleijadinho haviam descido do adro do Santuário para o casebre humilde, diante do povo estupefato. Em mangas de camisa, braços nus, numa gesticulação agitada apontava a porta da rua: "Chico Xavier é um santo, mas eu, não! Vocês vão a Uberaba e fazem o que querem, mas aqui, não! Sou um homem imundo e sem educação. Não chamei ninguém aqui, mas não quero pinguço aqui dentro. Os que andaram bebendo nos botequins não me venham pedir receita, ponham-se pra fora!" Depois um silêncio em que coçou a cabeça e murmurou entre dentes: "Estou nervoso, muito nervoso!" E olhando para cima: "O Alto hoje está nervoso!" A seguir, abrandando a voz e os gestos: "Dr. Fritz está dizendo que os que precisam formem na fila. Vou atender".

Desceu do estrado e passou pelo povo de cabeça erguida. Entrou na saleta de receituário e fechou a porta. Ficou lá sozinho. Esperamos ao lado da porta. Um minuto, quando muito, e abriu-a. Mas quando saiu era outra pessoa. No andar, nos gestos, na fisionomia, principalmente no olhar que parecia embaciado e distante. Antes de abrir a porta pronunciara frases em alemão. Agora, andar pesado, atitude firme, quase arrogante, voltou para o estrado e chamou um dos presentes para ajudá-lo. A ajuda consistia em segurar a lâmpada de um pendente para iluminar de perto o rosto dos pacientes.

Estávamos longe. Procurou-nos com o olhar e chamou-nos também. Antes de examinar o primeiro paciente fez questão que examinássemos a faca. Era cortante e pontiaguda, uns quinze centímetros de lâmina. Os doentes subiam e desciam do estrado, um a um. Arigó os examinava a ponta de faca, com extrema rapidez. A seguir diagnosticava, receitava ou recomendava operações. Às vezes, numa espécie de exibição deixava a faca pendurada num olho do paciente e dirigia brincadeiras ao povo. Os pacientes não reagiam, não levantavam a mão para se defenderem, não reclamavam nem gemiam. Arigó mostrou-nos, várias vezes, a lâmina suja de sangue e pus: "Sinusite frontal" ou "Inflamação ocular séria, precisa limpeza." Limpava a faca nas mãos, nas roupas do paciente e continuava o exame. Não examinou uma jovem, dizendo-lhe: "Você já sabe que é karma, não tem cura. Vai pro receituário. Vou dar receita pra ajudar". De dois

pacientes nos disse: "Câncer, não tem cura, coitado!"

Quando o último paciente desceu do estrado, o rapaz que segurava a lâmpada quis ser examinado. Arigó mandou que ele tirasse os óculos e voltando-se para o povo disse: "Este vai segurar a lâmpada pra ele mesmo. É grandão, vou enterrar a faca até o cabo!" O paciente ficou nesta incrível posição: segurando a lâmpada sobre o rosto com a mão direita e com a mão esquerda segurando os óculos, o braço estendido ao longo da perna. Arigó introduziu-lhe a faca nos dois olhos e remexeu-a tanto que em diversas ocasiões parecia prestes a rasgar-lhe as pálpebras com a ponta aguda do instrumento. Dava-lhe as costas e continuava o estranho exame sem olhar, falando com o público. Por fim introduziu a faca com violência na direção da sobrancelha, no olho direito, deixou-a pendurada e mandou o paciente abrir os olhos. Parecia absurdo, mas o rapaz abriu-os. Retirou a faca e no-la mostrou suja de sangue e pus: "Fiz um furo ali no solo do seio frontal, para vasar. Vai vasar dois dias. Depois para. Tá curado. Só precisa tomar uma receita. Agora vai fazer curativo". O curativo constituía apenas em pingar duas gotas de colírio em cada olho.

Esse rapaz era nosso familiar e tinha ido conosco na companhia de várias pessoas de São Paulo. Interpelamo-lo. Não sentira dor nenhuma e por isso não reagira. Tinha seus movimentos absolutamente livres. Se quisesse podia ter erguido as mãos, segurado as mãos de Arigó ou saltado do estrado. Não fez nada disso porque realmente queria ser curado. Nenhuma força estranha o detivera nem limitara os seus movimentos. Estivera perfeitamente consciente. Entretanto — e isto nos parece sumamente importante — ao presenciar todos os exames não acreditara que os pacientes não sentiam dor. Pensava que estavam inibidos e só por isso não reagiam. Quisera verificar pessoalmente o que se passava e estava satisfeito.

Os demais pacientes, interpelados por nós, confirmaram as declarações do nosso companheiro. Essas declarações confirmavam numerosas outras que ouvíramos de pessoas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba. Uma observação a fazer é que durante a preleção inicial, falando como Arigó, o médium mantinha sua pronúncia acaipirada. Durante os exames e posteriormente no receituário, como Dr. Fritz, pronunciava com acentuado sotaque alemão, sem nenhum esforço, sem o

mais leve momento de traição. Na fase dos exames teve um acesso de tosse, pois estava gripado. Suspendeu o exame e levantou a cabeça, reclamando providências em alemão. A tosse passou imediatamente e Arigó prosseguiu no trabalho, com a maior naturalidade, sem nada falar a respeito do caso.

Acompanharam-nos a Congonhas do Campo nessa ocasião e assistiram a tudo quanto descrevemos o casal Luiz Lebert, ele industrial e ela, Maria de Lourdes Lebert, escritora, jornalista e radialista, posteriormente falecida num desastre de avião; o casal José Chaim, comerciantes; o cirurgião-dentista Raul Soares, atualmente residente em São Manuel, na Sorocabana; o comerciante Vicente Zanoni Neto e a sra. Maria Virgínia Ferraz Pires, respectivamente genro e esposa do autor. Em Congonhas, encontramos o banqueiro José Alfredo de Almeida, o repórter Moacyr Jorge, dos *Diários Associados*, o industrial Waldemar Theil, o inspetor-fiscal Renato Wasth Rodrigues, irmão do saudoso pintor Wasth Rodrigues, estes dois últimos acompanhados de suas esposas. E várias outras pessoas.

Após os exames Arigó se dirigiu à saleta de receituário. Acompanhamo-lo e ficamos sentados ao seu lado, observando caso por caso. Devemos acentuar que estamos relatando as nossas observações pessoais antes dos depoimentos médicos, por uma questão de método. Primeiro porque realmente quisemos verificar o caso de maneira pessoal e direta; depois, porque foi essa a ordem natural do nosso procedimento. Quando procuramos os médicos já tínhamos as nossas próprias observações e a nossa conclusão: a certeza de se tratar de um caso de fenomenologia paranormal. Nossa longa experiência no assunto faz-nos agir sempre com a maior cautela. Sabemos quanto o terreno é escorregadio e quanto é fácil a credence humana. O caso Arigó era de tal maneira espantoso que os testemunhos sérios a respeito nos deixavam aturdidos. Trata-se de um caso extraordinário pela sua complexidade e pela variedade da fenomenologia nele presente.

Na saleta de receituário, a um metro de distância do médium, assistimos a episódios curiosos. A primeira pessoa a ser atendida foi uma senhora que se queixava de tumor nas virilhas. Arigó, mal ouviu as suas primeiras palavras, começou a receitar com extrema rapidez. E ao mesmo tempo que escrevia, advertia: "A senhora pita muito [queria dizer: fuma

demais]. Não pode diminuir essa pitada?"

A seguir foi atendendo aos demais. Perguntava quem era, de onde vinha, o que sofria. Às vezes se interessava particularmente pelo doente, levantava-se, examinava-lhe os olhos, mandava abrir a boca. Na maioria dos casos, enquanto a pessoa falava ele receitava. Às vezes não perguntava nada e não queria que os doentes falassem. Para o rapaz nosso familiar, que havia se submetido ao exame dos olhos, Arigó declarou: "Você tem princípio de úlcera no duodeno; três meses de dieta e está curado; não precisa remédio." Receitou, entretanto, para os olhos. E quando o rapaz quis pedir uma receita para o avô, que estava doente em São Paulo, a resposta foi pronta. "Não adianta. Dá o nome dele pra mim rezar pra ele." Pouco depois, o doente falecia.

Um rapaz que havia passado pelo exame recebe a receita sem nada falar. Depois Arigó pergunta quem o acompanhava. Era o pai. Mandou chamá-lo, despachou o rapaz e declarou ao pai: "ele tem câncer. Já sabia? Não? Vá embora!" O homem gagueja, vacila em sair. Arigó mostra-se compadecido. Levanta-se, dá-lhe uma palmada no ombro: "Vá embora. Vai curar". O homem se retira, Arigó sacode a cabeça e continua a atender os consulentes.

As receitas se sucedem de maneira atordoante. Escritas com rapidez incrível. Remédios de laboratórios diversos, os mais recentes, mas também remédios antigos.

Não conseguimos anotar tudo. Os diálogos em geral são rápidos. Quando o doente quer se prolongar em explicações e lamúrias, Arigó se levanta ou se vira na cadeira, com seus olhos embaciados por uma espécie de neblina e grita no sotaque alemão do Dr. Fritz: "Já sei. Vá embora! Tome os remédios." Em certos casos acentua: "Se não sarar, volte que eu como a receita." Em outros, manda chamar uma pessoa da família ou acompanhante e informa que receitou "só para auxiliar", pois o caso não tem cura. Das 20h15 horas até às 21h15, mais ou menos, Arigó distribuiu mais de sessenta receitas. A espantosa média de uma receita por minuto.

Uma senhora velha, de sessenta anos, procedente de Sorocaba, começa a falar e Arigó a interrompe: "Vai embora. Você não tem nada. Come demais e dorme demais. Só isso. Mande tirar uma chapa. Se tiver alguma coisa traga aqui que eu engole!" A seguir vira-se para um senhor de

quarenta anos (idades declaradas pelos pacientes), e diz: "Você, sim, tem doença e precisa curar. Vou receitar." Nada perguntou. O homem nada falou de sua doença. Arigó receitou.

Uma jovem de São Gonçalo de Sapucaí declara sofrer de determinada moléstia. Arigó a encara e diz: "Por que está mentindo? Você não tem nada disso. Ah, sim, tem vergonha de falar. Bobagem. Doença é doença. Nunca fale errado para médico, senão toma remédio errado." A moça enrubesce, baixa a cabeça. Arigó pergunta: "Falou certo?" Ela responde: "Não. O sr. tem razão". Arigó lhe entrega a receita e manda-a embora. Registramos seu nome e verificamos a exatidão da procedência, bem como o acerto do diagnóstico paranormal.

Um moço da mesma procedência pede simplesmente uma receita. Arigó pergunta: "Para você?" O rapaz responde que não, que é para a mãe. O sensitivo exclama: — "Para ela, pode. Para você, não." Receita e aconselha: "Você, só não comer mais pimenta." Logo mais um jovem de Belo Horizonte, que se diz corretor de terrenos e sofrer nevrálgia facial. Arigó o encara com firmeza, sem nada dizer. Receita e chama o presidente do Centro, entregando a este o papel e ordenando: "Bata à máquina esta receita e rasgue-a." Enquanto o rapaz saía o sensitivo se voltou para nós: "Não sei como fazem uma coisa dessas. Eu não queria criar caso. Estou aqui por causa de Aleijadinho. Meu lugar era na Inglaterra. Tenho muito que fazer lá." Soubemos depois que o rapaz era um inspetor policial.

Um senhor de cinquenta anos aproxima-se e quer falar. Arigó o interrompe: "Não precisa. Já sei. Você bebe tudo gelado, pita muito. Como quer sarar da bronquite? Bebida e fumo estão acabando com os brasileiros!" Receita e manda-o embora. O homem nos confirmou, depois, o diagnóstico. Não precisara dizer uma palavra.

Uma jovem, advogada em São Paulo, queixa-se de encefalite. Arigó a faz andar na sala e ela cambaleia. Desequilíbrio numa das pernas. Arigó adverte: "Fuma como uma danada! Precisa deixar de fumar e evitar carne. Deixe também de bebidas". Ela pergunta: "Dizem que sou médium, serei?" Arigó responde: "Grande médium. Mas não está enquadrada nos seus deveres. Precisa cuidar disso."

A moça reclama: tem dores na coluna vertebral, usa colete especial. Arigó responde: "Você não tem nada, não precisa de nada disso. Precisa de

ler o Evangelho."

Qualquer pessoa pode verificar, nos casos que relatamos, omitindo nomes por motivos óbvios, os indícios muitas vezes veementes das qualidades paranormais de Arigó. Impossível atender a tantos doentes com tamanha rapidez, dando receitas, conselhos e fazendo advertências acertadas. Nenhuma das pessoas com quem falamos desmentiu as advertências de Arigó. Pelo contrário, todas as confirmavam. A escritora Maria de Lourdes Lebert, que está nesse caso — embora não tenhamos relatado o seu caso acima — mandou que seu chofer entrasse na fila de consultas. O rapaz não sofria nada. Arigó perguntou-lhe: "O que você veio fazer aqui? Você não tem nada. Vá embora! Dê o lugar pra quem precisa!"

As receitas em geral eram longas, de medicamentos caros. Arigó declarou a vários doentes, em nossa presença, que não precisavam voltar. As receitas são dadas para todo o curso do processo de cura. Os doentes que devem voltar recebem receitas menores. Jamais ele aconselhou os doentes a comprarem toda a receita de uma vez. A várias pessoas, apesar da falta de tempo para atender a todos, ele ainda advertiu: "Compre primeiro os dois remédios de cima e tome; depois, os outros dois; e assim por diante."

Estas observações são necessárias como elementos que podem explicar, em parte, o absurdo do receituário de Arigó. E dizemos em parte porque há outros problemas de mais difícil explicação, como a alta dosagem de certas receitas de antibióticos. O médico psiquiatra e o professor de psicologia que consideraram o caso Arigó como simples mistificação referiram-se ao perigo das altas dosagens de antibióticos. Mas o fizeram apenas em tese, não apresentando nenhum caso concreto em que Arigó tivesse prejudicado um cliente. Ora, o que importa no caso Arigó é exatamente o absurdo, o inusitado. E é dentro das condições absurdas que ele se impõe ao exame dos homens de ciência.

Não vemos, por outro lado, como enquadrar o receituário de Arigó na possibilidade de provir da leitura de bulas farmacêuticas, da ajuda de médicos interessados ou da prática em ambulatório. Parece-nos que mesmo um médico experiente, para receitar precisa muitas vezes de recorrer à memória, senão a fichários de medicamentos apropriados aos vários casos. Arigó receita praticamente sem pensar. O lápis corre no papel

com extrema rapidez e os mais estranhos nomes de medicamentos saem escritos com perfeição. Isso o que verificamos em Congonhas do Campo na presença das testemunhas que citamos no capítulo anterior. E tudo isso, confirmado pelos depoimentos que daremos logo mais, nos leva a afirmar a natureza paranormal do caso Arigó, cujo enquadramento científico é inegavelmente parapsicológico, nada tendo a ver com a psiquiatria.

Muitas vezes tornamos a Congonhas, depois desses fatos, e tivemos a oportunidade de confirmar e ampliar as nossas observações. Arigó não revela, até o momento, nenhuma queda das suas faculdades. O período áureo a que nos referimos, pelo que hoje nos parece, decorria mais da naturalidade dos fatos, quando o médium não sofria a coação das campanhas adversárias, do que propriamente de uma fase especial da mediunidade. Os que privam com Arigó sabem do que é capaz a sua mediunidade em ambiente e condições favoráveis. O médium não se deixou abater até agora, mas é evidente que toda resistência tem os seus limites. O ideal seria que se pudesse preservar essa maravilhosa mediunidade através de medidas adequadas.

IX

Reconhecimento do Paranormal

Aquilo que hoje chamamos paranormal e que foi antigamente o incognoscível, o misterioso, o sobrenatural é apenas a continuação do normal, o prolongamento do natural, constituindo as regiões do psiquismo e do Universo que ainda não exploramos. Que o sobrenatural permaneça, ainda hoje, como objeto de cogitação filosófica ou de dogmática religiosa, compreende-se. Apesar do desenvolvimento científico dos últimos três séculos a maioria da população do globo continua a viver no clima mental dos períodos teológico e metafísico, segundo a classificação de Comte na sua famosa lei dos três estados. No começo do ano de 1966 alguns pastores de seitas protestantes (incluindo representantes de seitas anteriores à Reforma) estiveram nos estúdios da TV Cultura de São Paulo, por várias semanas, combatendo o Espiritismo e a Ciência em defesa de seus princípios religiosos. Muita gente assustou-se com a mentalidade revelada por esses pastores.

O rev. Oliver Thompson, por exemplo (professor de pastores) reitor do Instituto Brasileiro de Estudos Bíblicos, garantiu aos telespectadores que um homem morto não pode voltar em espírito à Terra, mas terá de fazê-lo — quando Deus o permitir — em carne, alma e espírito. Disse isso ao sustentar que não foi o Espírito de Samuel que se comunicou com Saul, segundo o relato bíblico da consulta do Rei à Pitonisa de Endor, mas o próprio Samuel em carne e osso. Quando lhe perguntaram se podia indicar a localização do Céu, o reverendo prontamente respondeu: "Fica atrás da Estrela do Norte." O rev. Adão Correia sustentou que o homem foi feito como um boneco de barro, em cujas ventas Deus assoprou o fôlego. E ambos, acompanhados de outros pastores, sustentaram que o espírito do homem é simplesmente o nosso fôlego, que volta para Deus quando

morremos. Pouco antes, num debate com o professor Julio Abreu Filho, na TV Tupi, o padre Oscar Gonzalez Quevedo, doutor em teologia e filosofia, cientista nas horas vagas e outras coisas semelhantes, afirmou que o profeta Elias não havia morrido, pois subira ao Céu com seu corpo material, suas roupas, suas sandálias e tudo o mais. Sabemos, aliás, que subsistem os dogmas católicos da ascensão de Jesus e de Maria, nas mesmas condições. E assim como os bons pastores e suas ovelhas acreditam que o nosso fôlego, essa coisa tão evidentemente fisiológica, é a nossa alma, também os judeus ortodoxos acreditam que a alma está no sangue. E todas as religiões e seitas cristãs, no mundo inteiro, acreditam na eficácia dos sacramentos e no poder mágico da água, que lava os corpos e regenera os espíritos.

Ninguém ignora que essa mentalidade mágica impediu por muitos séculos o desenvolvimento das Ciências. É natural, portanto, que as Ciências se recusem, ainda hoje, a aceitar a realidade das manifestações paranormais, por entender que se trata de simples resíduos das superstições religiosas. Mas quando essas manifestações se impõem com a evidência do caso Arigó é justo lembrarmos aos cientistas que o dogmatismo positivo é tão nefasto ao desenvolvimento das Ciências quanto o teológico-metafísico. No período ou estado positivo em que nos encontramos, as Ciências não podem assumir a atitude irracional das seitas místicas do passado e do presente, que tudo recusam *a priori*, sem a realização de exames e investigações criteriosas e imparciais. Se os rótulos antigos de mistério e sobrenatural repugnam aos cientistas, o mesmo não pode acontecer com a moderna designação de paranormal, tão acessível à compreensão científica, tão adequada ao espírito da investigação moderna.

Mas a verdade é que a luta pelo reconhecimento do paranormal vem sendo tão intensa em nossa época quanto o foi a luta pelo reconhecimento do normal nas fases anteriores. Passamos rapidamente de um extremo a outro. "Se o século XVII condenou Galileu por contrariar o dogma através da experiência, o século XX condena o Espiritismo e põe de quarentena a Parapsicologia por contrariarem os novos dogmas do experimentalismo. Antes predominava a fé religiosa; agora predomina a fé científica. Se Copérnico pecou ao descobrir manchas no Sol — porque Aristóteles nunca se referira a tal coisa — hoje é Rhine quem peca ao sustentar que a mente é de natureza extrafísica, porque está assentado que "não há nada além da

matéria." Não obstante, assim como Galileu declarou: *E pur si muove*, sustentando a circunvolução da Terra, após a abjuração forçada, assim também os investigadores independentes respondem hoje aos dogmáticos do materialismo: "Mas os fatos existem." No caso Arigó o drama do homem moderno, em face do problema do conhecimento, adquire a coloração daquela tragédia da cultura a que Ernst Cassirer dedicou um dos seus mais belos estudos. Remy Chauvin, diretor de laboratório do Instituto de Altos Estudos de Paris, referiu-se recentemente a uma lei do desenvolvimento científico que classificou como lei de alergia ao futuro. Reconhece a função de equilíbrio dessa lei, mas acentua o seu aspecto nefasto quando passa os limites do recomendável. A alergia ao futuro tem feito muitos mártires e entre eles podemos colocar o caboclo Arigó, que, sem ser cientista, mas sendo médium, tem sofrido amargamente para que o conhecimento humano se desenvolva em novas e mais fecundas direções.

Em 1963, desanimado com a indiferença dos meios científicos nacionais e reconhecendo a inexistência de condições para o exame do caso Arigó em nossa terra, o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo oficiou ao Presidente da República solicitando, no interesse das Ciências, e especialmente das ciências médicas, providências do Itamarati para o envio de convites a parapsicólogos norte-americanos e europeus, no sentido de virem estudam o assunto in loco. A Presidência da República despachou o ofício ao Ministério do Exterior, segundo comunicação telegráfica enviada ao Clube, com recomendação de urgência. Mas a verdade é que nada mais se fez a respeito. Depois da condenação e da prisão do médium, isso após a mudança de governo ocorrida em abril de 1964, o Serviço de Correspondência da Secretaria Particular do Presidente da República divulgou que, entre outubro de 1964 e julho de 1965, das oitenta mil cartas ali recebidas, do país e do exterior, a maioria destinava-se a pedir indulto para o médium sacrificado. Dos pedidos do exterior destacavam-se ofícios e memorandos de instituições interessadas em pesquisas psíquicas. A imprensa, o rádio e a televisão, em todo o país, pelos seus principais cronistas, condenou a atitude da Justiça mineira. O poeta Carlos Drummond de Andrade, em crônica publicada no Rio e em Belo Horizonte, criticou a condenação de Arigó. Mas ao mesmo tempo o poeta e médico Jamil Almansur Haddad, em São Paulo, em nome do arejamento

científico do século, chamava Arigó de charlatão sem sequer o ter visto, nem mesmo à distância. E o mesmo, em idênticas condições anticientíficas, faziam outros nomes de projeção nas letras e nas ciências do Planalto.

Há um curioso caso de conversão, que não devemos deixar de registrar: o professor Cesario Morey Hossri, que assinou uma série de artigos pseudocientíficos, juntamente com o médico-psiquiatra Ruy Mello, afirmando que Arigó era simplesmente um charlatão, um ano depois dessa série, em 20 de setembro de 1963, reafirmava, em espalhafatosa entrevista concedida ao jornal *Última Hora*, de São Paulo: "O Homem de Congonhas representa a maior farsa cometida contra a população de São Paulo." Acrescentou que Arigó possuía vasta biblioteca, "principalmente sobre assuntos médicos e espíritas." O seu companheiro de artigos pseudocientíficos, publicados pelo jornal paulista *Folha da Manhã*, chegou a afirmar que Arigó havia sido forjado por uma gang e já conquistara uma fortuna com suas operações. Posteriormente a dupla pseudocientífica se dissolveu e o professor Hossri, interessando-se por experiências com o ácido lisérgico, chegou a assistir, segundo declarou em conferências e aulas, a fenômenos de materialização em plena praia da cidade de Santos, onde residia. Converteu-se então à paranormalidade de Arigó e, primeiro numa palestra pronunciada em reunião do IPP no auditório da União Brasileira de Escritores, depois num debate de televisão no Canal 4, a que estivemos presentes, juntamente com o escritor Jorge Rizzini, declarou-nos que as funções *psi* de Arigó eram despertadas pelo uso imoderado de café. O espertalhão de outros tempos passou a dopado pelo inocente cafezinho paulista.

Mas enquanto isso se passa no Brasil, onde Arigó está ao alcance de qualquer curioso e de qualquer investigador, os cientistas argentinos, norte-americanos e europeus se interessam pelo caso e lutam para conseguir aproximar-se de Arigó. O Consulado Britânico em Belo Horizonte convidou o médium para ir à Inglaterra, submeter-se a experiências científicas. Os norte-americanos, como já vimos, estão à espera de uma oportunidade — à espera de que a Polícia e a Justiça do Brasil liberem o médium — para poderem estudá-lo. E na Argentina, aqui bem perto, o professor José Fernandez, conhecido parapsicólogo e catedrático jubilado de Física das Universidades de Buenos Aires e La Plata, presidiu um

congresso no teatro principal de Rosário, de que participaram numerosos cientistas, para debater o caso Arigó em face das fotografias, depoimentos e outros elementos que um estudioso levava de Congonhas. Vemos assim que a luta pelo reconhecimento científico do paranormal, apesar dos pesares, não vai tão mal quanto desejam os espíritos ptolomaicos.

A 12 de abril de 1965 os jornais divulgavam um manifesto do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo sustentando que Arigó não podia ser condenado por curandeirismo (pois não era curandeiro) nem por exercício ilegal da medicina ou charlatanismo (pois não era um pseudomédico nem explorava a falsa medicina) mas agia apenas como médium em função normal num Centro Espírita legalmente registrado. O Clube chamava a atenção das autoridades para o desenvolvimento da Parapsicologia no mundo e sustentava que, se a classificação de médium causava repulsa em alguns meios, a classificação de *sujet* paranormal para Arigó impunha-se de maneira irrevogável. A seguir o Movimento Universitário Espírita de São Paulo, constituído por estudantes de três Faculdades de Medicina e de outras escolas superiores, lançou manifesto no mesmo sentido, encarecendo a necessidade de submeter-se o caso Arigó a estudos científicos. A mesma tese foi sustentada pelo advogado de Arigó em sua magnífica defesa do médium. A 30 de outubro de 1965, no segundo artigo de uma série de dois, publicado no *Diário de S. Paulo*; na página médica, o professor E. J. Campos de Oliveira declarava:

"... Voltando à Parapsicologia, e tomando por princípio que o agente venha realizando curas paranormais verdadeiras, entendemos que não é possível condená-lo por quaisquer desses crimes. Charlatão não é, porque este sabe não poder curar e, na hipótese, temos a cura realizada. Curandeiro também não será, porque o curandeiro não é dotado dos poderes que julga possuir. É o pressuposto legal. Se a lei julgasse possível alguém promover curas extraordinárias com segurança, não vedaria. Ela tem por pressuposto essa impossibilidade que a Parapsicologia vem de derrubar. Finalmente, quanto ao exercício ilegal da medicina, não pode ser imputado se o agente nada entende dessa ciência, pois é pressuposto do delito que o agente venha exercendo com conhecimento, embora ilegalmente, a medicina. Mas aqui é que surge a dúvida. Arigó, por exemplo, conhece a medicina ou não? Podemos tratá-lo como se fosse duas pessoas,

uma quando é o simplório cidadão mal letrado, outra quando realiza operações e receita?"

Data vênia, ficamos na transcrição desse pequeno trecho que reproduz quase *ipsis litteris* os argumentos do manifesto do Clube dos Jornalistas Espíritas, onde foi sustentada precisamente a tese de que nenhuma das figuras jurídicas do Código Penal se aplicava a Arigó. O articulista, depois desse trecho, põe de lado o caso Arigó para afastar da sua argumentação: "os exemplos que acarretam turbações apaixonadas." Como se vê, mais um testemunho do clima de paixão que se formou em torno do caso Arigó, quando os próprios objetivos e princípios científicos deviam levar ao contrário, ou seja, a um clima de observação serena, de isenção de ânimo, de pesquisa. O professor Campos de Oliveira termina o seu artigo com esta afirmação de grande importância na luta pelo reconhecimento científico e jurídico do paranormal em nosso país: "Há um interesse público de elevado valor no estudo dos portadores de faculdades extraordinárias, e não podemos negar o real por não constar do Código."

Entre agosto e setembro de 1965 o escritor Jorge Rizzini viajou para os Estados Unidos, a convite de cientistas interessados no caso Arigó. Ficou hospedado na residência do cientista eletrônico John E. Lawrence, chefe do Departamento de Aparelhos Eletrônicos da RCA, destinados às pesquisas espaciais dos Estados Unidos. Na residência desse cientista, em Nova Jersey, fez projeções dos filmes de sua autoria sobre operações de Arigó. Posteriormente, foi convidado a exhibir os filmes para uma reunião de cientistas e professores da Princeton University. Estavam presentes, além de Lawrence, numerosas figuras dos meios universitários, inclusive professores de teologia da referida Universidade e mais os conhecidos professores catedráticos Harwood Childs, Otto Piper e Pierce Venhaut. Em Nova Iorque, na sede da American Society for Psychic Research, Rizzini pronunciou uma conferência, com a presença dos profs. Laidlaw e Puharich. Rizzini tinha também o filme que fizera da operação de Puharich e do qual este médico não possuía cópia. Exibindo este filme, o cientista operado pelo caboclo semialfabetizado de Congonhas do Campo fez uma explanação a respeito. Houve debates. E no final da reunião o professor Laidlaw firmou o seguinte memorando com a intenção de auxiliar o encaminhamento do caso Arigó e estimular o médium a prosseguir nas

suas atividades, que considerou "de grande interesse para a medicina":

Assisti por duas vezes ao filme-documentário em referência, e impressionaram-me os seguintes aspectos:

1) Quando Arigó está operando, sua expressão facial é suave e de visível ausência, como em transe, comparada com a sua expressão mais animada, em outras partes do filme (por exemplo, quando está com a família, e etc.).

2) É importante notar a sua alta eficiência técnica e os movimentos precisos com a faca inserida entre o globo ocular do paciente e a pálpebra superior, mesmo quando a sua cabeça e os seus olhos estão fixados noutra direção.

3) Os movimentos dos dedos e da mão operadora, ao usar a faca ou a tesoura, são seguros, rápidos e precisos, e parecem refletir uma suprema confiança.

4) Entendo que nenhum dos pacientes foi submetido a qualquer preparação pré-operatória, mas observo que todos eles apresentam-se calmos e submetem-se à operação sem mostrar qualquer apreensão. Mais ainda, durante a operação, as suas fisionomias não evidenciam nenhum desconforto; ao contrário, permanecem calmas e impassíveis. Não há, no filme, evidência de tensão muscular em qualquer parte do corpo.

5) Observo pouquíssima hemorragia.

6) Nas operações que envolvem os dois lipomas vê-se que após a remoção do tumor os tecidos de ambos os bordos da incisão foram imediatamente aproximados, sem o uso de suturas, observando-se ausência de hemorragia.

7) As operações foram executadas sem qualquer precaução de esterilização, de fato, num ambiente onde se esperaria uma alta incidência de infecções pós-operatórias. Entendo que nenhuma ocorreu.

8) Em tudo e por tudo o filme em referência apresenta um quadro de alta habilidade cirúrgica, desenvolvida num homem que, segundo entendo, não teve, de forma alguma, educação científica ou médica. A evidência apresentada por este filme desafia qualquer explicação nas bases científicas convencionais.

9) Fica estabelecido que apresento este memorando primeiramente para expressar a minha apreciação ao sr. Arigó, pela notável contribuição que está trazendo ao nosso meio, e na esperança de que ele autorize ao sr. Rizzini a mostrar outros filmes ao nosso grupo médico, extremamente interessado no assunto."

Note-se que Laidlaw refere-se "ao filme", quando foram apresentados o filme da operação de Puharich e outro de várias operações. Como a apresentação foi seguida, a impressão dada foi de apenas um filme. Por isso

Laidlaw se refere a vários pacientes e a duas operações de lipomas. Acentue-se a observação sobre a modificação das expressões faciais do médium, bem como aquela, de suma importância, sobre a aproximação dos bordos da incisão sem necessidade de suturas. Note-se a referência entusiástica à habilidade cirúrgica de Arigó. Quanto à falta de preparação do ambiente e dos pacientes, e à ausência de anestesia e assepsia, Laidlaw tinha o testemunho de Puharich, um dos operados.

Tudo, neste memorando revela o cientista arejado, de olhos abertos para a realidade extraesquemática e profundamente interessado no estudo do caso Arigó. Mas infelizmente, desde o dia em que esse memorando foi assinado, até hoje Arigó continua sujeito aos azares de um interminável processo criminal e não pôde ser submetido às experiências do grupo médico de pesquisas dirigido por Laidlaw. Ao problema do reconhecimento do paranormal no Brasil — no momento em que os próprios cientistas soviéticos proclamam a sua realidade inegável — uma associação médica brasileira, unida a um grupo de padres inquisitoriais, opõe os interesses dos dois grupos profissionais.

TERCEIRA PARTE

Departamentos Médicos



Relato de um especialista

As pessoas que procuram Arigó pertencem a todas as classes sociais e graus de cultura e são movidas pelos mais diversos interesses: desde a curiosidade pura e simples até a cura de moléstias corriqueiras ou graves, a tentativa de provar que o médium é charlatão ou o desejo de observação científica. A maioria, porém, se constitui de doentes desenganados ou cansados de percorrer inutilmente consultórios e hospitais. Além deles, os médicos.

Entre os numerosos médicos de São Paulo que lá estiveram, destacamos os oftalmologistas Sérgio Valle e Peri Alves de Campos. Por feliz coincidência esses dois especialistas encontraram-se em Congonhas e assistiram aos mesmos fenômenos. Vamos oferecer o depoimento do professor Sérgio Valle, oculista do Sanatório Padre Bento e do Instituto Paulista de Oftalmologia, autor de numerosos trabalhos científicos sobre a sua especialidade, inclusive o livro *Exposé relatif à la Choroidité Précoce de Hoffmann*, aprovado pelo Congresso Internacional de Leprologia em 1938, e prêmio Moura Brasil, no mesmo ano, da Academia Nacional de Medicina.

Além de sua especialidade em oftalmologia, mundialmente reconhecida — seu livro acima citado foi traduzido para o francês e para o inglês, tendo nesta tradução repercussão mundial — o professor Sérgio Valle é também especialista em hipnotismo e técnica letárgica. Como se vê, dispõe de títulos, atividades científicas e experiência médica suficiente para examinar o caso Arigó e opinar sobre ele. Ouvimo-lo em sua residência, à Avenida Barros. Depois de declarar-nos que assistira operações de Arigó na companhia do colega acima mencionado acentuou:

— "Não há nada na atividade do médium que se possa atribuir a

toque letárgico ou sugestão hipnótica. A primeira doente que se apresentou mostrava-se nervosa, com medo de submeter-se à operação. Arigó deixou-a de lado e atendeu a segunda. Com uma tesoura fez a ressecção do pterígio e o pôs na minha mão. Nada de anestesia, nem de assepsia. Na mesma hora introduziu um bisturi no ângulo interno do olho da paciente e virou o rosto para trás, movimentando o instrumento. Ao ver isso eu disse ao doutor Peri Alves de Campos, que estava ao meu lado: "ele vai cortar a carúncula". Arigó ouviu e respondeu: "Não tem perigo; a carúncula não sofre nada."

— "Ao colocar o pterígio na minha mão — prossegue o médico — Arigó, com o sotaque alemão do Dr. Fritz, me disse: "É para você ver se é pterígio mesmo ou tripa de galinha." Durante cerca de duas horas assisti às intervenções de Arigó, sem falar com ele, que certamente não sabia quem eu era nem porque estava lá. Quando foi operar o pterígio, entretanto, ele me chamou para assistir de perto. E me tratou como médico".

— "Nenhum oculista, em parte alguma do mundo — afirmou o professor Sérgio Valle — poderia fazer o que Arigó fez diante de nós. Não é possível praticar-se a cirurgia ocular sem prévia assepsia, sem ambiente adequado, sem instrumentos especiais, sem anestesia. Nenhum oculista pode mesmo aceitar que Arigó faça operações nessas condições. Mas nós o vimos fazer, com espantosa rapidez, sem nenhuma encenação, a plena luz, oferecendo-nos todas as facilidades de observação."

— "Vi, e o doutor Peri também viu — continuou o médico — Arigó fazer o diagnóstico de descolamento da retina. Diagnóstico feito no momento, sem exames prévios, em meio do povo. Arigó disse ao consulente: "O que o senhor tem aí é médico da matéria que trata. É descolamento da retina." O paciente foi devolvido aos médicos. E confirmou, na hora, o diagnóstico, informando que realmente os médicos de Belo Horizonte já o haviam comprovado."

— "Não vi operações de catarata. Não havia nenhum caso e eu teria de permanecer mais tempo em Congonhas para esperar uma ocorrência, o que não me foi possível. Tenho informações de que ele as faz e ainda pretendo voltar a Congonhas. A operação de catarata é das mais delicadas, exigindo instrumental e ambiente especiais, técnica, habilidade e experiência. Nenhum oculista pode acreditar que Arigó faça essa operação,

a menos que o veja ou diante de provas documentais obtidas com todo o rigor das verificações científicas. Uma das minhas ambições é conseguir tempo para obter essas provas, não só a propósito da operação de catarata mas também das que assisti."

— "Quanto aos diagnósticos — prosseguiu o médico — testemunhamos a veracidade das informações, como já esclareci. Posso mesmo acrescentar que os modos rústicos de Arigó chegaram a chocar-me. Ele recebe os doentes e faz diagnósticos de maneira rude, sem nenhuma intenção de agradar ou pelo menos de evitar o abalo que o paciente pode sofrer. Mas esses diagnósticos, em geral, são confirmados pelos doentes que o procuram depois de se haverem submetido a exames médicos e de laboratório."

Interpelado sobre a questão dos exames à ponta de faca o professor Sérgio Valle respondeu-nos:

— "Assisti a esses exames. Francamente, não sei de que se trata. Ele chega a introduzir a faca na órbita e projetar o olho do paciente para fora. Não sei que espécie de propedêutica é essa. Pode ser, nos casos em que orienta a faca no sentido do soalho do seio frontal, para perfurá-lo e fazer drenagem. Ficaremos no campo das suposições enquanto não pudermos verificar devidamente os processos por ele utilizados."

— "O que posso afirmar é que Arigó usa a faca, a tesoura, o bisturi, sem qualquer assepsia. Limpa-os na própria roupa ou na roupa dos pacientes. Não usa anestesia de espécie alguma, nem mesmo hipnótica. Por tudo o que verifiquei, o assunto Arigó participa de duas naturezas: é metapsíquico e médico-cirúrgico."

A propósito de hipnotismo e letargia, declarou-nos:

— "Não há nada na atividade do médium que se possa atribuir a toque letárgico ou sugestão hipnótica. Ele não usa letargia nem hipnotismo, não se serve de truques nem disfarces, não usa biombos nem sequer age no escuro. Tudo quanto faz é visível e próximo, verificável. E sem dispor de recursos da moderna técnica cirúrgica, utilizando-se de instrumentos inadequados, efetua diagnósticos e operações em tempo recorde. Todos os que o observam atentamente, e de perto, como fizemos, eu e o meu colega já referido, compreendem a impossibilidade de qualquer explicação desse tipo para os fenômenos. De minha parte compreendo as dificuldades em

que se encontram tantos colegas, mormente quando materialistas, para admitirem a realidade do caso Arigó. E admiro os que, apesar disso, têm a coragem de não escapar pela negação ou pelas vias de explicações absurdas."

Interpelado sobre a tentativa de imitação de Arigó em programa de televisão por um médico psiquiatra, respondeu-nos o entrevistado:

— "Trata-se da exibição de um número cediço de letargia e hipnotismo, ambos conhecidos e praticados em São Paulo por centenas de médicos em suas respectivas especialidades (hipnoterapia e hipnoanalgesia), e por muitos cirurgiões-dentistas, desde que Torres Norry, Passos e Gonzaga e outros puseram ao alcance de todos nós os seus conhecimentos teóricos e práticos sobre o assunto, bem como as suas discutidíssimas teorias neurofisiológicas. A conclusão a que chegou o ilustrado colega que se exibiu na televisão foi a de que, podendo-se obter a anestesia e a hemostasia pelas sugestões verbais da hipnose ou pelos toques da letargia, toda a proteiforme fenomenologia de Arigó ficara cientificamente explicada e, *ipso facto*, desmascarada. É uma conclusão gratuita e pretensiosa."

Acentuando que na exibição pela televisão o médico em causa "mutilou o próprio protocolo", pois poderia ter ido muito além, servindo-se dos seus pacientes, "que poderiam estar previamente sensibilizados, como é de regra", o professor Sérgio Valle prosseguiu:

— "Sob a ação exclusiva de hipnotismo, partos e operações se realizaram sem dores nas mãos do doutor Jules Cloquet. Esdaile executou, sob analgesia obtida por passes magnéticos, mais de seiscentas grandes intervenções cirúrgicas. Goldscheider e o professor During, de Viena, preferiram a psicoterapia na terapêutica de hipertensão arterial. Markus e Sahlren conseguiram moderar pela hipnose a ação de certos medicamentos, como a adrenalina, a pilocarpina e a atropina, cujos efeitos sobre os organismos são bem conhecidos e fáceis de verificar. Isto, porém, é história antiga. Hoje nos vêm do mundo inteiro, através de revistas especializadas, notícias do grande êxito de hipnotismo empregado por médicos, cirurgiões-dentistas, psicólogos, educadores, e até por simples curiosos. As forças miraculosas da sugestão e da hipnose provocam dores e as anestésias, forçam um órgão a trabalhar ou o inibem.

Contrariam, baralham, anulam as leis fisiológicas que regulam o metabolismo celular e a especificidade funcional dos órgãos. Múltiplas teorias procuram esclarecer o mecanismo íntimo da hipnose, mas nenhuma é capaz de explicar todos os estados provocados. Bases neurofisiológicas, reflexos condicionados, teorias metabólicas, etc. toda essa multiplicidade implica a própria imprestabilidade. A hipnose profunda nos atesta a existência de uma percepção suprassensorial, supraorgânica, suprafisiológica que contradiz, iconoclastamente, as leis fisiológicas e clássicas de percepção sensorial orgânica."

A propósito de acupuntura e kuatsu — declarou o médico Sérgio Valle — tratar-se apenas de técnicas fisiológicas absolutamente insuficientes para explicar o caso Arigó. E acentuou:

— "Quem vai a Congonhas e tem a oportunidade que tivemos de assistir a fenômenos como os que assistimos, não pode contentar-se com explicações dessa natureza. Não nos é possível relatar tudo o que vimos ali. Não se realizaram somente operações, nem se fizeram apenas diagnósticos. Ocorreram interessantíssimos fenômenos de clarividência que provam a capacidade de percepção extrassensória de Arigó. Por isso não vemos como explicar os fatos sem a devida atenção para esses aspectos que hoje já não podem mais ser negligenciados."

Considerando as várias hipóteses acima referidas, para explicar o caso Arigó, impotentes e insuficientes, mesmo quando conjugadas, o professor Sérgio Valle acentuou:

— "Não se deve, entretanto, considerar Arigó como um taumaturgo. Não há taumaturgia nas suas práticas. Nem milagre, nem farsa, apenas a ocorrência de fenômenos paranormais não observados nem estudados com o necessário critério. Já me comprometi a estacionar demoradamente em Congonhas do Campo, quando me ensejar a oportunidade de umas férias, colhendo mais observações diretas e pessoais, fortalecendo-as com as normas da ciência experimental, que não vigoram somente nos tubos de ensaio, mas também nas observações documentadas, para apresentá-las em primeiro lugar às associações médicas, se elas se dignarem a tomar conhecimento dos protocolos."

Dando-nos um exemplo daquilo que chama "a convergência das provas" no caso Arigó, segundo uma proposição do metapsiquista italiano

Ernesto Bozzano, o professor Sérgio Valle acrescentou:

— Um médico clínico do nosso convívio diário, cumpridor rigoroso dos seus deveres, professa — nota marcante de sua personalidade — um catolicismo integral. Ao ouvir comentário sobre Arigó veio contar-me espontaneamente, no seu estilo monossilábico e sintético, que também tinha ido a Congonhas do Campo na companhia da mulher e de um filho. Obteve receitas de "medicamentos modernos dos melhores laboratórios" e declarou-se satisfeito. Disse-me ainda: "Não vimos nenhuma exploração. Quando o Doutor Fritz me atendeu, não me fez perguntas. Apenas disse para as pessoas presentes: "Este velho é muito bom católico." Achei engraçado. Depois ele disse: "Aquela sua filha que ficou em São Paulo também precisa de remédio; ela está muito nervosa." Dizendo isso, receitou também para a sua filha ausente.

Comentando o fato, acentuou o professor Sérgio Valle:

— "Duas verdades supranumerárias numa entrevista de dois a três minutos. Eis os fatos. Indiferentes à opinião dos seus analistas. Repetem-se. Firmam-se. Proclamam-se. Acumulam-se. Nunca se viu jamais um fato deixar de existir para tranquilidade dos seus negadores. "Nada é mais brutal do que um fato", disse Broussais. Evidentemente, para os que não podem ou não querem compreendê-lo."

No fato acima, por cuja veracidade responde o médico Sérgio Valle, há todo um complexo de elementos a serem considerados: a posição religiosa do consulente, católico praticante e médico experiente, duas condições suficientes para anularem ou pelo menos reduzirem bastante as possibilidades de sugestão, o fato de Arigó, sem o conhecer e sem ter obtido informações a seu respeito (pois nem tempo para isso tinha havido) enunciar naturalmente a sua condição: o diagnóstico e o receituário que o próprio médico considerou excelentes; a revelação pelo sensitivo de que o médico havia deixado uma filha em S. Paulo, a diagnose à distância e a receita para a pessoa ausente. Como se vê, uma verdadeira "convergência de provas" a favor do sensitivo, de suas qualidades paranormais e conseqüentemente a favor da nossa tese, confirmada pelo especialista Sérgio Valle, de que Arigó não é um caso de Psiquiatria, mas de Parapsicologia.



Um professor de cirurgia

O Professor Dr. Ary Lex autor de conhecido compêndio de *Biologia Educacional*, é assistente de clínica-cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, atual membro e ex-presidente da Secção de Cirurgia da Associação Paulista de Medicina, membro da Academia de Medicina de São Paulo e do corpo médico do Hospital das Clínicas. Tem consultório à praça da República em São Paulo, pertence a tradicional família paulista, e ocupa um lugar de interesse especial para o nosso caso: o de membro da Comissão de Defesa da Classe, da Associação Paulista de Medicina, sendo dos que mais se empenham no combate ao curandeirismo e aos abusos no exercício da profissão.

Foi nessa qualidade que participou de uma das mesas redondas do Canal 4 para debate do caso Arigó. Confirmou diante das câmaras de TV tudo quanto aqui relatamos e que publicamos em forma de entrevista no *Diário de S. Paulo*. Especialista em cirurgia-geral, ninguém melhor do que ele para atestar a veracidade ou não das operações do médium de Congonhas do Campo. Infelizmente não foi àquela cidade em função oficial, nem mesmo no desempenho de qualquer cargo da entidade de classe a que pertence ou da instituição científica, ou mesmo do hospital acima mencionado. Como já acentuamos, os cientistas que têm ido a Congonhas o fazem por conta própria. Nossas instituições científicas até agora mostraram-se desinteressadas do caso.

Declarou-nos o professor Ary Lex que foi a Congonhas peio seu interesse pessoal em verificar a existência ou não dos fatos. Sendo espírita, só tem visto, nas pretensas intervenções cirúrgicas mediúnicas que teve oportunidade de observar, fraudes e embustes. "Nunca encontrei —

declarou-nos — um caso de operação mediúcnica que resistisse à análise. Estou ciente de que outros médicos os encontraram, mas nos meus vinte anos de Espiritismo nunca pude verificá-los. A ingenuidade, a credice, o fanatismo que afugentam tantos investigadores sérios é um tremendo empecilho às investigações nesse terreno. Assim, quando tive notícias do que se passava em Congonhas do Campo não me abalei com isso. Seria um "caso" a mais. Entretanto, os depoimentos e os testemunhos se acumularam de tal maneira que me senti no dever de locomover-me para lá e verificar o que estava ocorrendo."

A outra pergunta respondeu-nos o professor Ary Lex:

— "Não fui na companhia de médicos. Minha desconfiança era demasiada para que pudesse interessar algum colega na verificação. Fui na companhia do senhor Elisio Ayer, de Alfenas. Mas encontrei-me em Congonhas com o professor Walter Accorsi, docente e ex-diretor da Escola Superior de Agricultura de Piracicaba, que assistiu comigo a vários fenômenos. Aliás, toda uma caravana de trinta e tantas pessoas de Piracicaba lá se encontrava e nela encontrei também a professora Liggie Barbosa, que presenciou os fatos. Não tenho a menor dúvida em afirmar que os fenômenos são reais. Pela primeira vez deparei-me com eles e pude analisá-los de perto. Arigó é realmente um caso extraordinário de fenomenologia paranormal."

O professor Ary Lex, na companhia do professor Walter Accorsi, assistiu a operações e a receituário de Arigó. Confirma a realidade das primeiras mas faz objeções ao segundo. Esclarece que a sua posição de espírita convicto, longe de fazê-lo admitir todos os aspectos de um caso paranormal, exige a crítica serena desses casos. Quanto às operações responde com precisão às nossas perguntas:

— "Arigó, em estado de transe mediúnico, convidou-nos a subir ao local em que ia operar, na frente do povo. Era uma espécie de pia. O médium, embora lhe declinássemos a nossa qualidade de médico, não nos dispensou nenhuma atenção especial. Tratou-nos rudemente. A única gentileza que nos fez foi essa, de convidar-nos para assistir de perto as operações e posteriormente, para o ajudarmos. O professor Walter Accorsi também foi convidado a postar-se ao nosso lado. Arigó falava com sotaque alemão. No espaço de meia hora realizou quatro operações, que foram as

seguintes:

1. Drenagem de quisto cinovial. Sem nenhuma preparação cirúrgica, sem anestesia e sem assepsia. Não usou nenhuma técnica hipnótica ou letárgica, toque no paciente ou qualquer outro processo de sugestão ou coisa semelhante. Drenou rapidamente o quisto do pulso do paciente, mas não produziu o fechamento ou a cicatrização de que me haviam falado. O simples fato da realização dessa intervenção colocou-me diante de um caso real de operação paranormal.
2. Operação de um lipoma do braço de uma mulher. Arigó me convidou a segurar o braço da paciente. Isso me permitiu observar a operação de bem perto, a um palmo do meu rosto, e a cronometrá-la. Nas mesmas condições da anterior, Arigó extraiu o lipoma em trinta segundos. Verifiquei um fato estranho, a que ninguém se havia referido anteriormente e nem se referiu depois. Aliás, só um médico e cirurgião poderia atentar para esse pormenor. Arigó não cortou a epiderme fazendo uma incisão comum. Friccionou a pele com as costas do bisturi, até que ela se abriu. Então ele apertou o lipoma, que saiu inteiro.
3. Operação de outro lipoma, nas mesmas condições, com a mesma rapidez e da mesma maneira estranha. Observei a ambas sem qualquer dificuldade ou impedimento.
4. Operação de pterígio. Segurei a cabeça da paciente. Arigó realizou a intervenção com uma tesoura de cortar unha. Sangrou bastante. O sensitivo comprimiu o local com o algodão e mandou o sangue estancar, produzindo hemostasia imediata. De maneira que só posso classificar como espetacular, Arigó mandou a paciente embora sem maiores cuidados.

Durante todas essas operações, no correr dos atos operatórios conversei com os pacientes, perguntando-lhes se sentiam dor ou não. Os pacientes estavam conscientes, tranquilos, não reagindo e respondiam nada sentir. Arigó agia com naturalidade, tão senhor de si que chegou a limpar o bisturi, a certo momento, com violência, na careca do professor Walter Accorsi. Este também nada sentiu, apesar da violência do ato."

Feita a exposição do que vira em Congonhas do Campo, no tocante a operações, o professor Ary Lex informou-nos que assistira também aos

"exames à ponta de faca", verificando que Arigó muitas vezes virava o rosto para trás e continuava a manejar violentamente a faca entre a pálpebra e o globo ocular do paciente.

— Provocou algumas vezes a protrusão do olho, fazendo-o como que saltar da órbita. Tudo isso sem assepsia nem anestesia e sem que os pacientes acusassem dor."

Perguntamos pelas suas críticas a Arigó e o professor Ary Lex respondeu-nos prontamente:

— "Primeiro entendo que o caso devia ser submetido à observação científica e não vejo em Arigó propensão para isso. Parece-me que a sua tendência é para continuar a agir como vem fazendo, sem sujeitar-se à investigação. Depois assustou-me o seu receituário, que considero dos mais absurdos. Arigó dá receitas completamente descabidas para os casos. Receita com insistência medicamentos superados, como o Olobintin e a Kanamicina. Este último é um medicamento particularmente perigoso, a ponto de nós, médicos, o havermos abolido há muito do receituário."

— "Por outro lado — continuou o médico — não critico apenas Arigó, pois me parece que um caso como esse devia merecer maior atenção dos meios interessados. O fato de não haver controle científico das atividades de Arigó expõe o médium a numerosos perigos. Há inclusive a ameaça de desvirtuamento de suas faculdades. A campanha contra Arigó decorre da falta de comprovação científica dos fenômenos. Houvesse essa comprovação e ninguém tentaria negá-los ou interpretá-los desta ou daquela maneira. Mas apesar de tudo tive a satisfação de observar, pela primeira vez, um caso autêntico de fenômenos paranormais no campo difícil da minha especialidade médica."

A propósito da crítica ao receituário de Arigó chamamos a atenção do leitor para as declarações do médico Medeiros Sobrinho na entrevista seguinte. Quanto à indisposição de Arigó em relação às pesquisas científicas, os fatos subsequentes mostraram o contrário. O sensitivo de Congonhas submeteu-se de boa vontade e continua a submeter-se a todos os investigadores que o procuram, não opondo nenhuma dificuldade e facilitando mesmo o trabalho dos cientistas.



Cura de um caso de câncer

O caso que abaixo relatamos é desses que provocam revolta e até mesmo indignação, da parte de médicos materialistas ou simplesmente avessos às indagações paranormais. Mas quem o relata é um médico experiente que teve, através dele, o seu primeiro contato com Arigó. Interpretações diversas lhe poderão ser dadas. Mas o que nos interessa é a realidade dos fatos. Por isso não procuramos a opinião dos teóricos, dos especialistas famosos, mas o testemunho dos médicos que foram a Congonhas do Campo e observaram fenômenos. O que importa para a Ciência, em primeiro lugar, são os fatos. Antes de mais nada o que interessa, num julgamento científico do caso Arigó, são os fatos que o caracterizam.

O médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho pertence ao corpo clínico do Instituto de Cardiologia do Estado, é radiologista por concurso do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, clínica há muitos anos nesta capital, realizou dois anos de estágio na Suécia, especializando-se em radiologia do coração. Foi a Congonhas acompanhando um casal de clientes e amigos, cujo drama nos consultórios e laboratórios de São Paulo já se havia transformado em tragédia. Diante da impotência da medicina oficial, o próprio médico, desejoso também de verificar o que havia de real no caso Arigó, resolveu seguir com os clientes em busca do sensitivo.

Todos os passos deste caso foram documentados através de exames radiográficos e de laboratório, de registros e relatórios hospitalares, de fichas e receituário. Omitimos os nomes dos pacientes, porque o médico não quis violar a ética profissional. Mas é evidente que num caso de estudo

e investigação científica, todos os dados serão fornecidos pelo médico responsável por este relato. Incluímo-lo nesta série como uma das provas mais vigorosas e positivas das faculdades paranormais de Arigó. Passemos aos fatos.

Perguntamos ao médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho pelo caso de câncer que acompanhou, em tratamento realizado pelo sensitivo de Congonhas do Campo. O médico respondeu com um relato completo:

— "Uma senhora polonesa de 28 anos de idade foi levada ao posto do Pronto Socorro Municipal da rua Apeninos, em estado desesperador, com síndrome de obstrução intestinal. Examinada e submetida à intervenção cirúrgica necessária, extirpou-se um tumor que lhe obstruía o cólon transverso. Praticou-se uma colostomia (ligação do intestino na pele) com duas incisões abertas, uma para expelir as fezes. O tumor foi enviado ao exame anatomopatológico do Serviço de Patologia do Pronto Socorro, que deu como resultado a verificação de carcinoma."

— "Como se vê, a doente sofria de câncer. Uma senhora que pesava, antes da doença, cinquenta e oito quilos, passou a pesar depois da operação apenas trinta e três. No Pronto Socorro lhe foi dada a alta, com declaração de caso incurável. Porque, além do tumor extirpado, verificara-se durante o ato cirúrgico a existência de gânglios aumentados no peritônio e um nódulo no fígado. Nada mais se podia fazer. Era uma mulher condenada à morte."

— "Não obstante — prossegue o médico — era necessário procurar todos os recursos. A doente foi transferida para o Hospital Central do Câncer e teve ali o seu ventre novamente aberto. Nessa nova operação nada se pôde fazer, porquanto todo o abdômen estava tomado de metástases, uma das quais do tamanho de um ovo de galinha, situado no flanco esquerdo. A paciente tornou a receber alta sendo considerada incurável, fora das possibilidades da terapêutica atual, segundo os próprios termos do relatório cirúrgico."

— "Outro exame anatomopatológico realizado numa das metástases, no Hospital do Câncer, confirmou tratar-se de um carcinoma muco-celular metastático. Este diagnóstico, decorrente de exames anatomopatológicos, foi dado isoladamente por dois patologistas que assim coincidiam em suas conclusões. Um deles era o Chefe do Departamento de Anatomia Patológica

do Hospital. Como resultado concedeu-se uma "sobrevida" de mais ou menos dois meses para a paciente. Considere-se bem este fato: a paciente, completamente dominada pela invasão cancerosa, não poderia sobreviver mais de dois meses."

Prosseguindo, esclarece o médico que o marido da doente resolveu levá-la a Congonhas. Ele, por sua vez, como amigo da família e interessado no caso Arigó, particularmente em se tratando de uma cliente irremediavelmente condenada, resolveu acompanhá-los:

— "Levamos a doente a Congonhas, de avião, pois ela não poderia resistir uma viagem por terra. Estava pesando pouco mais de trinta quilos, em estado desesperador. Arigó, atendendo-a em estado de transe, falando com sotaque alemão, deu-lhe uma receita constante de medicamentos os mais modernos e em doses que ultrapassam as habitualmente usadas no receituário médico. Lembro-me bem dessa primeira receita: Kanamicina, Olobintin, Neurorubin e Dexteoxina."

Acrescenta o médico que apesar da estranheza que as altas dosagens causaram, a doente começou a tomar os remédios e logo após a primeira semana revelou melhora considerável, que lhe permitiu levantar-se do leito e começar a andar. Com duas semanas de tratamento já havia readquirido dez quilos de peso. Com um mês e meio atingira sessenta quilos, ultrapassando em dois o peso anterior à doença. Parecia curada mas continuava sujeita à colostomia, ou seja, com as incisões abertas no ventre. Nessa altura voltou para Congonhas, acompanhada pelo médico e pelo marido. Este, que é de nacionalidade austríaca, declarou haver conversado em alemão com Arigó, declaração que foi posteriormente reafirmada num programa de televisão.

— "Arigó declarou que a paciente estava salva — informa o médico Hortêncio de Medeiros — mas deu-lhe mais duas receitas, determinando que tomasse os medicamentos de uma em seguida aos da outra. Lembro-me que a primeira receita continha estes medicamentos: Gamaclorex, Cloromicetina e Metio-Scil. Da segunda receita lembro-me apenas de Albamicina-GU, antibiótico das vias urinárias. Isso me pareceu importante, pois a obstrução intestinal havia também provocado perturbações urinárias."

— "Tomadas essas receitas — continua o médico — uma após outra,

segundo a recomendação de Arigó, a paciente voltou para Congonhas a 25 de agosto do ano de 1961, em companhia de sua mãe. Arigó, falando novamente em sotaque alemão, declarou-lhe: "A irmã está curada; pode desmanchar a operação." Atendendo a isso, procedemos à nova intervenção cirúrgica para desfazer a colostomia, fechando as incisões do ventre."

A operação, segundo esclareceu o médico, foi realizada por conhecido cirurgião, na sua presença, em um grande hospital de S. Paulo. Constatou-se não haver nenhum tumor no abdômen da paciente, existindo apenas fibrose. O intestino foi religado, voltando a funcionar normalmente. Essa operação foi praticada em setembro do ano passado. Até o momento (1966), ou seja, onze meses depois, a paciente nada mais sofreu. Está curada, pesando sessenta e dois quilos.

A exposição do médico Hortêncio de Medeiros, além de apresentarmos um caso positivo de cura do câncer em estado desesperador, estando a doente desenganada pelos especialistas, coloca-nos novamente diante do problema do "receituário absurdo" de Arigó. E o que é mais curioso, os medicamentos constantes da primeira receita que Arigó deu à paciente incidem na crítica formulada ao receituário do sensitivo pelo médico Ary Lex.

Diante disso e sem mencionarmos a crítica, perguntamos ao médico Hortêncio de Medeiros se a aplicação da Kanamicina em alta dosagem não era condenável. Respondeu-nos o médico que esse antibiótico foi condenado por muitos médicos, pouco depois do seu lançamento, por ter provocado alguns casos de surdez. Arigó, entretanto, o vem receitando em quantidade com bons resultados.

— "Trata-se de um medicamento japonês — disse o médico — e já tive oportunidade de observar que a sua aplicação às vezes provoca reações assustadoras, mas passageiras. Acredito que a sua condenação foi precipitada, sem maiores observações. De qualquer maneira o fato é que Arigó, como no caso relatado, o aplica sempre com grande eficiência."

Interpelamo-lo também quanto ao Olobintin, sobre o qual incidiu a crítica, e o médico respondeu-nos que se trata de medicamento alemão, antigo, que teve a sua época e estava atualmente quase abandonado. Arigó praticamente restabeleceu o seu uso, pois o tem receitado em grande

quantidade. Acentuou o médico:

— "Parece-me que o caso do receituário, em Arigó, está nas mesmas condições do caso das intervenções. Ele usa processos diferentes dos adotados em nossa prática médica. Às vezes conjuga medicamentos recentes com outros quase fora de uso, e outras vezes prefere medicamentos de pouca saída, quase desconhecidos, como o Neurorubin, produzido por um pequeno laboratório. E às vezes, ainda, indica medicamentos recentíssimos, como fez com a Gabromicina quando não tinha sequer sido distribuída à propaganda."

Queremos chamar novamente a atenção dos leitores para o problema do absurdo no caso Arigó. É exatamente o absurdo que provoca as maiores reações contra o sensitivo e leva os especialistas a formularem as mais diversas hipóteses para explicar ou condenar os seus atos. Mas o absurdo é uma condição do paranormal, que se não fosse absurdo seria normal e não reclamaria nenhuma espécie de exame, não provocaria debates. Todo este depoimento nada mais é que uma exposição de fatos absurdos. Mas, se são fatos, o absurdo não estaria em nossa maneira de vê-los? O médico Hortêncio de Medeiros está pronto a nos responder com provas nas mãos.

IV

Cicatrização imediata

O depoimento que nos prestou o médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho abrange vários fenômenos. Dada a importância do caso de cura de câncer, relatado no capítulo anterior — o mesmo por ele apresentado em programa de televisão, segundo referimos anteriormente — separamo-lo do contexto, que agora completamos com os fatos referentes a outras classes de fenômenos.

A veracidade da fenomenologia paranormal produzida através do sensitivo de Congonhas do Campo é desnordeante, como se vê. Neste depoimento ressalta o caso de cicatrização imediata. Parece-nos que o fenômeno pode ser incluído na classificação psicocinética, ou tecnicamente *psikapa*, correspondente ao que se convencionou chamar de parapsicologia-objetiva, em correspondência com a metapsíquica-objetiva de Richet.

Em todos os fenômenos *psi*, como observa Rhine, devemos considerar a existência de uma polaridade, que consiste no seu aspecto subjetivo (percepção extrassensorial) e no seu aspecto objetivo (ação da mente sobre a matéria). Seja, portanto, a ação direta da mente do sensitivo sobre o campo operatório, o que nos parece menos provável, ou seja a ação dessa mente sobre a mente do operado, estará sempre em causa o processo psicocinético. Porque, de qualquer maneira, a própria mente do operado agiria de forma inusitada, e portanto paranormal, produzindo a cicatrização imediata.

O médico Hortêncio de Medeiros presenciou operações curiosas, e quando no-las relatava, um amigo que se encontrava presente sugeriu-nos: "Você podia dar a essa entrevista o título: Os cegos veem e os surdos ouvem." Realmente, o título servia. Mas tratemos primeiramente dos cegos.

Disse-nos o médico:

— "Um rapaz de cerca de vinte anos, que segundo o tio que o acompanhava era cego desde criança, apresentou-se a Arigó para ser curado. Tinha os olhos límpidos como se nada sofresse. Pude observá-lo à vontade. Encontrava-me a dois metros de distância do médium, em pé sobre um fogão, enquanto Arigó se preparava para operar, em pé sobre um lavatório. O doente se encontrava ao seu lado, de rosto virado para mim. Tudo em plena luz do dia, perante a multidão de pessoas que desejavam ser atendidas. Num relance, falando com seu sotaque alemão, Arigó introduz o bisturi entre o globo ocular e a parede da órbita. O doente não reagiu, não gemeu nem gritou, não tentou segurara mão do médium. Não se defendeu, enfim."

Perguntamos se Arigó havia praticado algum toque, tentando hipnotizar o paciente. O médico responde pela negativa e continua o relato:

— "Arigó, sem nenhum cuidado aparente, abaixou o globo com a alavanca do bisturi, de maneira que de onde me encontrava pude enxergar o fundo da órbita, embora nada pudesse divisar em virtude da distância. Girou o bisturi em torno do globo. Vi que o instrumento estava apenas sujo de secreções. O cego enquanto isso permanecia com o outro olho aberto e não apresentava na fisionomia qualquer sinal de dor."

Acentuando que tudo isso se passara com extrema rapidez e que o médium agia de maneira violenta, acentuou o médico Hortêncio de Medeiros:

— "Qualquer pessoa que agisse dessa maneira teria ferido o paciente. Mas Arigó nem sequer provocou sangue. E terminada a estranha operação num olho, imediatamente a repetiu no outro. Concluindo-a declarou que o cego estava curado e mandou-o embora. Conversei com o paciente e o tio. Fiquei sabendo que não se tratava de cego de nascença, mas de indivíduo que ficara cego em criança. Ignoravam-se os motivos. Mais tarde tive oportunidade de fazer experiências com o paciente, mostrando-lhe objetos a diferentes distâncias. Alguns objetos comuns ele não foi capaz de dizer o que eram, embora os visse, o que demonstrava realmente o seu estado anterior de cegueira. O tio e o paciente mostravam-se radiantes com a cura obtida."

Perguntamos pelo outro caso de cegueira, de vez que o médico nos

havia dito que assistira a duas curas dessa espécie.

— "O outro caso — respondeu o médico — era de catarata. Senti que não houvesse um oculista ao meu lado para acompanhar com segurança as duas operações. Ao contrário do que eu supunha, o caso de catarata foi operado mais rapidamente do que o anterior. Arigó procedeu com destreza incrível, manejando rapidamente o bisturi e fazendo uma espécie de raspagem. O doente, que não via, dali a pouco estava enxergando perfeitamente como pude verificar. E declarou não ter sentido dores, nem durante nem após a intervenção."

— "Um caso que também me pareceu bastante curioso — prossegue o médico — foi a cura de um surdo. Arigó, com as maneiras rudes que o caracterizam, introduziu uma pinça no ouvido do paciente em sondagem profunda. A pinça estava envolta em algodão, que saiu sujo de uma serosidade amarelada. Não houve extração de cera nem rompimento de tumor ou coisa semelhante. Tudo se passou com espantosa simplicidade e espontaneidade. Arigó, com o sotaque do Dr. Fritz, declarou que o paciente estava curado. E realmente estava. Passou a ouvir tudo com nitidez no mesmo instante."

Explicou o médico Hortêncio de Medeiros que fazia esse depoimento para ser fiel ao que observara. Na verdade desejava ver outras formas de operação ou de cura ligadas à sua especialidade. Embora isso não tivesse acontecido, considerava-se satisfeito com a cura de câncer relatada na primeira parte do seu depoimento e com essas demonstrações da capacidade do médium para operações de natureza paranormal.

— "Parece-me — acrescentou — que esses casos são suficientes para provar que Arigó é dotado de faculdades supranormais. Pretendo voltar a Congonhas para proceder a novas verificações. Pelo que tenho sabido através de informações de colegas, numerosos casos de minha especialidade foram diagnosticados, tratados e alguns deles curados pelo sensitivo. Referiram-me inclusive o caso de um colega daqui mesmo, de São Paulo, que lá chegando recebeu de pronto o diagnóstico do seu caso sem sequer ter falado com Arigó. Infelizmente ainda não pude apurar esse caso mas a informação me foi dada por colega que merece fé. Tudo isso me desperta cada vez mais interesse pela verificação de casos que digam respeito à minha especialidade."

— "Um dos fenômenos bastante curiosos e praticamente inexplicável que se passam com Arigó — prosseguiu o médico — é o de cicatrização imediata dos cortes operatórios. Afirmam os que assistiram suas primeiras intervenções que esses fenômenos eram frequentes. Hoje, pelo que pude observar e pelas informações que tenho, eles se tornaram raros. Apesar disso tive a oportunidade de assistir a um deles e a considero de importância fundamental para provar a natureza supranormal das atividades de Arigó."

Fizemos um pequeno parêntese para discutir o problema com o médico, lembrando que muitos o consideram impossível. Os casos de estigmatização, porém, e as ocorrências hipnóticas nesse sentido mostram que a cicatrização imediata é possível, desde que haja condições para a sua realização. A condição principal, ao que parece, é a presença de um indivíduo que possua faculdades paranormais ou a presença dessas faculdades no próprio paciente. O médico acentuou:

— "Arigó é dotado dessas faculdades. Vi-o, de bem perto, extrair um quisto sinovial do pulso de uma senhora. O médium seccionou o quisto, recortou tecidos profundamente com uma tesoura, procedeu à limpeza da ferida com extrema rapidez e por fim juntou as suas bordas e fechou-as, como num passe de mágica. Tudo nítido, bem visível diante dos meus olhos. No lugar da incisão ficara apenas uma leve cicatriz."

Os fatos aí estão, relatados corajosamente por um médico que os viu e não pretende sonégá-los ao conhecimento do público e dos interessados. Repetindo a atitude de Lombroso, quando o professor Chiaia lhe demonstrou a existência dos fenômenos que ele negava, o médico Hortêncio de Medeiros declara-se "escravo dos fatos." Disse-nos estar ciente de que a sua atitude lhe causa embaraços de toda a espécie. Não se importa com isso, pois não compreende como poderia esconder ou disfarçar o que viu, o que observou de perto. Quanto às interpretações ou explicações o médico preferiu não fazê-las. Aceita os fatos como fatos e pretende estudá-los, inteirando-se das pesquisas já realizadas por investigadores de renome em todas as partes do mundo.

A propósito do fechamento aparentemente mágico do corte para extração do quisto lembramos a observação do professor Robert Laidlaw, do Hospital Roosevelt, de Nova Iorque, em seu memorando que incluímos

no capítulo *Reconhecimento do Paranormal*. Esse memorando figura no índice deste volume. Laidlaw observa no item 6 do seu documento que: os tecidos de ambos os bordos da incisão foram imediatamente aproximados sem o uso de suturas.



Capa do livro *Arigó: o cirurgião da faca enferruja* de John G. Fuller
Editora Nova Época, 1974

V

Telediagnose e cura à distância

O médico Oswaldo Lidger Conrado, do Hospital do IAPC em São Paulo, especialista em cardiologia e moléstias do sistema nervoso, realizou uma viagem de estudos à URSS, visitou o Instituto Pavlov e fez observações demoradas sobre o desenvolvimento da medicina soviética. Apesar de seus conhecimentos neurológicos, não quis fazer qualquer interpretação dos fatos observados em Congonhas do Campo. Tem consultório à rua Barão de Itapetininga, em São Paulo. Declarou-nos ter ido à cidadezinha carismática por dois motivos: necessidade de procurar recursos para um amigo em estado desesperador e desejo de observar pessoalmente o sensitivo. Depois disso voltou várias vezes a Congonhas, prosseguindo em suas observações. Arigó o empolgou.

Os nomes dos pacientes serão omitidos, como temos feito, em atenção aos médicos. O Dr. Conrado, entretanto, responde pela veracidade dos casos, podendo fornecer elementos probatórios a quem desejar investigá-los, desde que em condições para isso. De nossa parte conversamos com os pacientes do Dr. Conrado, que confirmaram plenamente os fatos. Confirmação evidentemente desnecessária, mas exigida pelo próprio médico, inclusive para constataremos a situação mais recente dos pacientes que residem em São Paulo.

A novidade que este depoimento oferece é a ocorrência, precisa e verificada *a posteriori*, da telediagnose ou diagnóstico à distância, seguida de cura também à distância. Embora se trate de ocorrências frequentes com Arigó, representam novidade na série de depoimentos médicos que reunimos. No caso do Dr. Sergio Valle já verificamos caso semelhante. Mas o relato do Dr. Conrado coloca-nos diante de um sucesso mais preciso e até

mesmo dramático. Passemos às declarações do médico:

— "O primeiro caso que observei — disse-nos o médico — não foi de cura, mas de simples remissão de um processo canceroso bastante adiantado. A simples remissão, porém, apresenta aspectos muito importantes. Trata-se de um meu colega e co-estaduano, médico baiano, de setenta e dois anos de idade, pai de outro colega que o acompanhou a São Paulo. Câncer no assoalho da boca e câncer na laringe, com muitas dores e toda a sintomatologia característica. Médico e pai de médico, é evidente que teve, na Bahia, toda a assistência possível, sendo por fim desenganado. Daí a vinda a São Paulo, onde procurei socorrê-lo, encaminhando-o aos exames necessários. Deram-lhe aqui apenas dois meses de vida, excluía toda possibilidade de solução, inclusive paliativa: nem clínica, nem cirúrgica, nem fisioterápica, pois a aplicação do cobalto e da radioterapia já não teriam ação."

— "Diante dessa situação e da própria idade do paciente nossos recursos médicos estavam absolutamente esgotados. Nada havia a fazer. Mas o meu colega, filho do paciente, que atualmente se encontra em viagem de estudos na Europa (1966) mostrava-se desesperado e queria pelo menos encontrar um meio de aliviar o pai. Outro filho do paciente, engenheiro, mostrava-se também angustiado. Entendi que a oportunidade era excelente para uma visita a Congonhas do Campo e a propus ao colega, que concordou. Quando falham os recursos conhecidos é justo que se procure devassar o desconhecido. Quem não o faria para salvar um ente querido, uma pessoa amiga?"

— "Fomos a Belo Horizonte de avião, mas tivemos de deixar o paciente no Hotel Itatiaia, da capital mineira, pois o seu estado não nos permitia levá-lo até Congonhas. Procuramos Arigó, eu e o meu colega filho do paciente. Abordamo-lo na rua e Arigó nos tratou com desinteresse, até mesmo com rispidez. Conseguimos no outro dia que nos atendesse em sua casa pela manhã. Logo que entramos Arigó, que se achava sentado a uma mesa, concentrou-se e formulou o diagnóstico exato do paciente, com perfeita localização do câncer da boca e da laringe. Confesso que sofri um impacto. A seguir receitou, dizendo que o fazia porque o Dr. Fritz assim o queria."

— "Abreviarei o relato — prosseguiu o médico — declarando que,

feito uso da medicação e realizados os controles periódicos de sangue, o paciente obteve melhora acentuada com desaparecimento da cadeia ganglionar e cicatrização das lesões ulcerosas do assoalho da boca e da laringe. Esse estado de remissão se acentuou de tal maneira que deu ensejo ao paciente para ir pessoalmente a Congonhas, por três vezes, avistando-se com Arigó. As dores desapareceram e o estado geral melhorou sensivelmente. Os médicos do Hospital do Câncer de Salvador concederam-lhe um ano de "sobrevida", em condições razoáveis. Não voltou a usar sedativos. Há três meses estive na Bahia e verifiquei pessoalmente o seu estado. Seu filho médico pôde viajar para a Europa, despreocupado, o que bastaria para atestar o resultado da terapêutica de Arigó num caso em que não havia mais qualquer possibilidade de recursos."

— "Outro caso que me impressionou — contou-nos o médico — posso considerá-lo como de cura do câncer. Tratava-se de uma paciente, senhora de cerca de trinta anos, casada, residente nesta capital. Câncer do útero com invasão da bexiga. Esgotados todos os nossos recursos, levei-a de avião a Congonhas. Os motivos eram os mesmos: queria salvar a mulher, se possível, ou pelo menos melhorar a sua dolorosa situação e ao mesmo tempo observar melhor a ação do sensitivo. Entrei com a paciente e o marido na casa de Arigó, já cheia de populares, e ficamos ao lado da porta. Quando o sensitivo entrou, encarou a doente, tomou um papel e escreveu: 'Câncer do útero; já foi operada.' Passou-me o papel e aproximando-se da paciente tirou-lhe o lenço que lhe envolvia a cabeça, perguntando-lhe: 'Por que tomou esse remédio?' A paciente havia tomado Endoxan e os cabelos haviam caído. Eu ignorava isso."

— "Sem dar maior importância ao caso, Arigó receitou e nos mandou embora. Tomada a medicação a paciente reagiu de maneira rápida. Desapareceu toda a sintomatologia, seu estado geral atingiu a normalidade. Em pouco tempo engordou dezesseis quilos. Posso dar-lhe o endereço para que faça a verificação pessoal do seu estado atual."

Podemos informar que a paciente se considera curada, afirmando que já engordou mais do que o índice mencionado pelo médico. Dispôs-se até mesmo a nos autorizar a publicação do seu nome e endereço, o que não fazemos por motivos óbvios.

Entre os vários casos referidos pelo médico Oswaldo Conrado figura

o de um seu próprio irmão, senhor de cinquenta anos de idade, com quem já havíamos conversado, antes da entrevista. Caso de delírio místico provocado por complicações fisiológicas. O paciente caiu em estado de coma, em que permaneceu por 48 horas. Foi desenganado pelo médico assistente em Salvador, que telefonou ao irmão nesta capital, dizendo-lhe: "Tome um avião e venha urgente, pois seu irmão não passará das nove horas da noite de hoje." Os exames acusavam 4 gramas de ureia e 5,2 de creatinina.

Diante de nova situação desesperada o médico Oswaldo Conrado resolveu apelar novamente para Arigó. Telefonou-lhe desta capital. Arigó atendeu o telefonema e respondeu: "Não posso fazer nada. É Deus quem faz."

A seguir pediu o endereço do paciente. No dia seguinte o médico obteve ligação telefônica com Salvador e foi informado pelo médico de plantão, com surpresa, de que o seu irmão estava lúcido. A crise havia sido superada. O médico pediu nova ligação para Arigó e este lhe respondeu: "Dr. Fritz esteve lá e manda lhe dizer que seu irmão estará em São Paulo dentro de poucos dias." O médico não acreditou na vinda do irmão.

Apesar dos pesares, e como precisava viajar para Curitiba, o médico estabeleceu nova comunicação com a Bahia fazendo sentir a inconveniência da viagem do irmão, que realmente já estava programada. Quinze dias depois um seu cunhado telefona de Salvador informando que o paciente viria de avião. Preocupado, o médico dirigiu-se à empresa de aviação e conseguiu sustar a viagem do irmão. Tranquilo, seguiu para Curitiba. Lá chegando, porém, recebeu a notícia de que o irmão se encontrava em São Paulo. Tinha vindo por outra linha e aqui se encontra no momento, em bom estado de saúde. (1966.)

O médico Oswaldo Conrado não nos deu nenhuma interpretação desses casos, nenhuma explicação teórica, mas acentuou:

— "Penso que se nós, médicos, tivéssemos a possibilidade de abrir um campo novo de esperanças para os nossos doentes, isso seria maravilhoso. Quando estou diante de um caso desesperador, em que os nossos recursos já nada mais podem fazer, não tenho dúvida em apelar para outros caminhos. Não é justo e humano que assim se faça?"

Depois de uma pausa em que parecia pensar numa solução para os

conflitos da sua profissão, acrescentou:

— "A verdade não deve ser escondida. Aí estão os fatos, na simplicidade e naturalidade com que se passaram. Diante deles acho que seria necessária a organização de uma comissão de cientistas, destituídos de propósitos secundários, de preconceitos de qualquer espécie e voltados para o interesse da humanidade, para estudar o caso Arigó. Estamos diante de uma oportunidade para a descoberta, talvez, de novos e efficientíssimos recursos terapêuticos que esse caso enseja, como acabamos de ver."

Devemos acentuar que os casos relatados pelo médico Oswaldo Lidger Conrado, com a sua responsabilidade profissional, demonstram a existência dos fenômenos de percepção extrassensorial em Arigó, permitindo ao sensitivo a diagnose à distância e também os fenômenos de precognição, como no caso da vinda do irmão do médico a São Paulo, e de psicocinesia ou ação psíquica sobre a matéria, no caso de cura do paciente à distância. A esses fenômenos, deve-se ainda juntar a xenoglossia (uso de línguas estranhas) pois Arigó, como sempre, continuava pronunciando frases em alemão e falando com sotaque alemão, quando em português.

O caso de cura à distância do irmão do médico, chega mesmo a oferecer contribuição importante para a solução de um dos problemas mais apaixonantes da Parapsicologia: o debate sobre os fenômenos de precognição e psicocinesia, considerados por vários autores como duas formas de interpretação de um fenômeno único. A psicocinesia é a ação da mente sobre objetos materiais e a precognição a previsão exata de acontecimentos futuros. Procura-se explicar a psicocinesia pela precognição. Quer dizer: o que se toma por ação da mente sobre objetos nada mais seria do que uma previsão realizada. Mas também se pretende que o verdadeiro seja o contrário.

O biólogo C. B. Nash, por exemplo, defende a primeira dessas teses, no que foi contraditado por um experimento bem sucedido do psicólogo R. H. Thoules, da Universidade de Cambridge. O professor Rhine (*New World of the Mind*) considera decisiva a prova experimental de Thoules. No caso acima, relatado pelo médico Oswaldo Conrado, a precognição estava praticamente afastada, pois o curso fatal da doença excluía qualquer hipótese de melhora, quanto mais de cura. A ação de Arigó sobre o doente, através da mente, e portanto a psicocinesia, seria a única hipótese

aceitável. Fazemos esta anotação para acentuar a importância do depoimento do médico Oswaldo Conrado numa apreciação científica do caso Arigó.



Zé Arigó em frente à sua casa

V

Arigó: indivíduo metergético

O depoimento abaixo é de uma especialista em psiquiatria, há muitos anos interessada nos problemas da fenomenologia paranormal. Não se trata, por isso mesmo, apenas de relato dos fatos, mas também de interpretação. A especialista observou Arigó, assistiu operações e as descreve. Foi a Congonhas para verificar a existência ou não dos fenômenos. Verificou-a, avaliou os fenômenos e ofereceu-nos o seu duplo depoimento, relatando os fatos e interpretando-os segundo as conclusões científicas a que pôde chegar no estudo do assunto, ao longo de mais de vinte anos.

Deixamos bem claro, desde o início, que temos a nossa interpretação pessoal. Não concordamos com a explicação materialista da nossa ilustre entrevistada. Rendemos, porém, a nossa homenagem ao seu amor pela verdade, a essa coragem que revela de enfrentar os fatos de maneira científica, investigando-os e propondo-lhes explicações em vez de escapar pelas vias fáceis da negação. Com este depoimento são dois os psiquiatras materialistas que sustentam a realidade dos fenômenos, dando-lhes explicações diferentes. Um é o médico João Bellini Burza; outro, a entrevistada.

Estes depoimentos revelam a existência de numerosos testemunhos médicos das ocorrências paranormais de Congonhas do Campo. Esses testemunhos não são apenas de "honestos e sinceros cientistas adeptos do espiritualismo", como quiseram fazer crer os autores de uma série de artigos pseudocientíficos contra Arigó, mas de observadores honestos e responsáveis, pertencentes a diversas tendências, espiritualistas e materialistas. No depoimento abaixo, como nos anteriores, os fatos

novamente se comprovam.

E a comprovação é tanto mais valiosa quanto realizada por uma psiquiatra materialista, experimentada no trato do problema, sem compromissos de ordem religiosa, o que não ocorre com os detratores do sensitivo.

Em fevereiro deste ano a doutora Maria de Lourdes Pedroso apresentou e defendeu, no VII Congresso da Aliança Pan-americana de Médicos, realizado em Manizares, na Colômbia, uma tese intitulada *Psicose e Metapsicose*. Expunha de maneira resumida as conclusões a que havia chegado, após vinte e um anos de clínica psiquiátrica no Rio e São Paulo, a respeito da fenomenologia paranormal e suas relações com os fenômenos de anormalidade psíquica. Pouco depois, regressando ao Brasil, a autora seguia para Congonhas do Campo e observava de perto o caso Arigó.

Ex-assistente da Cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, então regida pelo professor Walter Lutz, a professora Maria de Lourdes Pedroso é atualmente médica-psiquiatra do Hospital Municipal de São Paulo. Tem participado de numerosos congressos no exterior e ainda no ano de 1962 regressou do México, onde participou da representação brasileira ao Congresso Mundial da Federação Internacional de Mulheres Universitárias. Em 1945 participou de congressos médicos em Havana e New York, realizou estudos sobre problemas da mulher universitária nos Estados Unidos, fez um curso nesse país sobre organização feminina de guerra e adaptou suas técnicas ao Brasil, tendo sido a autora dos primeiros trabalhos para organização feminina de defesa bélica no Brasil e de organização de polícia feminina em São Paulo. Realizou também junto à Secretaria da Segurança Pública, estudos sobre o problema da prostituição em suas implicações psiquiátricas.

Por esses rápidos dados os leitores podem avaliar o currículo de atividade científica da nossa entrevistada. Mas devemos ainda acrescentar que ela exerce atualmente o cargo de presidente da União Universitária Feminina de São Paulo, de vice-presidente da Aliança Pan-americana de Médicas no Brasil e de presidente da Associação Nacional de Educação Feminina (1966). Esclarecida a sua posição, passemos ao depoimento sobre os fenômenos que observou em Congonhas do Campo.

— "Quando cheguei à casa de Arigó — declarou-nos a psiquiatra — havia umas cinquenta pessoas a sua espera. Não me identifiquei. Logo mais, Arigó chegava. Encarou-me, fez um doente sentar-se para operá-lo e continuou encarando-me. De repente exclamou: 'Quem for médico que se aproxime!' Não me movi. Arigó repetiu a exclamação e como permaneci impassível, apontou-me com o dedo: 'Doutora, aproxime-se. Venha ver de perto'.

— "Aproximei-me e assisti a uma operação de pterígio realizada com tesoura cirúrgica, mas em golpes violentos, sem nenhuma técnica. A tesoura não cortava. Não fora feita anestesia nem assepsia de espécie alguma. Tive receio de que os golpes violentos ferissem o olho do paciente e pensei: 'Não haverá um instrumento que corte?' Na mesma hora Arigó pediu outro instrumento e lhe deram um bisturi. O médium cortou, verificando-se intensa hemorragia. (Uso o termo *médium* — explicou a psiquiatra — no sentido psicorrágico). O sangue escorreu pelo rosto do paciente e pensei que lhe encharcaria a camisa. No mesmo instante o sangue estagnou, precisamente na curva do maxilar, quando devia descer pelo pescoço. Arigó fez parar a hemorragia com algodão, e mandou um auxiliar tapar o olho do paciente com algodão e esparadrapo. A seguir, limpou o bisturi na blusa de uma moça. O bisturi ficou limpo, mas a blusa não ficou suja. Pude verificar de perto todos esses fatos que foram suficientes para me demonstrar as faculdades metérgicas de Arigó. Fiquei satisfeita, pois era evidente que não perdera a viagem."

— "A segunda operação que assisti — prossegue a psiquiatra — foi de sinusite. Sem anestesia nem assepsia e, como a anterior, sem hipnose ou toques de qualquer espécie. Arigó produziu a introdução do bisturi na arcada subciliar, parte interna, com violência, atingindo certamente o solo do seio frontal. Escorreu sangue purulento pela lâmina. Arigó declarou que o nervo ótico do paciente havia sido atingido pela infecção. A seguir repetiu a penetração do bisturi no outro olho, não encontrando infecção. Declarou que o olho esquerdo, de que saíra sangue e pus, estava perdido, não sendo possível recuperá-lo. Essa declaração mostrava a incapacidade de Arigó para a recuperação de órgãos afetados e ao mesmo tempo um dos limites das suas faculdades metérgicas. Porque há indivíduos possuidores dessas faculdades que produzem a recuperação."

— "Quando Arigó iniciou as consultas entrei na fila de consulentes para prosseguir minhas observações. Nesse momento uma senhora que eu vira entre o povo e para a qual diagnosticara câncer, em virtude de sua aparência, saía da fila. Arigó chamou a filha da mulher e advertiu-a de que o caso era perdido, pois dentro de três meses ela morreria vitimada pelo câncer. A filha confirmou o diagnóstico, já feito anteriormente por médicos do Rio. Aproximei-me do médium. Ele escrevia numa pequena mesa, com um altarzinho ao lado, com santos e velas. Falava com sotaque alemão. Disse-lhe que eu tinha rinite. Arigó perguntou se eu sabia que era alérgica, tratando do caso como entendido. Receitou, ou melhor, indicou medicamentos de laboratórios, pois não assinava os papéis. Verifiquei que dispunha de grande quantidade de amostras de laboratórios para distribuir aos doentes. Embora não se tratasse propriamente de receituário, mas de simples indicação de preparados farmacêuticos, devo declarar que não concordo com esse processo. Os indivíduos metergéticos, segundo penso, devem exercer suas faculdades sem o uso de remédio."

Insistimos na pergunta: "Considera reais os fenômenos de Congonhas do Campo? Arigó é um indivíduo metergético?" A psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso respondeu-nos o seguinte.

— "A existência das manifestações metergéticas é uma realidade histórica e por isso mesmo não pode ser negada. Elas sempre existiram, verificando-se a sua ocorrência em determinados indivíduos. Costumo citar como o indivíduo metergético que mais se destacou na História o próprio Cristo. Suas faculdades eram intensas e produziram tantos resultados que serviram para fundamentar todo um movimento de transformação do mundo. Bastaria isso para nos mostrar a importância do problema. Vivemos hoje numa civilização que procede, em seus princípios fundamentais, da ocorrência de manifestações metergéticas na Palestina. No caso Arigó, como já relatei, a evidência dessas manifestações é incontestável."

— "A comprovação dos fatores que produzem essas manifestações — prosseguiu a psiquiatra — é ainda difícil. Na minha tese ao Congresso de Manizares, na Colômbia, acentuei que a Ciência oficial ainda não reconheceu esses fenômenos, embora numerosos, porque, apesar de estudados há muitos anos por fisiologistas, psiquiatras e psicanalistas de

grande renome, como Richet, Janet, Freud e outros, não se encontrou no ser vivo um *substratum* orgânico que pudesse ser considerado como centro de origem dessas manifestações. Podemos verificar na bibliografia especializada, que é admitida a existência de um elemento supranormal não localizado, em todos os seres vivos. Esse elemento, sempre em estado latente ou estático, manifesta-se em pequeno número de pessoas, espontaneamente ou quando provocado. A repetição frequente das manifestações denomina-se psicorragia e a pessoa em que elas se verificam é chamada de *médium*."

Acentuando que a palavra *médium*, por significar simplesmente "intermediário", pode servir perfeitamente no caso das pessoas que dão vazão a manifestações psicorrágicas, a psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso explicou:

— "A cirurgia de guerra comprovou que as mutilações, em dois terços da superfície da massa encefálica ou do córtex cerebral, não causam perda de função orgânica. Há portanto uma grande zona muda do cérebro em que poderá encontrar-se o centro das manifestações metérgicas. As células nervosas não são inerentes, mas aderentes às fibrilas e estas agem como acumuladores e distribuidores de energia potencial. As suas ramificações são descontínuas. Entre os átomos agem forças elétricas e magnéticas. Os elementos cósmicos e geológicos têm ação benéfica ou maléfica sobre o ser vivo, porque afetam o protoplasma dos elementos nervosos de maneiras diversas (por coesão, por eletividade ou por pressão) determinando efeitos mecanismo da estrutura dos elementos nervosos, que é a base fisiológica das associações intrínsecas e por tanto dos fenômenos psíquicos, conscientes ou inconscientes. Tudo isso me leva a reformular a pergunta da minha tese: Não poderão ser explicados por este mecanismo os fenômenos metapsíquicos?"

A psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso declarou-nos ainda estar grandemente interessada no estudo das possibilidades abertas pela investigação das radiações cósmicas para o esclarecimento de problemas ainda obscuros do sistema neurofisiológico. Entende que as investigações modernas nesse sentido podem auxiliar o estudo dos fenômenos metapsíquicos. A verificação das influências de origem cósmica, feitas através de aparelhos especiais, deve conjugar-se, porém, com a das

influências mesológicas. E acentuou:

— "Há todo um complexo de fatores a ser estudado. Verifiquei, por exemplo, na minha clínica, que quase 90% dos doentes revelam-se portadores de processos infecciosos. O pus das amídalas, por exemplo, deglutido pelos doentes, acaba provocando anomalias nas funções cerebrais. Temos então fatores externos e internos. Nos externos merecem especial atenção os mesológicos. No caso Arigó poderíamos perguntar se as condições geológicas da zona de minérios em que ele nasceu, cresceu e vive, não exercem influência no processo de suas manifestações metergéticas."

Concluindo declarou a psiquiatra que é inteiramente favorável à ação dos indivíduos metergéticos, desde que controlados por comissões médicas nomeadas pelo Ministério da Saúde. Ao lado da medicina universitária, esses indivíduos exerceriam uma medicina popular sem receituário, operando curas através de suas faculdades supranormais. Acrescentou que não considera essas faculdades como manifestações mórbidas, fazendo perfeita divisão entre psicose e qualidades psicorrágicas. Entende que as investigações parapsicológicas são interessantes mas devem ser conjugadas com o estudo das influências cósmicas e mesológicas sobre o sistema nervoso.



VI

Telecinesia cirúrgica

Enquanto psicocinesia é a ação da mente sobre a matéria, sem intermediários, pelo menos aparentemente, a telecinesia é a mesma ação através de um elemento fisiológico que Richet denominou *ectoplasma*. As investigações da Parapsicologia, extremamente rigorosas, restringem-se a psicocinesia, estudada em efeitos mínimos, por serem os mais controláveis. A Metapsíquica foi mais longe com seu método de investigação qualitativa, chegando o professor Crawford, da Universidade de Belfast, na Irlanda do Norte, catedrático de Mecânica aplicada, a publicar trabalhos sobre a mecânica do fenômeno. Richet adotou a teoria da alavanca psíquica de Crawford, integrando-a no *Traité de Metapsychique*.

Reunimos neste capítulo dois depoimentos médicos, um sobre os exames a ponta de faca e casos bastante expressivos de diagnóstico e outro sobre fenômenos de telecinesia cirúrgica. É o médico Ladeira Marques, do Rio de Janeiro, quem nos proporciona esse depoimento através de um livro de sua autoria e de entrevista concedida à imprensa paulista. Pela primeira vez nos depoimentos médicos sobre Arigó surge este fenômeno, descrito de maneira viva e impressionante. Para as pessoas não relacionadas com os estudos da fenomenologia paranormal a descrição do médico parecerá fantástica. As que já se familiarizaram com esses estudos conhecem absurdos maiores.

Encerramos aqui a série de depoimentos médicos. Não pudemos ouvir numerosos especialistas do Rio, de S. Paulo, de Salvador e de outros centros universitários, mas os testemunhos que reunimos são do mais alto valor. Além dos testemunhos há o documentário fotográfico e cinematográfico. O repórter Moacyr Jorge não pôde publicar numerosas fotografias por serem de intervenções cirúrgicas melindrosas, realizadas

em órgãos genitais. O documentário cinematográfico, embora mais pobre, é também valioso. Coube ao escritor Jorge Rizzini realizar as primeiras filmagens sobre Arigó: um filme sobre o médium e o seu pequeno mundo em Congonhas e outro sobre as operações, que foi largamente exibida em S. Paulo e outros Estados, projetado na televisão e por fim levado ao exterior. A convite do Colégio Argentino de Parapsicologia, presidido pelo engenheiro e parapsicólogo professor José S. Fernandez, catedrático das Universidades de Buenos Aires e Mar Del Plata, o filme foi exibido nas duas cidades mencionadas, despertando grande interesse. "Jorge Rizzini recebeu convites também, para exibir o filme na Inglaterra, nos Estados Unidos e em Portugal. Em 1970 exibiu-o nos dois países europeus mencionados e visitou também a Espanha, a Suíça a Alemanha e a França. Quanto aos Estados Unidos já mencionamos suas atividades.

Depois dessas filmagens de Rizzini verificaram-se outras: a dos *Diários Associados*, levada à televisão; um pequeno filme existente no Rio de Janeiro e um filme de longa-metragem para duas horas de projeção ininterrupta, realizado por um cidadão de Santa Catarina. este último filme foi exibido em Congonhas do Campo e Arigó desmaiou ao assisti-lo. "Por ordem do Dr. Fritz" foi guardado para posteriores projeções, "na hora oportuna."

Segundo informações que colhemos pessoalmente em Congonhas, trata-se de um filme impressionante que focaliza delicadas e complicadas intervenções cirúrgicas. Rizzini realizou também um filme dessa proporção. É simplesmente temerário, como já tivemos ocasião de acentuar, querer negar a existência dos fenômenos. E é anticientífico pretender atribuí-los a uma possível paranoia de Arigó ou coisa semelhante. Amplamente testemunhados por médicos especialistas, por jornalistas, escritores, intelectuais diversos, políticos de nomeada e pelos beneficiários de Arigó, ao longo de vinte anos de atividades paranormais, os fenômenos de Congonhas do Campo não podem ser negados ou deturpados como pretenderam fazê-lo.

Se não se realizou a verificação científica do caso por comissões especializadas, existe a constatação individual efetuada por vários homens de ciência, os depoimentos de médicos no processo judicial movido contra o médium em 1958, os depoimentos que reunimos nesta série, os casos

concretos de cura comprovada, que também registramos, e toda a documentação fotográfica e cinematográfica. Negar as qualidades paranormais de Arigó é ato de simples obstinação. Posteriormente surgiram as pesquisas norte-americanas, de que se conhecem alguns resultados parciais. Trataremos delas em próximo trabalho.

Podemos criticar Arigó, fazer restrições às suas atividades como o fizeram alguns médicos, em seus depoimentos. Mas não podemos negar as suas faculdades nem lhe atribuir segundas intenções. Um dos médicos paulistas que esteve em Congonhas e privou com Arigó em transe e no seu estado normal, passeou com ele pelas ruas de Congonhas e observou as suas atividades, foi o doutor Elias Boainain, do Instituto de Cardiologia do Estado, especialista em radioscopia e eletrocardiografia, com consultório à rua Araújo, nesta capital. Quisemos ouvi-lo a respeito e vamos sintetizar as suas declarações.

— "Estive em Congonhas no mês de fevereiro de 1962 — declarou-nos o médico — e como Arigó já havia deixado de operar, nada vi nesse sentido. Não obstante assisti aos seus famosos exames bem como ao seu receituário. Um médico de Taubaté, cujo nome não guardei, estava ao meu lado. Arigó me pareceu, de início, um caso de simples charlatanice. Confesso que eu estava prevenido, não acreditava no que se contava a seu respeito. Falando com sotaque alemão, o sensitivo realizou exames em várias pessoas. Numa delas introduziu simultaneamente, num só olho, a faca e o bisturi, deixando-os pendurados entre o globo ocular e a pálpebra. Fez-me segurar a lâmpada para clarear o rosto dos pacientes, mas como voltava o rosto para outro lado e continuava operando, larguei a lâmpada e ele não reclamou. Reconheci que não havia assepsia, que os doentes não acusavam dor, que não havia anestesia e Arigó não praticava a hipnose nem toques letárgicos, mas, apesar disso, o meu espírito crítico não desfaleceu."

— "Quando se iniciaram as consultas presenciei alguns casos que me perturbaram. Um senhor, por exemplo, de cerca de cinquenta anos, disse que sofria de úlcera no estômago. Arigó o corrigiu afirmando que se tratava de úlcera no duodeno. Ora, este tipo de ulceração é mais comum nos jovens. Mas acontece que o homem já havia tirado radiografia e Arigó era quem estava com a razão. Outro senhor de cerca de sessenta anos

protestou quando Arigó lhe disse: 'A sua doença é na próstata'. O sensitivo lhe respondeu, com sotaque alemão: 'Vai, brasileiro burro, e toma o remédio'. O paciente afirmava que havia extraído a próstata. Arigó declarou-me que ele tinha câncer e pensava que haviam feito a extração. Vi, depois, as provas do caso, os resultados de exames. Arigó estava certo."

— "Um rapaz de cerca de trinta anos foi levado pelos pais em cadeira de rodas. Arigó me perguntou o que ele tinha. Respondi que o caso não era de minha especialidade. 'Então pense o que acha que ele tem', me disse o sensitivo. Pensei; 'Paralisia geral progressiva'. Arigó confirmou em voz alta. Logo depois verifiquei a exatidão do diagnóstico pelas provas de exames do líquido cefalorraquiano. E outros casos como esses ocorreram, demonstrando-me de maneira inegável as faculdades paranormais de Arigó."

— "Apesar disso — concluiu o médico — faço restrições às atividades de Arigó e à maneira por que ele vem sendo encarado. Considero o seu receituário absurdo e acho que a porcentagem de curas produzidas por esse receituário é diminuta. Entendo que Arigó não devia receitar, mas usar as suas faculdades paranormais em condições de maior controle para a produção de fenômenos que pudessem ser observados com segurança. Acho também que os espiritistas fazem demasiado alarde do caso Arigó, complicando a situação conflitiva do sensitivo. Mas afirmo sem medo de errar e contrariando minhas impressões iniciais, que Arigó é realmente um indivíduo dotado de acentuadas faculdades paranormais."

Depoimento dos mais valiosos é o que já referimos, do médico Ladeira Marques que esteve várias vezes em Congonhas no tempo em que Arigó operava livremente. Entre os diversos casos por ele relatados consta uma operação uterina realizada com tesouras e bisturis. Arigó perguntou ao marido da paciente, diante do médico e de um seu amigo, se queria a intervenção por via baixa ou abdominal. Escolhida a primeira, introduziu por aquela via, sem auxílio de espelho, de maneira brusca, três tesouras e dois bisturis, "sendo cada instrumento introduzido de um só golpe."

— "O ramo de uma das tesouras era ainda mantido pela mão do médium — afirma o médico quando, com grande surpresa nossa, o outro ramo, automaticamente, sem nenhuma intervenção visível, passou a se movimentar, aproximando-se e afastando-se do primeiro, como ocorre no

ato de seccionar um objeto. Procuramos verificar se o movimento que presenciávamos na tesoura estendia-se às outras peças do instrumental cirúrgico empregado na operação, e nada pudemos observar, ouvindo-se, no entanto, o barulho de entrecchoque de metais e o ruído de seccionamento dos tecidos."

Continuando seu relato escreve o médico que Arigó, falando como Dr. Fritz, retirou os instrumentos e fez cessar a hemorragia. Pensou o médico que se tratasse de histeroectomia (extração do útero), mas verificou, depois tratar-se de neoplasia (operação de tumor uterino). Vejamos a própria descrição do médico:

— "Tomando então de uma pinça, Arigó recomendou-nos que prestássemos atenção e introduzindo-a no local da intervenção retirou um pedaço de tecidos com cerca de oito centímetros de comprimento por quatro de largura, sendo este mostrado a todas as pessoas presentes."

Tanto no livro de sua autoria, que já citamos, quanto na entrevista que concedeu ao repórter Moacyr Jorge e publicada no *Diário de S. Paulo*, o médico Ladeira Marques relata esse fato, bem como uma operação de catarata com extração do cristalino. Aliás, desta última operação há documentário fotográfico e cinematográfico nos arquivos dos "Diários Associados", que os divulgaram através da imprensa e da televisão.

VIII

Balanço do caso Arigó

O Balanço que podemos fazer, para encerrar este livro, é naturalmente parcial. Refere-se apenas ao que pudemos ver e ouvir, ou seja, ao que pudemos observar pessoalmente em Congonhas e colher nos depoimentos médicos. Estes, por sua vez, são bem limitados. Além de não termos podido ouvir a maioria dos que estiveram em Congonhas, perdemos a fase mais produtiva do caso, da qual o testemunho do médico Ladeira Marques pôde dar-nos uma ideia. Temos, pois, consciência das nossas limitações. Mas assim mesmo o nosso balanço oferecerá resultados significativos, senão no sentido matemático do termo empregado nas avaliações estatísticas da Parapsicologia, pelo menos no sentido psicológico proposto por Ehrenwald para os casos telepáticos nos processos psicoterápicos.

Antes de passarmos ao balanço que se constitui de três peças, uma referente aos fenômenos, outra às operações e outra aos casos de cura, acentuemos alguns pontos que nos parecem importantes. Primeiro, o que acima referimos, sobre a fase inicial dos fenômenos. É a que podemos chamar idade de ouro do caso Arigó. Corresponde aos primeiros anos de atividade do sensitivo, livre das perseguições que posteriormente lhe moveram. A observação era então mais fácil e por isso até mesmo os fenômenos mais complexos, como a operação de útero com telecinesia cirúrgica, podiam ser vistos, fotografados e cinematografados. Sabemos que existe documentação cinematográfica de casos dessa categoria, mas até ela permanece oculta por motivos óbvios, quando o médium se acha sob a ameaça de processos criminais.

Tratando Arigó com a leviandade de quem não entende do assunto,

um cronista escreveu há tempos que dentro de alguns anos ele não mais produziria os seus milagres, caindo no esquecimento como aconteceu com outros milagreiros. Esse é o fim normal de todas as atividades, inclusive a do cronista. Um sensitivo se esgota, como se esgota um pensador. Mas o fato mesmo de esgotar-se prova a existência anterior dos seus poderes. E no caso Arigó existe, como dissemos, todo o documentário foto e cinematográfico para atestar a qualquer momento o seu passado. A advertência irônica, da cronista, entretanto, serve para nos lembrar que Arigó já exerce suas faculdades há vinte anos de maneira intensa, sem o necessário controle nem a assistência que os casos desta natureza requerem. Pelo contrário, o exercício de suas melindrosas faculdades é feito num ambiente hostil, sob o constante bombardeio de calúnias, ironias, acusações absurdas, ameaças de prisão, tentativas de exploração e assim por diante.

Demonstramos em capítulo anterior que o caso Arigó não é único, mas pertence a uma fase de eclosão de nova categoria de faculdades paranormais terapêuticas naquilo que podemos chamar de medicina popular brasileira. A indiferença nacional para esse problema decorre em grande parte de um complexo cultural de inferioridade. Enquanto em países vizinhos, como a Argentina, fundam-se Institutos de Parapsicologia e publica-se farta literatura a respeito, com livros nacionais e traduzidos, no Brasil procuramos fugir do terreno perigoso. Somente agora, graças ao caso Arigó, despertamos lentamente, com arrepios de medo em largas áreas universitárias, para a compreensão de que está raiando uma nova era mundial com referência a esses problemas. Alguns professores só concordaram em levar a sério o assunto, quando nossos jornais começaram a publicar notícias telegráficas de pesquisas realizadas na Rússia. O preconceito físico de que fala Rhine ameaça-nos no plano cultural com a mesma força do dogma do Inferno no misticismo popular.

Vinte anos já perdemos. Arigó envelhece. Suas forças começarão a declinar e suas faculdades paranormais também irão se esvaindo. Linda Gazzera, grande médium italiana que serviu para as famosas experiências de Richet e Imoda sobre ideoplastia, veio morar em São Paulo no fim da vida e nada mais produzia. Os sensitivos se esgotam, porque essa é a lei do nosso mundo. Mas no caso Arigó ainda há muito que fazer. Ele conta

atualmente 54 anos de idade (1970). Se conseguíssemos evitar que as perseguições continuassem, assegurar-lhe um pouco de tranquilidade, cercá-lo de carinho e compreensão, oferecer-lhe condições para o exercício controlado de suas faculdades, muito poderíamos obter. É tempo ainda de salvarmos Arigó, de não o deixarmos entregue apenas a si mesmo frente à dupla hostilidade dos que dele tudo exigem e dos que o acusam e ameaçam. Bastaria para isso um pouco mais de arejamento mental. Bastaria acertarmos o nosso passo com o mundo.

Chegou-se a dizer que Arigó não quer submeter-se a experiências científicas. Podemos afirmar que não é verdade. Arigó nos disse pessoalmente que ele e o Dr. Fritz estão prontos para isso. Mas é evidente que não podem fazê-lo sem as garantias necessárias. Primeiro a certeza de que essas experiências não irão servir para aumentar a carga jurídica contra o médium. Depois a certeza de que os experimentadores agirão cientificamente e não levados por interesses ou paixões de ordem secundária. E, por último, a certeza, que é a mais difícil, da categoria científica dos experimentadores. Como obtê-la entre nós, se nem sequer pensamos em estudar Parapsicologia a sério, enquanto na Europa e nos Estados Unidos as Universidades conferem grau de doutoramento na matéria?

Precisamos criar urgentemente um novo clima mental no país, a respeito destes problemas. Seria bom começarmos pelas medidas que ainda podem salvar Arigó. Essas medidas fariam naturalmente que outros sensitivos, hoje ocultos numa justa atitude de autodefesa, também aparecessem. O problema, como bem o disse o médico Oswaldo Lidger Conrado, é da maior importância. Trata-se de abrir uma nova perspectiva de esperança para os sofredores de males incuráveis, que são tantos e parecem aumentar na medida em que progride a orgulhosa medicina materialista. Deixemos de ser os botucudos da Ciência e avancemos em direção à civilização, sem receios infantis ou complexos de inibidos.

Feito este balanço geral da nossa impotência diante do caso Arigó passemos aos balanços parciais das nossas verificações. eles servirão para mostrar que a realidade das faculdades paranormais do sensitivo se impõe de maneira esmagadora, mesmo diante das nossas deficiências de observação e coleta de dados. Os relatos que apresentamos são de uma

clareza e uma coerência absolutas. Uns confirmam os outros, apesar das posições ideológicas diversas e às vezes contrárias dos observadores. E, por outro lado, a confirmação se prolonga no testemunho público irrefragável de milhares de beneficiados; nas reportagens de jornais e revistas; na consciência de altas figuras do poder, das finanças e das ciências também beneficiadas; no documentário fotográfico e cinematográfico.

Diante de tudo isso nossas cifras são bem miseráveis. Colhemos na concha das mãos um pouco da água revolta do oceano. Mas o que fazer, se nossas forças não davam para mais? Vá lá, pois, a contribuição da nossa impotência:

a) Balanço dos fenômenos

Fazendo um rápido balanço dos fenômenos relatados pelos médicos que ouvimos, chegamos a estas conclusões:

1. Arigó age em estado de transe, pronunciando frases em alemão e falando português com sotaque alemão. Condição verificada por nós e confirmada por todos os médicos que ouvimos, embora alguns não possam afirmar que as frases estranhas sejam exatamente de alemão por não conhecerem suficientemente essa língua.
2. Arigó age de maneira ríspida, não procurando agradar ninguém, nem mesmo os que declinam sua qualidade de médico. Não procura clientela e nem mostra desejo de conservá-la.
3. As intervenções — tanto as operações quanto os chamados *exames à ponta de faca* — são feitas sem anestesia, sem assepsia, sem qualquer cuidado pré-operatório, sem ação hipnótica, aplicação de técnica letárgica, de acupuntura, de kuatsu, sem instrumentos ou ambientes adequados. Os pacientes não acusam dor e se mostram conscientes durante o ato, respondendo a perguntas.
4. Os diagnósticos são feitos por meio extrassensorial, inclusive à distância. Aos pacientes presentes Arigó geralmente pergunta o que sofrem, mas receita enquanto falam e muitas vezes corrige os doentes. De outras vezes receita para uma moléstia corriqueira de

que o doente se queixa, mas acusa aos familiares e a outras pessoas a presença de câncer, realmente existente.

5. Os diagnósticos, as receitas e as operações são efetuados com extrema rapidez. O médico Ary Lex cronometrou a extração de um quisto sinovial realizado em trinta segundos. Verificamos pessoalmente no trabalho de consultas a média de uma receita por minuto.
6. Arigó deixa a faca ou o bisturi pendurado nos olhos do paciente, depois de enfiá-los entre o globo ocular e a pálpebra, na direção da arcada superciliar. Move a faca ou o bisturi na região ocular sem o menor cuidado, com violência, voltando o rosto para outro lado e sem provocar ferimentos. Produz com a faca a protrusão do globo ocular. Na presença do médico Elias Boainain deixou o bisturi e a faca pendurados, ao mesmo tempo, num único olho do paciente.
7. Arigó produz a hemostasia e a coagulação do sangue por meio de ordens verbais ou simples aplicação de pequenas mechas de algodão. Na presença da médica Maria de Lourdes Pedroso fez o sangue parar na curva do maxilar do paciente, no momento exato em que devia escorrer pelo pescoço.
8. Arigó identifica pessoas entre o povo, inclusive médicos que pretendiam observar anonimamente os fenômenos, como ocorreu com a médica psiquiatra referida no item acima.
9. Arigó limpa a faca ou o bisturi nas mãos dos circunstantes ou em suas roupas e depõe nas suas mãos as peças anatômicas extraídas. Na presença da psiquiatra acima referida limpou o bisturi na blusa de uma moça e a blusa não ficou suja, embora o bisturi ficasse limpo.
10. Arigó produziu na presença do médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho a cicatrização imediata de uma incisão para extração de quisto sinovial, deixando no lugar "apenas uma leve cicatriz."

Todos esses fenômenos são de natureza evidentemente paranormal, testemunhados pelos médicos e por milhares de pessoas de todos os graus de cultura que têm ido à procura do sensitivo. Outros fenômenos, como o aparecimento de líquidos em mechas de algodão, nas mãos de Arigó ou de pessoas que o ajudam, inclusive médicos, e o movimento de instrumentos

cirúrgicos sem contato do médium, são relatados por centenas de pessoas.

b) Balanço das operações

As operações relatadas pelos médicos que depuseram nesta série foram as seguintes:

1. Pterígio, nos depoimentos do oftalmologista e cirurgião ocular Sérgio Valle, que citou como testemunha o seu colega Peri Alves Campos; do especialista em cirurgia geral, Ary Lex; da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso.
2. Catarata, no depoimento do cardiologista José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, que mencionou uma técnica de raspagem. O médico Ladeira Marques, do Rio, na citação que fizemos, refere-se à extração do cristalino. Essa contradição aparece em numerosos relatos, parecendo que Arigó emprega duas técnicas diferentes, em ocasiões diversas. Ouvimos de uma jovem oculista a acusação de que Arigó usa uma técnica de raspagem, empurrando o cristalino de maneira perigosa, para dentro da órbita, segundo um velho processo chinês. Este é um caso curioso a ser esclarecido.
3. Sinusite, com perfuração do assoalho do seio frontal, no depoimento da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso, confirmando um dos episódios do relato de nossas observações pessoais.
4. Quisto sinovial, drenagem sem fechamento do corte, no depoimento do cirurgião Ary Lex; extração, com fechamento e cicatrização paranormal imediata no depoimento do médico Hortêncio de Medeiros Sobrinho.
5. Lipoma, duas extrações no depoimento do cirurgião Ary Lex, que cronometrou uma delas, verificando que foi realizada em apenas trinta segundos.
6. Fundo de olho, com protrusão ocular restabelecendo a visão de um cego desde a infância, no depoimento do médico Hortêncio de Medeiros, que não pode precisar a natureza exata dessa intervenção. Também o médico Ladeira Marques, do Rio, refere-se a uma operação semelhante.

7. Surdez, com introdução de uma pinça envolta em algodão nos ouvidos do paciente, sem extração de cera ou de qualquer outro elemento. O algodão saiu apenas manchado de serosidade amarelada, e o paciente ficou ouvindo. Depoimento do médico Hortêncio de Medeiros Sobrinho.

c) - Casos de cura

Os casos de cura relatados pelos depoimentos médicos desta série são os seguintes:

1. Câncer, cura radical por receituário de uma paciente de 28 anos, casada, no depoimento do médico Hortêncio de Medeiros Sobrinho. Caso comprovado com exames e operações anteriores, exames e operações posteriores. Cura radical, numa paciente de 30 anos, casada, no depoimento do médico Oswaldo Lidger Conrado. Caso comprovado, como o anterior, mas não por operação posterior. Devemos juntar a este item o importante caso de remissão do processo canceroso num paciente médico, de 72 anos de idade, relatado pelo médico Oswaldo Conrado, e o caso de cura radical de câncer da laringe que serviu de ilustração a um de nossos artigos no *Diário de S. Paulo*, relatado pelo próprio paciente, o cirurgião-dentista Otto Teixeira de Abreu, consultório à rua Riachuelo, nesta capital. Caso comprovado anteriormente por quinze radiografias, uma laringoscopia e uma biopse.
2. Cura à distância (Arigó em Congonhas e o paciente em Salvador, na Bahia) de um caso de uremia em estado de coma, no depoimento do médico Oswaldo Conrado. Esse caso envolve também o fenômeno de precognição ou premonição, tendo o sensitivo anunciado a vinda futura do doente a São Paulo, que se confirmou.

d) Observações finais

O caso do dentista Otto Teixeira de Abreu não figura em nenhum dos depoimentos médicos, mas incluímo-lo no balanço porque figurou como legenda de clichê ilustrando uma de nossas reportagens. Caso importante pelas comprovações de laboratório, foi motivo também de uma reportagem de Moacyr Jorge publicada pelo *Diário da Noite*, edição de 20 de dezembro de 1961. O último médico que tratou do caso, antes da cura produzida por Arigó, foi o Dr. Antônio Corrêa, com consultório à Praça da República em São Paulo.

No balanço das operações fizemos referência a uma divergência quanto às técnicas empregadas por Arigó na operação de catarata. A oculista que nos falou a respeito nada observou em Congonhas e não quis fazer-nos nenhum depoimento, mas o Dr. Medeiros Sobrinho parece citar um caso de raspagem. É possível que Arigó empregue as duas técnicas, conforme os casos a tratar ou segundo as influências atuantes no momento. Isso, longe de desprestigiar o médium, enriquece a sua fenomenologia. Como podia Arigó conhecer a velha técnica chinesa ao mesmo tempo que a técnica moderna? Quanto a esta última como vimos, há documentário cinematográfico. Está suficientemente provado que o sensitivo a emprega.

Não obstante é necessário compreender que o emprego de uma determinada técnica é feito apenas em linhas gerais. Como acentuou o Dr. Medeiros Sobrinho, o médium parece não respeitar, nem nas operações, nem no receituário, as normas comuns. O médico Sérgio Valle declarou-nos, a respeito, que Arigó emprega "uma supermedicina", e por isso assusta os próprios médicos. Essa conclusão decorre da verificação pelo médico, de ocorrências espantosas na ação paranormal de Arigó.

Convém lembrar, por fim, que Arigó não usa nenhuma panaceia. Ele mesmo adverte a muitos doentes que não poderá curá-los e lembra sempre o karma, ou seja, a lei de causa e efeito da concepção reencarnacionista. Aceite-se ou não a existência dessa lei, o fato é que Arigó não pretende curar a todos os doentes. Para muitos o seu receituário tem apenas efeito moral ou destina-se a minorar sofrimentos. Isso não invalida os espantosos casos de cura por ele realizados. É preciso, enfim, compreender o sensitivo como um ser humano falível e não como um ser mitológico ou divino. Já é muito que ele esteja entre o homem e o divino, superando aquele mas

ficando abaixo deste.

Os adversários de Arigó procuram desesperadamente casos de falhas no diagnóstico, no receituário, nas operações. As falhas existem ou parecem existir num caso ou noutro, mas sempre em casos de segunda importância. Fossem importantes e estariam expostas nos jornais, no rádio, na televisão, denunciadas à Polícia e à Justiça. Arigó não é um taumaturgo. É apenas um indivíduo dotado de faculdades paranormais, e dotado em alto grau. Mesmo os maiores dotados podem falhar, pois a criatura humana não goza de infalibilidade. O que interessa em Arigó não são as suas possíveis falhas, mas os seus acertos, que são muitos. Veja-se o que diz a sentença que o condenou: milhões de doentes passaram pelas suas mãos, e nenhum, até hoje, quis levá-lo à justiça. Nem mesmo os seus algozes encontraram os Judas de que necessitavam para enriquecer o processo que lhe moviam. Não é isso extraordinário? Não basta isso para mostrar que estamos diante de ouro de lei — puro ouro das Gerais — no campo difícil do paranormal?

Encerramos este trabalho anunciando o próximo, no qual daremos a visão nova do Caso Arigó, incluindo as pesquisas da equipe de cientistas norte-americanos e os resultados parciais já divulgados. Há aspectos curiosos da mediunidade de Arigó e do seu trabalho diário em Congonhas, que pudemos observar e registrar. Nosso objetivo é contribuir com dados seguros e informações honestas para a melhor compreensão dos casos desta natureza, da maior importância no campo do conhecimento e tristemente negligenciados em nossa terra.

Bibliografia sumária

Sobre o Caso Arigó:

Valério, Cícero - *Fenômenos Parapsicológicos e Espíritas*, Editora Piratininga, S. Paulo, 1962.

Rizzini, Jorge - *José Arigó, revolução no campo da mediunidade*, Edição "Cidade da Criança", S. Paulo s/d.

Lopes, Jair Leonardo - *Em Defesa de Arigó* - B. Horizonte, 1965.

Sobre Parapsicologia:

Rhine, Joseph - *The Reach of the Mind* - W. Sloane, New York, 1947.

Rhine, Joseph - *New World of the Mind*, William Sloane Associates, N. Y., 1953.

Amadou, Robert - *La Parapsychologie*, Editions Denoel, Paris, 1955.

Ehrenwald, Jan - *A Study of Telepathy In Interpersonal Relationships*, George Allen, Londres, 1954.

Sobre Metapsíquica:

Richet, Charles - *Traité de Metapsychique*. Félix Alcan, Paris, 1922.

Crawford M.W. J. - *Experiments in psychical science*, London, Watkins, 1919.

Mecânica Psíquica. S. Paulo, Lake, 1963.

Bozzano, Ernesto - *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*, Ed. Europa, Verona, 1946.

Morselli, Enrico - *Psicologia e Espiritismo*, Fratelli Bocca, Torino, 1908 (2 vols).

Zollner, Friedrich - *Física Transcendental*, FEB, Rio, 1908.

Schrenk-Notzing, Albert - *Les Phénomènes Physiques de la médiumnité*, Payot, Paris, 1925.

Psicologia e Psicologia Social:

Kardiner. A. - *The Individual and his Society - The Psychological Frontier of Society* N.Y., V. fund., 1945, 1949.

Linton, Ralph - *The Cultural Background of Personality*, Appleton Century, 1945.

Lewin, Kurt - *A Dynamic Theory of Personality* N.Y. Mc Graw-Hill, 1935.

Nuttin, Joseph - *Psicanálise e Personalidade* Agir. Rio, 1955.

Krestschmer E. - *La structure du corps et le caractere* Paris, Press Un. 1930.

